

Bergmann

Clarissa Lester

*Para os quartetos,
tercetos,
duos,
e para os solos de guitarra.*

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

Carlos Drummond de Andrade

*Brasília,
DF*

It was.

It was raining.

It was raining when we first met.

Raining like crazy.

I was curious about him. I was curious about that man in front of me. His strange socks and shoes. I was intrigued by his look too. It was raining. It was raining when we first met. A chuva começava devagar, preguiçosa. Then it was like the world could end. Eu não tinha um guarda-chuva, tudo o que eu tinha eram algumas memórias, nas quais me afoguei.

Um vento forte dobrava os galhos dos coqueiros, derrubava outros galhos, arrasando casas, carros e bicicletas. As buzinas do trânsito soavam exigentes, ríspidas. Transeuntes agitados procuravam abrigo, nesse cenário externo, mas próximo. Presa ali, no saguão do prédio, eu avaliava a situação caótica que me esperava do lado de fora. Muita gente já se acumulava ao meu redor, todos analisando as mesmas possibilidades, esperando uma brecha para escapar.

Foi assim que, chocados, todos nós acompanhamos a entrada violenta de um motoqueiro irresponsável. Ele cruzou o trânsito num piscar de olhos, cometendo infrações diversas. Quase atropelou duas pessoas que tentavam desesperadamente controlar seus guarda-chuvas, subiu a calçada e parou bem em frente à porta que encarávamos hesitantes. E quando percebemos, já desligava sua motocicleta gigante na entrada, obstruindo a passagem que ainda não havíamos decidido se utilizariamos. Grosseiro, alguns ao meu lado acusam. Outros, levantando o tom de acusação e reprovação, lançam palavrões em sua direção. Mas ele não pôde ouvir nada disso do lado de fora.

A mente humana é realmente interessante, antes da chegada do motoqueiro mal-educado, nenhum de nós estava realmente disposto a arriscar-se pelo temporal, mas foi só a porta ser obstruída que uma vontade inexplicável de sair impeliu parte do grupo a exigir passagem. O motoqueiro ignorou a exigência inicialmente, mas então desceu daquele trambolho enorme, deu a volta e ficou ao seu lado, encarando-nos pelo vidro. O grupo do lado de dentro deteve-se por um momento. O homem de preto do lado de fora parecia enorme, assim como sua motocicleta. Embora seus gestos parecessem calmos, algo me dizia que nada de bom sairia daquele pequeno confronto.

Tive ainda mais certeza disso quando ele retirou o capacete, segurando-o firmemente na mão direita. Enquanto parte do grupo recuava um passo, outra parte retomava os xingamentos e demonstrações de indignação. E eu ali, analisando o rosto agora descoberto, o cabelo molhado grudado ao pescoço e à testa dele, e um sorriso estranho que me deixou com medo. Do lado de fora, ele recuou um passo. Eu recuei outro do lado de dentro.

Como se antecipasse, por um milésimo de segundo, o que aconteceria, eu protegi meu rosto. Foi bem no momento em que ele ergueu a mão com o capacete e atirou-o violentamente contra a parede de vidro. Ouvi gritos e correria, alguns esbarraram em mim, cujo corpo atrapalhava sua fuga, ouvi outros xingamentos, a

cólera exalando pela linguagem. Abri os olhos, no susto. Um grupo de homens empurrava a porta, numa tentativa de derrubar a motocicleta que atrapalhava o caminho. Algumas mães protegiam suas crianças, meros visitantes, lugar errado, hora errada. Pessoas iradas encaravam o estranho, que apanhava seu capacete danificado no chão. Ele estudava calmamente os danos causados ao objeto. Em seguida, ignorando as pessoas furiosas dentro do prédio, percorreu sua mão esquerda pelo ponto da parede atingida por seu capacete, avaliava o estrago. Tinha uma expressão intrigada. Então, quando pareceu satisfeito com o que havia feito, ergueu o indicador direito para o grupo que tentava abrir a porta, como se pedisse um instante, colocou novamente seu capacete, agora arruinado, viseira quebrada, arranhões por toda parte, subiu em sua motocicleta, acelerou com fúria e partiu. A chuva ainda caía violentamente do lado de fora.

Quando a confusão passou, eu fui para casa. Conseguí escapar do pandemônio todo: depoimentos, boletim de ocorrência policial, interrogatório dos meus superiores no ministério. Fazia poucos meses que eu havia sido transferida para aquela unidade, eu não queria me envolver em nada daquilo, eu não queria perder outra noite de sono, a troco de nada. Talvez no dia seguinte fosse questionada pelos meus colegas, talvez fosse criticada por não ter ficado com eles para dar apoio durante todo o processo, sei que alguns deles me viram no saguão momentos antes do motoqueiro louco aparecer, mas a opinião deles não me importava muito. Se eu pudesse ter mais algumas horas de sono, nada importava.

Tive um pesadelo naquela noite: o capacete quebrava o vidro e me alcançava diretamente no rosto. Então um homem muito maior e mais forte que eu caminhava na minha direção, estilhaçando os cacos de vidro no chão com suas botinas enormes. Ele caminhava lentamente em minha direção, caída ali, o que eu podia ver claramente era apenas botinas pretas aproximarem. Então as cenas mudavam, eu ouvia o som dos meus próprios sapatos num corredor deserto, usava scarpins vermelhos. Mas os saltos se partiam em algum momento, e outra vez eu me encontrava no chão.

A cena mudava de novo, eu ainda estava no chão, porém, era uma versão de mim quando criança, esperava meus pais terminarem mais uma briga, tentava tampar os ouvidos com minhas mãos pequenas. Ainda assim, podia ouvir os trovões estrondosos e meus olhos fechados não faziam desaparecer os relâmpagos assustadores que iluminavam o cômodo após a queda de energia. Luzes piscavam, vozes feriam. O mundo parecia prestes a acabar. Eu torcia para que acabasse.

Geralmente, as brigas dos meus pais eram verbais, mas tão enfurecidas que eu ficava esperando o momento em que partiriam para a agressão física. Então, mãos rígidas se fecham em torno dos meus braços. É o meu pai, falando que vou passar uma semana na casa dele, com a família dele, porque a minha mãe tem um novo namorado e não me quer. Ela corre em nossa direção, acusando meu pai de um monte de coisas que não entendo muito bem. Suas figuras são monstruosas, assim como as sombras que projetavam na parede. Já estou acostumada com isso, mas ainda sinto muito medo.

Eu fui um erro na vida deles, uma gravidez não desejada, assustou a todos, meu pai e sua esposa traída, seus dois filhos, minha mãe e o marido que a deixou, minha irmã mais velha cujo pai eu espantei com minha existência, meus avós, tios e tias, paternos e maternos. Enfim, fui um problema imenso na vida deles, um problema que precisavam resolver constantemente, um problema para as duas famílias. Um problema aparentemente sem solução.

Acordei assustada, tomei um pouco de água e tentei dormir novamente, mas o sono evaporou, como fazia constantemente agora. Caminhei até a sacada do meu pequeno apartamento e fiquei admirando a cidade noturna. Essas luzes sempre me encantaram, eu preferia a noite. Durante o dia há sempre muita gente para lidar, com quem sou obrigada a conversar e até mesmo sorrir, mas as noites geralmente são calmas. Uma chuva fina começa a cair, meu relógio de cabeceira mostra que tenho menos de três horas para dormir, se eu puder encontrar meu sono de novo.

Apesar de uma vida muito triste, eu estava feliz agora. Tinha um bom emprego, tinha meu próprio espaço para viver, ganhava o suficiente para me permitir alguns pequenos luxos. Podia comprar roupas e sapatos bonitos, podia viajar de vez em quando, podia comer num restaurante bom, podia pagar bons vinhos. Acima de tudo, não preciso ver nenhum deles mais, ganhei minha liberdade. Essa vida é muito mais do que imaginei que pudesse ter um dia, é boa. Esses pequenos privilégios me deixavam feliz, são quase um milagre quando examino minha vida em retrospectiva.

*Costa do Sauípe,
Bahia*

O ronco emitido pelo motor do buggy era tudo o que podíamos ouvir na extensão das dunas. Na sequência, aquele tão familiar frenesi de risos. Beto acelerou ainda mais, eu bebi o último gole da vodca e arrisquei ficar de pé, apesar de todos os solavancos. Por algum motivo, talvez o álcool ingerido nas últimas duas horas, ser lançada para frente e para trás por repetidas vezes era emocionante. A minha pele queimava sob o sol e essa era uma das sensações mais gostosas do mundo.

“Acelera Beto!”, Rafa gritou pela enésima vez, bem ao meu lado agora. “Temos que chegar antes daqueles otários!”

Beto respirou fundo, como se estivesse se preparando para uma briga. Pensei que invocaria a proteção de Nossa Senhora da Aparecida naquele momento, mas não teve tempo. Tínhamos que ganhar aquela corrida, sobretudo agora que acabávamos de ser ultrapassados.

Rafa deixou-se cair, decepcionada, no banco traseiro.

“É só cortar caminho, Betozinho!”, eu afirmei, embora não fizesse ideia do que estava falando; a cabeça começava a girar. “Vamos! Você consegue!”, implorei, desejando que Beto adivinhasse o caminho ao qual eu me referia, por onde nunca passei.

Dois celulares começam a tocar, músicas distintas, mas ambas estridentes. Manu atende um deles. Olha para mim com a expressão de quem não ouve nada do está sendo dito no outro lado da linha. Desliga o telefone e o joga num canto. Em seguida puxa o braço de Rafa para que ela se junte a nós. Ali, balançamos e cantarolamos desordenadamente versos improvisados e sem muito sentido:

*Beto é um bom guerreiro
Beto não é cavalheiro
Beto tem que correr
Beto, nós temos que vencer!*

*E, Beto?
Pise no acelerador
Vamos passar o Intimidador!*

Voltamos ao frenesi de risos em instantes. Beto segue nosso conselho e logo estamos em vantagem novamente. Não conhecíamos ninguém do grupo adversário, nem sequer sabíamos como eles se tornaram adversários, infelizmente para eles, formávamos, sobretudo naquele instante, um grupo difícil de lidar.

Beto era dono de um espírito muito competitivo, uma vez mordido o osso, era praticamente impossível soltá-lo, azar dos coitados para os quais acenávamos pelo retrovisor. Rafa aproveitava cada oportunidade ao máximo, sobretudo quando se tratava de curtir a vida, segundo ela, nunca sabemos o que pode acontecer se decidirmos esticar o dia mais um pouco, então era comum amanhecermos na rua, após invadir a festa ou o carro de alguém ou, como naquele caso, desafiar um grupo de pessoas desconhecidas a uma corrida insana pelas dunas apenas porque o motorista

do outro veículo nos encarou e riu. Ele traçou seu destino com esse gesto, e quando ganhou o apelido “intimidador” em nosso grupo, estava condenado. Rafa sempre conhecia muitas pessoas, algumas meio loucas, era sempre muito amigável e espontânea, eu nunca entendi direito essa sua habilidade, para mim era uma habilidade quase sobrenatural. Já Manu, geralmente a mais tímida e preocupada com consequências, não se importava com muita coisa naquele dia, fazia meses que tentava adotar um pouco da filosofia de vida de Rafa, então correr atrás daqueles desconhecidos pelas dunas não seria algo com o qual ela se importaria agora. E havia eu, claro, tão bêbada naquele momento que seria incapaz fazer qualquer julgamento racional.

Por um instante, naquele fim de tarde, enquanto corriamos e gritávamos, observei o sol preguiçosamente começar a se pôr. Então todo aquele barulho se distanciou também, até não passar de ruído. Meus olhos ardiam. Perdi a noção do tempo em que observei aquele pôr do sol. Foi só um instante, mas poderia ter sido uma eternidade. Por motivos completamente desconhecidos, eu sorria. Estava noutro lugar, sozinha, ouvindo o mar e queimando sob o sol. O caminho até ali fora árduo demais, mas eu podia descansar por um segundo. Talvez fosse o álcool. Era como uma experiência extracorpórea, minha mente viajava para um lugar que o corpo não podia alcançar.

O buggy parou com um último solavanco, fazendo com que eu retornasse ao meu corpo. Beto e as meninas desceram barulhentos, comemorando a vitória. Minha cabeça ainda girava, eu enxergava tudo meio desfocado. O grupo adversário se aproximou, apresentaram-se. Notei a presença de duas meninas, uma loira, outra morena, e dois rapazes que pareciam bem maiores que elas. Um deles não tirava os olhos de Beto, conversavam animados demais, muito próximos um do outro, e minhas amigas já falavam com as outras duas garotas como se fossem colegas de infância. Enquanto isso, eu tentava fazer minha cabeça parar de girar, tentava também controlar meu estômago, sem muito sucesso. Não demorou muito, alguém me apanhou pela cintura e me fez descer do veículo, provocando enjoos.

Tentei focar o rosto do homem que ainda me segurava pela cintura, provavelmente impedindo que eu caísse como uma fruta podre, mas quando eu erguia o rosto em direção ao dele, tão mais acima do meu que parecia inalcançável, o sol ofuscava minha visão, já prejudicada por conta da bebedeira. Então, tudo o que eu podia ver era uma silhueta enorme.

“Você vai vomitar?”, ele me perguntou, meio sarcástico, meio preocupado.

Balancei negativamente a cabeça, mas não foi uma ideia muito boa.

Em instantes, Rafa estava ao meu lado, e as mãos do estranho sumiram do meu corpo.

“Amiga, você está bem?”, ela soava preocupada.

“Estou, estou, estou muito bem”, gaguejei como uma idiota.

Ouvi muitas vozes diferentes gargalhando, numa cacofonia que também incluía as vozes dos meus amigos. Beto me acusou por ter bebido demais.

“Só foram duas vodcas!”, protestei, enrolando a língua.

“Duas garrafas?”, debochou Beto.

“Não! Foram só dois golinhos!”, tentei explicar, em vão, porque eles riram de mim outra vez.

Então eu procurei um lugar para me deitar, a areia morna estava uma delícia. Balbuciei uma apresentação para o grupo perdedor e disse que tiraria uma soneca. Alguém colocou óculos de sol em mim, acho que foi Manu. Ainda ouvi meus amigos conversando animadamente com os perdedores antes de combinarem um mergulho. Rafa sussurrou alguma coisa antes de partir, mas não entendi direito. Estava com muito sono, desejando que a cabeça parasse de girar um pouco. Prometi a mim mesma que nunca mais beberia vodca na minha vida.

Algum tempo depois, alguém me despertava e me ajudava a sentar na areia. Quando consegui enxergar direito, vi que estávamos só eu, Manu e Rafa naquela parte da praia. Entardecia, escurecia.

“Por quanto tempo eu dormi?”, perguntei levemente chocada, com a garganta seca.

“Por quase uma hora”, Manu respondeu.

“Cadê todo mundo? Cadê o Beto?”

Rafa deu um sorrisinho que eu conhecia muito bem.

“Fala, Rafa!”, implorei.

“Ele foi numa festa no apartamento de um colega do Heitor”. Rafa deve ter visto uma enorme interrogação no meu rosto, porque completou sua resposta: “Heitor, o Intimidador, acredita? Aquele traidor foi se juntar aos inimigos! Disse que nos encontra no luau de mais tarde.”

“É o cara que não tirava os olhos dele, o motorista do outro grupo?”, perguntei, imaginando coisas.

“Você estava em condições de ver isso?” Manu debochou.

Rimos, e minha garganta seca protestou.

Rafa me entregou uma garrafinha de água. Jurei amor eterno a ela nesse momento. Quase chorei de emoção.

“Credo! Para de me olhar assim!”

“Eu te amo”, choraminguei.

“Não diga o óbvio, por favor.”

Manu bateu palmas, chamando nossa atenção, trocou um olhar zombeteiro com Rafa, então ambas me encararam profundamente.

“O que foi?”, perguntei perdida.

“Você quer informações sobre o bonitão que te pegou no buggy como se você não pesasse nadinha?” Manu ofereceu, maliciosa.

“O quê?”, eu fingi ignorância.

“Não se finja de sonsa!”, ordenou Rafa.

Eu suspirei.

“Não quer saber o nome dele?”, provocou Manu de novo.

“Não, eu não quero não”, garanti, embora não tivesse certeza sobre isso.

Elas duvidaram da minha resposta, estavam certas sobre isso, mas não insistiram no assunto, pelo menos por um brevíssimo minuto.

Manu se levantou.

“Precisamos voltar para o hotel, meninas. Eu preciso urgentemente de um banho”, declarou.

Rafa me ajudou a ficar de pé, subimos as três no veículo. Rafa assumiu o volante e logo retornávamos ao hotel sob um entardecer espetacular. Durante o caminho, elas não pararam de me torturar com as piadinhas bobas que me faziam morrer de rir.

“Rafa!”

Assim que ela se volta para mim, eu lhe molho inteira, mangueira apontada em sua direção, como uma arma. A ideia inicial era que tirássemos a areia do corpo, mas aquilo foi muito além. Tornou-se uma verdadeira guerra. Minha amiga pareceu chocada por muito pouco tempo, porque revidava energicamente no instante seguinte.

“Gente bêbada é mesmo um problema!”, ela me acusa, enquanto eu tento fugir da sua fúria.

Algum tempo depois, arfando, caímos na calçada. Desfrutamos do silêncio por um momento, então Manu o interrompe ao tecer um comentário.

“Hoje foi incrível, meninas.”

Pelo seu tom de voz, tanto eu como Rafa já sabíamos o que viria em seguida.

“Mas ainda não acabou”, garanti. “Só está começando. Temos um grande luau pela frente.”

“E vamos conhecer alguns boys seminus”, afirmou Rafa, fazendo com que caíssemos na gargalhada.

“Tomara que eu encontre um”, disse Manu meio triste, meio só por dizer, porque dificilmente ela se aproximaria por livre e espontânea vontade de um homem seminu. Eu até podia ver suas bochechas queimarem de vergonha.

Automaticamente, lembramo-nos de seu término recente. Ano passado ela acabou se apaixonando por um idiota e, conforme já esperávamos, não terminou nada bem. Para piorar, isso só trouxe outras memórias dolorosas, como a traição de seu ex-noivo, cinco anos antes. Ela demorava mais para curar seu coração, quando partido. Nenhuma cicatriz curava com facilidade, mas eu sempre acreditei que as feridas da minha amiga eram mais difíceis de lidar. Ela via o mundo de forma muito ingênua, muito generosa. O mundo não era um lugar muito bonito, não era nada fácil sobreviver nele, sobreviver a ele. Manu era constantemente enganada por vendedores ou pedintes na rua, às vezes por sua própria família e amigos.

Ela era forte, mas eu nunca conseguia ficar em paz quando ela começava um relacionamento. As pessoas ao seu redor possuíam uma inclinação diabólica para enganá-la ou fazê-la sofrer, mas ela nunca conseguia devolver o favor na mesma

moeda. Nunca era rude, não gritava com ninguém, não sabia demonstrar sua insatisfação ou desaprovação. Talvez estivesse apenas vivendo de acordo com suas próprias crenças, talvez tivesse sido privada de um ambiente em que pudesse demonstrar suas emoções sem ser penalizada ou criticada por isso. Eu não sei, mas conheço o sentimento de raiva que queima meu rosto todas as vezes em que alguém lhe faz sofrer. Eu queria estrangular seu ex-noivo com minhas próprias mãos. Mas acima de tudo, eu queria que Manu fosse capaz de sentir essa raiva, que fosse capaz de xingar Daniel, de lhe dizer as coisas horríveis que eu acreditava que ele precisava ouvir depois de enganá-la daquela forma asquerosa.

“Manu, não é momento para isso!” Rafa protestou. “Você é linda, inteligente e amorosa! Quem perdeu foi aquele otário e é bom você saber disso, ouviu?” Rafa se levantou puxando Manu ao mesmo tempo. “Esqueça aquele imbecil, ele não te merece nem um pouquinho.”

Abraçaram-se.

Eu sempre ficava admirada com aquele discurso feminino previsível, pelo menos em situações como essa. Embora soasse cliché demais, ajudava um pouco, se a garota tivesse sorte. Se o discurso funcionasse, ela podia se sentir única e especial. Podia esquecer a verdade nua e crua: ela foi rejeitada, não quiseram lhe amar, não a quiseram, ela foi trocada por outra mulher, mais bonita, mais inteligente, melhor na cama, talvez mais rica. Era tudo uma grande mentira, uma grande farsa, os gestos e palavras de afeto, as promessas, não significavam nada no fim das contas. De toda forma, terminávamos como um trapo: trocada, abandonada, sozinha, rasgada.

Nesses momentos, parecia haver uma verdadeira guerra dos sexos, era um nós contra eles feroz e eterno, transformava todos os homens sobre a Terra em verdadeiros imbecis. Principalmente quando refém do álcool, eu podia esquecer facilmente qualquer julgamento decente, meus argumentos tornavam-se enviesados, meus preconceitos emergiam. De repente, muitos rostos desfilavam em minha cabeça, homens que haviam me machucado ou machucado mulheres próximas a mim. Eu me encontrava novamente com ferimentos expostos, mesmo quando não eram intencionais, mesmo quando eu fui a única responsável por eles. Mas era muito mais fácil culpar os outros, culpar a cultura, culpar meus traumas.

Deitada na calçada, eu ainda observava o céu. Escurecia muito, lua e estrelas apareciam, enfeitando nosso teto celeste. Eu não tinha resposta alguma. Era provável que os homens sofressem tanto quanto nós, mas por que parecia que suas traições eram sempre mais dolorosas? Talvez a resposta estivesse no meu passado. No mundo diante dos meus olhos, na forma como ele se apresentou a mim, sobretudo durante a infância e a adolescência, as mulheres eram ensinadas a suportar tudo, a perdoar tudo, eram criadas como seres que serviam e não como seres a quem se possa servir. Muitas vezes, eram tratadas como objeto, como uma aquisição, ornamentais ou de uso diário, para exibir ou usar, para se aliviar, talvez para tudo isso de uma vez só.

Eu detestava a apatia das mulheres com quem cresci, odiava a covardia dos homens que me cercavam. Algumas vezes, parecia que eu odiava tudo, só odiava, sem

explicação. Em certas ocasiões, eu desejava quebrar tudo na minha frente: vasos, copos, pratos, espelhos. Era como um impulso incontrolável, embora nunca tivesse me vencido completamente. Eu fora ensinada a ter um temperamento dócil, ninguém gostava de mulheres coléricas, mas havia limites para a paciência, não havia? Era realmente necessário reprimir tanto? De que adiantava escolher acreditar que nem sempre as pessoas traem por que são más? De que adiantava ser razoável, aceitar o assédio moral e sexual dos companheiros de trabalho apenas por que podia lidar com isso? Por que precisava aceitar as desculpas oferecidas em nome deles, sobretudo, explicações vindas de colegas mais velhas de casa? Elas explicavam tão perfeita e conviccentemente que não mudaríamos o mundo confrontando tudo, que a vida daqueles homens era medíocre, eles estavam sobrecarregados e suas esposas em casa não lhe davam a atenção devida, usavam um argumento de autoridade difícil de refutar: a experiência. Era sério mesmo que precisávamos engolir isso? De que adiantava engolir todas essas desculpas? De que adiantava tentar explicar o óbvio?

Talvez o que eu mais odiasse nessas situações fosse a condescendência dessas mulheres que, ao ocupar cargos mais altos, deviam proteger as outras, mas não protegiam. Não deve ter sido um lugar muito fácil de chegar, mas por que elas continuavam escolhendo viver dessa forma? Por que precisávamos entender e perdoar tudo? Então eu queria partir os móveis: cadeiras, mesas, computadores; e queria atirar coisas a esmo: grampeadores, canetas, copos. Eu queria ver tudo voando, queria ver tudo se partindo, queria ser a louca que eu escondia, mesmo que breve.

Estranhamente, eu ainda esperava encontrar o grande amor da minha vida, esperava viver uma experiência que me subtraísse o ar por um momento, como nas novelas, filmes e livros, produções que nos faziam facilmente esquecer a diferença entre realidade e ficção. Para alguém como eu, tão facilmente enganada pela ilusão dos finais felizes e ao mesmo tempo tão cética, seria um milagre construir um relacionamento de verdade. Mas eu não me importava muito com isso, continuaria vivendo minha vida do jeito que quisesse e pudesse. Quando se tratava do coração, eu preferia usar a máxima de Rafa: viver o dia, talvez alguma surpresa nos aguardasse.

Levantei bruscamente e me enfiei no abraço das minhas amigas, ajudei Rafa a secar algumas lágrimas de Manu.

“Fizemos uma promessa há cinco anos”, eu comecei. “Preciso que se lembrem dela agora, entendido?”, esperei a confirmação de ambas. “Vamos subir ao nosso quarto agora, vamos tomar um banho maravilhoso e vamos nos vestir de forma espetacular. Nós nos sentiremos maravilhosas, como de fato somos! Depois vamos descer para o luau e vamos aproveitar como se não houvesse amanhã!”

Elas riram de mim, mas não se opuseram.

Há cinco anos, quando o mundo desabou sobre nós, fizemos uma promessa de néscios: prometemos que nós seríamos incondicionalmente felizes.

Mais tarde naquela noite, nosso quarto foi invadido por uma música suave e vozes que gritavam. Adequadamente vestidas, descemos ao saguão, onde

encontramos Beto, Heitor e mais dois desconhecidos. Descemos para a praia. Era noite de lua cheia, e o mar ao nosso lado, agitado o dia todo, ia aos poucos se acalmando. Pessoas riam e dançavam, todas cheiravam a banho e a colônias frescas, cítricas. Pegamos algumas bebidas e fomos dançar também, acabei quebrando a minha promessa sobre a vodca. Eu só queria esquecer tudo por um instante, aproveitar o momento, deixar a música me conduzir. Fechei os olhos, era tudo perfeito ali. Meus melhores amigos estavam ao meu lado, numa viagem que finalmente conseguimos fazer juntos, depois de tantos problemas. Eles estavam felizes com suas vidas e escolhas, ou quase chegando lá. Era como um sonho, depois de tudo que enfrentamos.

Tocava Donavon Frankenreiter, minha música preferida do cantor, em seguida tocou Enrique Iglesias, Alabama Shakes, Maluma e até Kaoma, eu e Rafa deliramos, Manu morreu de rir da gente. Geralmente nem Rafa ou Manu ouvia esse tipo de música, mas elas conseguiam entrar no clima, aproveitavam como se fosse seu gênero musical predileto. E aquele era realmente mais um dos momentos perfeitos da vida.

Não muito longe de nós, Beto beijava uma loira. Lancei um olhar preocupado em sua direção, eu podia jurar que havia algo entre ele e o Heitor, muita coisa passou pela minha cabeça, mas eu resolvi deixar para pensar nisso depois. Beto sempre calculava muito bem o que fazia, ele não costumava ser impulsivo. Também não gostava muito das nossas opiniões não solicitadas sobre sua vida. Era como se ele sempre soubesse o que fazer, não precisava da gente para ajudar a decidir nada. Talvez fosse só uma questão de aceitar as próprias escolhas, ou esconder como se sentia porque detestava nossos rótulos. Talvez um dia eu pudesse entendê-lo melhor, mas teria que esperar.

Beto foi meu primeiro grande amigo, uma amizade que me obrigava a lugares difíceis de estar, como o meu passado, a minha casa, o meu coração. Ali, eu não podia evitar um reexame constante sobre meus próprios motivos, intenções e dúvidas. Ele me pressionava, porque se enfiava na minha vida, mesmo quando eu não permitia. E uma vez ocupando esses espaços, ele ia fazendo seus julgamentos, análises e críticas. Com o tempo, ele já era um desses lugares. Então eu comecei a fazer o mesmo, comecei a me enfiar em sua vida, sua casa, seu coração. Tentava habitar esses espaços também. Beto e eu nos acostumamos a habitar os espaços um do outro, mas sempre havia um cantinho impossível de alcançar, que nem eu ou ele queria ceder, queria deixar o outro entrar, e ficar. Aprendemos a respeitar isso, a respeitar que nem tudo precisa ser dito. Podíamos apenas confiar.

O relógio no meu pulso marcava onze horas e dois minutos. Estava cedo. A música continuava boa demais, fechei os olhos novamente. Não sei por quanto tempo fiquei daquela forma, aproveitando cada instante como se fosse uma eternidade. Quando abri os olhos novamente, Manu tinha desaparecido e Rafa sussurrava no ouvido de um homem que parecia ter sido esculpido por Michelangelo.

Revirei os olhos, rindo da velocidade da minha amiga, ela nunca perdia muito tempo. Fechei os olhos e continuei aproveitando a música. Novamente, não sei quanto tempo passou, mas em determinado momento eu senti alguém próximo a mim,

envolvido naquela mesma dança, o calor do corpo atrás de mim e a mão que alcançou minha cintura me despertou do transe imediatamente.

A primeira coisa que vi foi a mão que segurava minha cintura firmemente, me fazendo lembrar de antes, então segui um braço coberto por tatuagens e encontrei um peitoral mal escondido numa camisa florida de botões quase todos abertos. Ergui o olhar para seu rosto, muito acima do meu, e dessa vez pude vê-lo completamente.

Ele tinha um sorriso imenso no rosto, tinha lábios carnudos e uma testa larga, o cabelo castanho escuro estava quase na altura do ombro, algumas mechas caíam por esse rosto que eu não podia parar de analisar. Sua figura era imensa, me fazia lembrar de um urso. A mão que estava em minha cintura foi parar nas minhas costas nuas, numa altitude perigosa, que me fazia queimar. Eu quis protestar, acusar sua coragem de me tocar daquela forma, mas não consegui. As palavras simplesmente não saíram.

“Você está bem melhor agora”, ele disse, naquela voz de antes, me confundindo ainda mais. “Mas ainda não pode parar de beber isso, não é?”, apontou para o copo na minha mão direita.

“Eu sei quem é você”, eu consegui dizer, mas soou como uma acusação.

“Sabe?”, ele riu.

“Eu vi você mais cedo”, tentei explicar.

Ele reprimiu o riso com dificuldade.

“Que bom!”, era um deboche. “Eu podia jurar que você não conseguia enxergar nada naquela hora”.

Balbuciei alguma coisa que nem eu mesma consegui compreender, então me dei conta de que uma de minhas mãos ainda repousava no antebraço tatuado dele. Eu me afastei, ele me soltou. Estendeu sua mão direita.

“Bernardo”, ele disse, esperando uma resposta.

Hesitante, eu aceitei sua mão.

“E você?”, ele perguntou, como se me ensinasse como aquilo funcionava.

“Maria.”

“Maria”, ele repetiu devagar, como se analisasse a informação.

Mas antes que tivéssemos a chance de continuar a percorrer aquele caminho, uma nova música começou a tocar, e tudo estava terminado num segundo.

Seus olhos e seus olhares

Milhares de tentações

Meninas são tão mulheres

Seus truques e confusões

Se espalham pelos pelos

Boca e cabelo

Peitos e poses e apelos

Me agarram pelas pernas

Certas mulheres como você

Me levam sempre onde querem

Encarei Bernardo como quem pede socorro, uma expressão de confusão percorreu seu rosto. Ele aproximou um passo, eu recuei outro. Caramba, eu estava tão perdida! Muitas memórias me invadiam, eu não conseguia processar tudo de uma vez. Por que tinha que tocar essa música justo agora? As lembranças que me alcançavam pareciam pertencer a outra vida, a outra pessoa, mas eram minhas, eram inegavelmente minhas. Meus olhos se encheram de lágrimas.

*Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos*

“Desculpe, Bernardo”, eu disse sem graça. “Eu preciso ir agora, muito obrigada por me ajudar mais cedo.”

Eu precisava sair dali imediatamente, não quis avaliar sua expressão, não conseguia pensar em muita coisa. Sem esperar qualquer resposta, apenas parti. Deixando a vodca para trás, eu caminhei pela praia sem rumo, procurando distanciar do maior número de pessoas possível. Aquela música estragou tudo! Era para ser a minha noite perfeita! Quando as ondas do mar soavam mais alto que a música agora ao longe, eu retirei minhas sandálias e continuei caminhando pela areia.

Já passava da meia-noite, mas eu ainda vagava pela praia. Em algum momento, cansada, eu me deitei ali. As estrelas estavam tão lindas! Tentei lembrar de alguma história sobre constelações, mas não podia evitar os pensamentos intrusivos. Suspirei, evitando as lágrimas represadas.

A sensação é de que eu havia perdido algo, permanentemente. Gostaria de não me sentir tão melancólica naquele momento, mas parecia impossível não me sentir assim agora. Fui incapaz de mesurar o tempo dali em diante, os pensamentos desorganizados e incontroláveis me dominaram, tive muito trabalho para não chorar convulsivamente, eu não conseguia compreender minhas emoções.

Algum tempo depois, após o que pareceu uma eternidade solitária, alguém se deitou ao meu lado na areia. Eu sabia perfeitamente quem era.

“Amiga?”, ela chamou.

“Oi, Rafa.”

“Você perdeu sua chance com o gostoso do Bernardo, sabia?”, ela suspirou profundamente. “Quando saí pra te procurar ele já estava quase engolindo outra menina.”

“Essa foi rápida, não foi?”, eu ri, sem muita emoção.

“Por que você está aqui?”, ela quis saber, quase exigente.

“Não tenho certeza.”

Ela deixou o silêncio nos embalar por um tempo.

“Não é tão fácil assim seguir os próprios conselhos, não é?”

“Não, não é”, respondi. “Pensei que eu também conseguiria lembrar da nossa promessa até o fim, como pedi para vocês fazerem.”

“Eu sei que é mais difícil para você”, Rafa disse com cautela, estragando tudo em seguida: “Porque você é teimosa como uma mula, amiga.”

“Muito obrigada, era tudo que eu precisava ouvir agora.”

“Não se ofenda, mas é verdade”, ela pausou brevemente. “Você nunca esqueceu o que aconteceu, precisava colocar um ponto, final, mas colocou três. Se você não deixar isso, vai acabar com você. Sabe disso, não sabe?”

“Ele não tinha nada demais”, eu menti.

“Devia ter alguma coisa, e você sabe o que é, ou não teria fugido daquele gato do Bernardo na primeira oportunidade”, ela suspirou forçadamente. “Só não devia ser um corpo atraente, porque o menino era uma vareta!”

Eu ri, querendo chorar.

“Rafa, volta para o luau”, implorei. “Não desperdice sua oportunidade com o pedaço de mau caminho com quem trocava sussurros.”

Ela riu.

“Não desperdicei, eu já garanti o grandão”, afirmou, sentando-se na areia e me obrigando a olhá-la. “Mas preciso que fique bem também.”

“Eu estou.”

“Faz cinco anos que você me promete que vai ficar bem”, ela acusou. “E faz cinco anos que quebra essa promessa.”

Suspirei, ela estava impossível hoje.

“Rafa, volta para sua noite. Eu só preciso de um tempinho aqui, eu estou bem. Não se preocupe.”

Ela ainda se delongou ali, indecisa.

Quando Rafa partiu, eu fiquei a sós com meus pensamentos e melancolia. Talvez eu escrevesse um livro, havia muita coisa a ser dita. Talvez pudesse ser de autoajuda. Talvez eu conseguisse alertar as pessoas a não confiarem em olhos pequenos e castanhos. Enxergando esses olhos pela memória, eu adormeço. Estava acostumada demais a dormir daquele jeito, isso não podia ser bom sinal. Acordo algum tempo depois, com o barulho de Manu, Rafa e Beto e todos os litros de vodca que carregam. Acho que o luau acaba de vir até mim.

*São Paulo,
Zona Leste*

O avião sacolejou bastante no retorno a São Paulo, eu mal tirei um cochilo. Amanhã, meus dias de cão estariam de volta. Era preciso preparar para encarar novamente aquela rotina ensandecida. Eu trabalhava num grande escritório de advocacia na zona leste da cidade, esperava me tornar sócia dele em breve, por isso, precisava trabalhar mais do que todos os meus colegas; precisava trabalhar como se não houvesse amanhã. Eu já nem sabia por que ainda fazia isso, por que ainda era tão ambiciosa, mas uma vez que coloquei o projeto em curso, eu precisava continuar girando a engrenagem, até ver o que acontecia. Então amanhã minha rotina estaria de volta: ambientes assépticos, muito café, saltos barulhentos em pisos diferentes, muitas repartições públicas, muita burocracia, risos forçados, pessoas mentindo e eu me obrigando a acreditar nelas.

De vez em quando, eu sou acometida por um sentimento absurdo, algo como uma nostalgia, geralmente dolorosa. Como se eu sentisse falta da minha vida de antes, da vida numa cidade pequena no interior de Minas Gerais. Faz muito tempo que saí daquele lugar, e quando penso nisso, eu me dou conta de que nunca estive realmente lá. Estava sempre pensando no futuro, pensando em sair definitivamente de casa. É absurdo que após finalmente conseguir o que queria eu sinta falta do que deixei para trás. Talvez eu esteja fadada a sempre viver como se alguma coisa faltasse, como se o meu futuro faltasse no meu passado e o meu passado faltasse no meu presente.

Daqueles dias, o que mais sinto falta é do sentimento de constante autodescoberta. Eu me descobria na medida em que observava os outros, e isso era fascinante. Outro dia, eu ouvi algo interessante, disseram que aos vinte anos nos desvinculamos do controle e da influência exercida em nós pelos nossos pais, e aos trinta não podemos culpar mais ninguém. Eu estava nesse momento de transição, num momento crítico em que não havia ninguém mais para culpar, mas eu ainda não podia aceitar toda a culpa. Um pouco a contragosto, eu permitia que algumas lembranças me invadissem, aceitava me perder um pouco, nesse que foi um dos períodos mais marcantes em minha vida.

De repente, eu que não amava ninguém estava pela primeira vez apaixonada, pelo menos era o que acreditava. Achava que era uma paixão avassaladoramente contida, como aquelas que vira na televisão, mas que não se derramava jamais. Era assim tudo meio irreal. Se de fato me apaixonei, foi por uma imagem frágil que eu mesma construí, completamente sozinha, por minha própria conta. Gabriel Bergmann. Ou Gabe. Ou Berg. Ele era apenas o material no qual me inspirei para criar minhas ilusões. Ele não existia de fato, era apenas um delírio da minha cabeça e coração.

Escancarei a porta do apartamento, larguei as malas na sala mesmo e caminhei até o quarto, prendendo os cabelos num coque desajeitado. Enquanto me preparava para o banho, ouvia os risos altos na sala. Quando Rafa e Beto estavam juntos eu não precisava esperar nada diferente disso. Manu foi até uma loja de conveniência do outro lado da rua, precisava comprar uma escova de dentes porque esquecera a sua no hotel. Ela parecia um pouco preocupada, tentava disfarçar, mas não era muito boa em esconder as coisas. Desde o dia seguinte ao luau, tentava me evitar, algo me dizia que

as ligações perdidas enquanto estávamos no buggy, bem como seu sumiço durante o luau, estavam conectadas a esse seu comportamento. Mais tarde eu abordaria o assunto. Manu dormiria no meu apartamento esta noite, seguiria para sua casa só no dia seguinte. Ela ainda morava no interior de Minas Gerais. Beto e Rafa provavelmente iriam embora em algumas horas. Até estranhei quando me acompanharam até em casa, mas não disse nada. Eu sentia como se os três quisessem me dizer alguma coisa, então resolvi fazer do jeito deles.

Na sala, eles conversam, batem portas, batem panelas, pratos, copos e talheres. Na sala, eles dão vida à minha casa, geralmente silenciosa. Ri baixinho.

A água morna anestesiava o cansaço e desorientação do meu corpo e mente, que ainda não haviam entendido que não estávamos mais no mar, nem no avião. E enquanto o familiar alívio me inundava, lembranças indesejadas vieram fazer meus olhos marejarem, trazia ainda a sensação de que eu estava suspensa no ar, ou sozinha na praia enluarada.

Hold your breath, eu escutei.

Então obedeci, enquanto afundava.

*Minas Gerais,
Interior*

Era o único pub da cidade. Costumava ser lotado antes de os irmãos Carvalho, noutro ponto movimentado da cidade, transformarem sua loja de móveis num restaurante-bar, solidificando assim aquele tipo de comércio na praça principal, e subtraindo de vários barzinhos parte significativa de sua clientela. Mas estávamos lá do mesmo jeito, ainda era o nosso lugar favorito. Éramos eu, Beto, Rafa e Manu em mais uma noite de zoeiras, conversas tão banais que as esquecíamos logo que emendávamos outro assunto. Algumas tinham uma pretensão até meio filosóficas, porém no fim das contas só as batatas fritas com bacon e limonada suíça importavam.

Não consigo me lembrar da música que tocava quando um amigo nosso, Léo, entrou com dois outros meninos e os três se aproximaram da nossa mesa; ou mesmo quando nos cumprimentaram e se sentaram. Caio, o menino que tocava bateria e participava da fanfarra da cidade, eu conhecia, mas o outro, aquele de cabelos castanhos encaracolados e desgrenhados, com cara de ressaca, eu só ouvira falar. Naquela cidade, suas reputações, tão diferentes uma da outra, meio que lhes precediam. Embora eu tivesse escutado algumas fofocas sobre o menino de cabelos desgrenhados naquela mesma tarde, eu acabei deletando a informação, como deletamos informações sem relevância.

Nessa época eu tinha aversão ao álcool, porque ele me lembrava o meu pai alcoólatra. E como eu e Manu participávamos de um grupo jovem de oração ligado à Igreja Católica, não era de muito bom tom ficar bebendo pelos bares da cidade, acordando a população majoritariamente idosa. Era feio, malvisto, imoral, sobretudo, para “as garotas de dentro da igreja”, como fomos alertadas.

“E o aniversário da Rebeca, Léo?”, perguntou Beto.

“Um tédio!”, respondeu ele, nos fazendo rir.

“Mas pelo menos serviram uns hambúrgueres bem bons”, defendeu Caio.

“E isso daqui”, disse o menino de cabelos castanhos desgrenhados, levantando uma garrafa de tequila quase vazia, que levou à boca num segundo, engolindo o líquido restante.

Ele fez uma cara feia então. Nós gargalhamos.

“Você é o Gabriel Bergmann, não é?”, eu perguntei a ele, involuntariamente.

Então, num instante, sem que eu pudesse me preparar, olhos pequenos e castanhos me devoravam.

“Sim, mas quem é você?”, ele finalmente respondeu, parecendo meio bêbado.

Eu quis rir.

“Maria”, respondi. “Você não me conhece.”

Ele balançou a cabeça, concordando. Então, acredito que sincronizados, desviamos o olhar.

O barulho de várias vozes juntas recomeçou. Como sempre, nossas conversas dificilmente eram organizadas. Era sempre um sobrepondo a fala do outro, interrompendo, gritando, dependendo da situação. Algumas vezes, quando nos encontrávamos assim com alguns colegas do Beto ou da Rafa, eu desistia de falar qualquer coisa. Parecia impossível conseguir me enfiar no meio daquela guerra.

Rafa ria sinistramente para mim; de mim. Dei de ombros, como quem pergunta “o que foi?”. Ela deu de ombros de volta, como resposta. Em seguida, voltou à guerra verbal que acontecia na nossa mesa.

“Sugiro que falemos sobre algum assunto polêmico”, Beto declarou.

“Antes de chegarem a gente conversava sobre virgindade”, Rafa disse aos meninos, desafiadora, ameaçadora até.

Troquei um olhar com Manu, sabíamos que nossas bochechas queimavam. Por telepatia, combinamos de matar a Rafa depois. Enterraríamos o corpo no sítio da família de Manu.

Bergmann riu.

“Você faria sexo só depois do casamento?”, lançou Rafa na direção de Gabriel.

Primeiro ele tentou não rir, mas falhou miseravelmente. Sua gargalhada, muito estrondosa porque ele já estava alcoolizado, contagiou os outros. Riram daquele jeito por algum tempo, até os ânimos se acalmarem e Gabriel ensaiar uma resposta.

“Cara...”, ele tentou, coçando a cabeça de cabelos desgrenhados.

Essa foi a única resposta que pôde dar, porque em seguida o grupo voltava a gargalhar sem parar.

*Brasília,
Lago Sul*

Ela me queria, nem disfarçava. Discretamente, avalieia suas pernas e rosto, com a ajuda do espelho do elevador. Pensei por um instante, decidindo se investia naquela morena gostosa ou deixava essa passar. Eu já tinha um compromisso com os caras mais tarde, declararamos aberta a temporada de caça depois que o Mané terminou o lance que tinha com a argentina. Qual era mesmo o nome dela? Enfim, eu podia pegar o número dessa morena, salvar pra depois. Mas meu telefone não me dava sossego, bombava o dia inteiro com um tanto de mensagem de mina que nem lembro o nome. Será que precisava de mais uma? Essas minas nem me davam a chance de usar o infame “oi, sumida”. Vinham todas até mim sem nenhum esforço da minha parte, querendo o meu corpo. Se eu deixasse, elas arrancavam o meu couro!

O elevador parou no térreo, desci deixando a morena decepcionada para trás. Segui até o lado de fora do prédio, esperei o manobrista trazer meu carro. Entrei na minha Ferrari conversível e pisei fundo, sentindo uma brisa maravilhosa no meu rosto. Era uma sensação conhecida: eu estava no topo do mundo. Podia ter o carro ou a mulher que eu quisesse. Naquela tarde, acabava de fechar um negócio importante, agora trabalharia com um pessoal do governo. Ensinaria para aqueles cuzões como ganhar dinheiro, como administrar a porra de uma empresa neste país fodido de merda. Nem sei por que me inscrevi para fazer isso, geralmente eu ficava longe desse tipo de negócio, detestava a burocracia estatal. Bando de incompetentes, nunca conseguem fazer nada direito por ninguém.

Talvez eu estivesse sendo impelido dessa vez porque formaríamos uma espécie de força-tarefa para ajudar os moleques da Ceilândia, lugar onde nasci. Pobreza pra tudo que é lado, numa das cidades mais ricas do Brasil, distrito federal, na porra da capital! Parecia piada. Eu sabia que podia fazer esse projeto funcionar, essa união surpreendente entre governo federal e iniciativa privada. Se o objetivo era realmente retirar os moleques da miséria e dar uma chance de mudarem de vida, eu podia fazer funcionar. Ficaria de olho também, porque não acredito em milagres onde tem dinheiro envolvido.

Quando eu estava na merda, vendendo picolé e outras quinquilharias na rua, nem sonhava andar pelos lugares que agora eu frequento, não tinha nenhuma morena gostosa me dando mole. Nem as putas de rua me davam moral, sabiam que eu não podia pagar merda nenhuma, talvez nem pudesse fodê-las direito. Eu era magro, tinha a cara da fome, não pegava ninguém. Agora elas não me deixam em paz. A vida é muito engraçada. Quando eu estava na merda, não tinha ninguém para me ajudar. Eu cresci sozinho nesse inferno de mundo, mas agora eu podia ajudar aqueles moleques, se eles quisessem.

Parei num semáforo, duas loiras dentro de um Range Rover ao lado piscaram, insinuantes. Eu conhecia muito bem o sinal, então sorri, atiçando as piruetas bronzeadas. A luz verde acendeu na hora certa, me permitindo acelerar alucinado para bem longe dali. Eu ainda não estava com muita fome, podia deixar a refeição para mais tarde.

*Brasília,
DF*

Eu estava certa sobre os meus colegas da nova unidade, eles não aceitaram nada bem a minha partida no dia do motoqueiro maluco. As pessoas eram mesmo previsíveis. Sussurravam suas críticas pelos cantos, tentando disfarçar quando eu me aproximava, mas não era como se quisessem realmente esconder sua insatisfação. Conforme eu demonstrava indiferença, os cochichos aumentavam, subiam um tom. Eles queriam me atingir. Não sabiam ainda que precisariam de muito mais para que eu me importasse. Passei a vida toda evitando esse tipo de gente, que parecia ganhar alguma coisa com a miséria alheia. Não me intimidavam nem um pouco, se não parassem por conta própria, acabariam passando vergonha.

Fazia semanas, mas ali estavam eles, com sua infantilidade. Tinham o direito de não gostar do meu comportamento antissocial, muito pouco empático, nem um pouco sensível, mas seria interessante ver um comportamento mais maduro, para variar. Às vezes, era mais fácil entender alguns crimes do que o veneno destilado aos pouquinhos, no dia a dia, por pessoas supostamente boas, cristãs, responsáveis. Tão boas que envenenavam os outros com doses homeopáticas porque é muita maldade matar com um único golpe. Amizade, lealdade e amor pareciam coisas mais fáceis de encontrar entre criminosos.

Todos os dias, eu mantinha a mesma rotina: chegava sorridente, desejava um bom dia a todos, colocava um copo de café quentinho na mesa do meu estagiário, que trabalhava como se fosse meu secretário porque me recusei a contratar outra pessoa, então seguia para o meu escritório, logo atrás da mesa dele. Tudo isso eu fazia sob olhares escrutinadores. Eu exercia um pequeno cargo de chefia, era responsável por um número bem reduzido de pessoas, havia outros dois cargos como o meu, ocupados pelos meus colegas Fernando e Camila, respondíamos ao diretor da unidade. Juntos coordenávamos a equipe que trabalhava nas baias, localizadas no centro daquela sala comercial. Nossos escritórios, localizados nas extremidades do espaço, embora fechados, não ofereciam muita privacidade: as paredes eram todas de vidro. Então, para acessar meu escritório, eu precisava necessariamente passar pela equipe nas baias, e como as paredes de meu escritório não podia escondê-los, eu frequentemente os via sussurrando ao olharem para mim.

Daquele grupo de pessoas, apenas três respondiam a mim, além do meu estagiário. Outras seis respondiam ao Fernando e cinco respondiam à Camila. Ele, que havia completado trinta e cinco anos semana passada, ainda vivia nas baladas da cidade, dormindo com uma mulher diferente toda noite, segundo as fofocas do escritório que eu não pude evitar. Camila, mãe de três crianças pequenas, trabalhava muito para conseguir chegar em casa mais cedo. Ela não conseguia contar com a ajuda do marido com frequência, ele sempre viajava a trabalho.

Geralmente, nós três nos dívamos muito bem, conseguíamos manter um ambiente de trabalho harmonioso. O único problema daquele lugar era a fofoca, que eu tanto detestava. Tinha dias em que eu entrava na sala e as baias estavam num verdadeiro estado de efervescência. Falavam da vida privada dos outros como se fosse pública, discutiam tudo em grupo como se fosse pauta de uma reunião importante.

Notei isso no primeiro dia em que cheguei, portanto decidi não me aproximar muito de ninguém. Normalmente, era assim que eu agia em qualquer lugar a qual chegava, mas um estado de alerta maior me dominou quando cheguei neste lugar, sobretudo, porque viera substituir alguém aparentemente amado pelos colegas, mas destituído do cargo por acusações de racismo. Também sei o motivo pelo qual o ministério aprovou minha nomeação: dentre todos os outros candidatos, a minha pele era a mais escura.

“Laura”, chamou Dudu, meu estagiário e secretário, espiando dentro do escritório, “você está pronta?”, pergunta.

Levo alguns segundos tentando compreender sua pergunta, então me lembro da reunião agendada para aquela manhã.

“Claro!”, minto. “Eu não esqueci completamente dessa reunião, nem um pouco.”

Dudu entra no meu escritório e fecha a porta.

“Eu preparei umas anotações para você, com base no que conversamos no outro dia”, ele sorri.

Meu rosto se ilumina.

“Você nem precisa de uma armadura ou cavalo branco, Dudu”, brinco.

Ele parece feliz com minha resposta.

“Acho que eles vão anunciar logo a novidade”, Dudu comenta. “Começaram a preparar o novo escritório ontem à tarde”, ele aponta para o escritório de frente ao meu, que até anteontem servia como arquivo.

Dias atrás, o diretor da unidade anunciou que o novo projeto na Ceilândia contaria com ajuda externa. Ele disse que receberíamos uma espécie de consultoria até a conclusão dos trâmites burocráticos e início da implementação do projeto, disse que nossa unidade também seria avaliada por essa comissão consultiva extraordinária. Fernando e Camila receberam o anúncio com receio, acreditavam que estávamos sendo colocados sob vigilância, temiam que pudéssemos estar sendo fiscalizados ao invés de apoiados. Eu resolvi esperar para ver o que acontecia, detestava sofrer por antecipação.

“Devem anunciar para a equipe toda após nossa reunião de hoje”, digo, apanhando alguns papéis em cima da mesa. “Você quer me acompanhar na reunião?”, pergunto.

Dudu faz uma cara de surpresa.

“Eu posso mesmo?”, pergunta empolgado.

“Claro que pode, você estará comigo”, asseguro. “Não se preocupe com os comentários maldosos.”

Dudu também vinha sendo alvo de alguns ataques, porque é o único estagiário da unidade que trabalha como um servidor, tendo acesso a reuniões e a documentos internos. Quando estabelecemos sua carga horária e obrigações, pensamos numa possível efetivação após a conclusão de seu estágio. Para o cargo que ele pretendia, não seria necessária aprovação em concurso público. Ele também estava muito interessado em aprender mais sobre o funcionamento de alguns dos processos de que

cuidávamos, para isso, precisava de acesso a eles. Eu podia oferecer a oportunidade, então resolvi não contratar outra pessoa, reduzindo custos do meu escritório. No entanto, como eu não podia pagá-lo com o dinheiro público, retirava do meu próprio salário o que lhe era devido. Dudu não sabia disso, acredito que não teria aceitado se soubesse. Ele estava no quarto ano da faculdade de Direito, tinha despesas para pagar, e não podia contar com a ajuda de familiares, situação que eu entendia muito bem, por isso propus o acordo.

Mesmo assim, ele ainda era vítima das fofocas, as pessoas estranhavam sua posição. Não nos importávamos com isso, ambos nos beneficiamos do acordo, o trabalho era feito com excelência, então os incomodados podiam falar o tanto que desejasse.

“Eu vou!”, anuncia alegre.

Seguimos para o corredor para pegar o elevador, compartilhado por todos os servidores e prestadores daquele andar. A sala de reuniões ficava no piso superior. Nossa prédio era um colosso de vinte e quatro andares, lugar onde funcionavam inúmeras subpastas, secretarias e outras unidades da administração pública.

“Laura, eu esqueci o meu bloquinho!”, Dudu se dá conta assustado, bem no momento em que o elevador para no nosso andar.

Eu seguro a porta, enquanto lhe respondo:

“Não se preocupe”, garanto. “Pode voltar para pegar, depois você me encontra lá, tudo bem?”

Ele hesitou.

“O que foi?”, pergunto, mas percebo que tem alguém no elevador e estou claramente atrapalhando.

Olho rapidamente na direção dessa pessoa e peço desculpas, sem graça. Em seguida, peço só mais um instante do seu tempo. É um homem, acho que não o conheço, não consigo prestar muita atenção. Só vejo que ele concorda, talvez um pouco a contragosto.

“Você vai ficar sem graça de me encontrar lá depois?”, insisto com Dudu.
“Quer que eu te espere?”

“Não!”, Dudu grita o protesto.

Eu seguro o riso, entrando no elevador.

“Então me encontre lá”, digo. “Seja rápido, Dudu.”

Antes das portas do elevador fecharem, posso vê-lo correndo de volta à nossa unidade. Reprimo o riso novamente, achando graça do meu pobre estagiário.

“Obrigada”, agradeço ao estranho, mas antes de poder ouvir qualquer comentário de sua parte, meu telefone toca. Atendo a chamada.

“Oi, Fernando”, ele quer saber se já estou a caminho. “Sim, estou no elevador. Quase chegando.”

Desligo o telefone, ao mesmo tempo em que as portas do elevador se abrem novamente. Eu sigo para a sala de reuniões, já estou quase alcançando a entrada

quando percebo que o homem do elevador está logo atrás de mim. Paro por um instante e lhe encaro. Dessa forma, faço com que ele também se interrompa.

Quando finalmente cravo os meus olhos nele, a imagem do motoqueiro maluco, que tanto me atormentou em meus pesadelos, vem à tona com violência. Levo alguns instantes para desfazer essa imagem na minha cabeça. Não podia ser a mesma pessoa. O homem diante de mim agora não parecia uma besta, usava uma camisa social branca apertada e cheirava muito bem, o cabelo quase na altura dos ombros, ainda que levemente desgrenhado, estava bem mais comportado, não estava molhado, dava-lhe um aspecto quase elegante. Ele não podia ser aquele motoqueiro louco. Entretanto, seu tamanho lembrava demais o homem dos meus pesadelos.

Acho que estou lhe observando demais, porque ele sorri. Então eu acordo.

“Desculpe”, peço. “Você está me seguindo?”, lanço em seguida, quase com raiva. Mas eu me arrependo da pergunta estúpida assim que ele ergue uma de suas sobrancelhas grossas e me encara com curiosidade.

“Depende”, ele responde numa voz grave. “Você está a caminho da sala 316?”

Um pouco chocada com sua resposta, tento lembrar rapidamente o número da nossa sala de reuniões. Concluo que é a sala em que nos reunimos com frequência, tanta que eu já nem me lembrava seu número direito.

“Sim, estou a caminho dela”, confirmo.

“Então eu estou seguindo você”, ele responde sarcástico.

Meio atordoada, eu retomo meu caminho, com ele em meus calcanhares. Quase podia sentir seu olhar e sorriso de deboche nas minhas costas. Tentei me controlar para não deixar meu rosto pegar fogo.

Fernando nos esperava na entrada, segurava um lugar para mim perto de Camila. Ao que parece, só faltávamos eu e o estranho para que a reunião começasse. O diretor da nossa unidade, um homem na casa dos sessenta anos que fizera carreira no serviço público após largar a empresa na qual era sócio à beira da falência, recebe o convidado como se ele fosse uma celebridade. Intercepto uma troca de olhares preocupada entre Fernando e Camila, então começo a desconfiar de tudo aquilo. Analisando rapidamente a mesa, vejo que tem muitas pessoas sentadas ali. Consigo identificar pelo menos dois diretores de outras unidades, alguns membros do time jurídico e chefes de outras células da organização.

Nesse momento, enquanto os diretores recebiam o convidado, Dudu entra na sala. Eu não percebi que a porta já estava fechada, então por um instante todos os olhos se voltam para o meu estagiário que não conseguiu entrar sem fazer barulho. Posso ver Dudu se petrificando lentamente sob o monte de olhos. Eu me levanto, reclamando a atenção para mim, enquanto isso aponto uma cadeira no canto da sala para Dudu, mesmo lugar ocupado por outros secretários.

Eu me sento em seguida, e todos voltam ao que faziam antes.

Em pouco tempo, nosso diretor chama a atenção de todos e apresenta o homem ao seu lado. Confirmando a suspeita, ele diz que o estranho será o consultor externo,

aquele tão temido antes mesmo de sua chegada. A sala aplaude, mas consigo ver muita gente preocupada.

Bernardo.

O estranho chama-se Bernardo.

Analizando sua figura muito sorridente para o meu gosto, percebo que o nome lhe cai muito bem. Ele lembra perfeitamente um urso, mas também poderia ser um cachorro. Infelizmente, tudo indica que serei forçada a descobrir com qual dos dois ele mais se parece. Urso ou cachorro, acho que preciso tomar cuidado para não virar comida.

*Minas Gerais,
Interior*

Na noite enluarada, seguíamos pelas ruas da cidade como bandoleiros. Caio fazia um batuque inebriante com suas baquetas, tentando lembrar de seus ensaios para um importante festival que ocorreria dali alguns dias. Outros garotos que haviam se juntado ao grupo, adequando ao ritmo do colega, produziam sons com suas bocas. Algumas meninas, que também passaram a nos seguir, batiam palmas, como se fossem líderes de torcida de alguma escola americana. Beto e Léo seguiam à frente, indicando o caminho. Eu, Rafa e Manu, embrenhadas ali pelo meio, aproveitávamos a experiência estimulante, singular. Nunca havíamos feito nada disso, éramos as boas garotas da igreja. Não conhecíamos o sexo, as drogas ou o rock, não conhecíamos os rolês, nem as pessoas que participavam deles. Estávamos ávidas por alguma coisa, mas não sabíamos bem o que era. Temíamos ser esse um sentimento plantado pelo encardido, forma como chamávamos o diabo, porque chamá-lo por seus outros nomes podia trazer coisas ruins, podia invocar sua presença. Participar do movimento errante de adolescentes que tinham todas as respostas era como adentrar um mundo novo, era um número infinito de possibilidades, podíamos inclusive ser outras, quando estivéssemos cansadas de ser nós mesmas. Dentre tantos badboys e badgirls, havíamos nós, as meninas not so bad, num mundo agora not so bad at all. E ao nosso lado, quase afastado do grupo, caminhava Bergmann, com outro litro de tequila, também quase vazio.

Manu estava incerta sobre seguir essas pessoas que acabávamos de conhecer, ela preferia ficar no pub, preferia batatas fritas com bacon e limonada suíça, mas eu estava curiosa sobre aquelas pessoas, Bergmann principalmente. Eu queria descobrir até onde ele podia nos levar, até onde eu estava disposta a segui-lo. Enquanto o desespero por atenção e por ser diferente dos demais percorria o grupo, composto por meninos e meninas de piercings, tatuagens e roupas coloridas, pretas, descoladas, eu estudava Bergmann, aparentemente alheio a tudo isso. Ele era alto e muito magro, os cabelos anelados estavam sempre desgrenhados, tinha os olhos de ressaca sem ser Capitu, carregava aquele litro de tequila como se precisasse dele para sobreviver. Nunca entendi direito o que mais me chamava a atenção nele, talvez não fosse nada disso, nenhuma de suas características físicas, talvez fosse apenas a tristeza que eu enxergava por detrás de seu comportamento, de suas palavras e voz. Ele era diferente, mas não precisava fazer nenhum esforço para isso. Às vezes, ele parecia o coração daquele grupo, porém, facilmente desprendia do bando, como um lobo solitário. Achei que Bergmann tinha algo que só eu podia ver, infelizmente não era o caso. Não demorou muito para que eu percebesse que quase todas as garotas a nossa volta estavam a fim dele, algumas esperavam uma chance há muito tempo. E Gabriel Bergmann nunca foi o tipo que falava não.

Nesse dia, alguém interrompeu todo o barulho, acusou Bergmann de estar muito bêbado, propôs-lhe um desafio:

“Ei, Berg! Você está mamado demais, cara!”

“Não estraga o rolê, cara”, Bergmann rebate. “Eu tô bem, pô!”

“Então toca pra gente!”, desafia o menino que não sei o nome.

Bergmann coça a cabeça de novo e ri, fazendo palpitar acelerado o coração de um monte de meninas. E de repente, um coro começa a pedir que ele toque. Ele solta um palavrão e interrompe a barulheira.

“Vini, você toca mano, eu canto”, diz, apontando para outro garoto no meio do grupo, que saca um violão não sei de onde. Bergmann tenta ainda controlar os protestos que iniciam logo em seguida: “Eu vou cantar *Faroeste caboclo*, seus filhos da puta. Se consigo cantar *Faroeste caboclo*, significa que tô bem”, gargalha, tentando se equilibrar.

E aí ele começa, aquela letra imensa, faz todo mundo lhe acompanhar. Ele não erra a letra uma vez sequer, mas ri dos seus amigos que só sabiam alguns pedaços ou se atrapalhavam em certos trechos. Eu conhecia Renato Russo, mas suas músicas não costumavam fazer parte da minha vida, não eram músicas que eu ouvia com frequência, não era minha trilha sonora. Era a trilha sonora de Bergmann, e só por causa dele, passou a ser a minha. Bergmann parecia gostar de mônica, então eu quis me tornar uma, ouviria até Bauhaus, for God’s sake! Eu poderia me tornar o que ele quisesse, ou precisasse. No entanto, a minha música favorita do artista era uma que eu nunca ouvira Bergmann escutar, mencionar ou cantar. Pode ter começado com Bergmann, mas quando eu construí a minha playlist perfeita, a favorita, eu fiz isso completamente sozinha. Ela também incluía muitos outros gêneros e faixas e foi só por isso que tudo valeu à pena.

*Brasília,
DF*

Bernardo podia ter um nome de batismo que remetia a um urso ou a um cachorro, mas o animal com o qual ele mais se parecia naquele momento era o tubarão. Uma rápida pesquisa na Internet confirmou minhas suspeitas. Ele era um empresário de sucesso impressionante, sobrevivia no mundo do capital engolindo peixes menores. Pelos artigos e notícias que li, já havia abocanhado até mesmo as baleias, fazendo-lhes sangrar. O que um homem como ele queria aqui? Do que, ou de quem, ele estava atrás? Ele não podia estar envolvido nisso por uma causa nobre, não participaria de um projeto que não oferecesse algum tipo de retorno. Pelo menos, eu não conseguia acreditar nisso. Mas a parceria ainda podia funcionar, caso os termos do acordo fossem razoáveis, caso a administração pública realmente saísse beneficiada e não lesada. Caso, e essa era a única razão pela qual eu queria tanto ver o projeto funcionar perfeitamente, seus destinatários diretos, crianças e adolescentes da Ceilândia, percebessem alguma diferença significativa em suas vidas. Do contrário, tudo não passaria de discursos políticos e institucionais completamente vazios.

Embora fosse este emprego que me permitia os meus pequenos privilégios e liberdade, eu não estava aqui apenas para benefício próprio. Se não pudesse fazer nada de fato, se estivesse aqui só para preencher papéis e participar de reuniões sem sentido, eu escolheria trabalhar noutro lugar. Muitas vezes, a rotina era realmente frustrante, não conseguíamos perceber os resultados imediatamente, mas sabíamos sim quando havia uma construção decente em andamento.

Eu não era tão idealista antes de assumir o novo cargo, também não sofri nenhuma transformação extraordinária, ainda sou a mesma pessoa com inclinação para a apatia. Não gosto muito de pessoas, na verdade. Prefiro evitá-las. Todavia, não suporto ver crianças em situação de vulnerabilidade, talvez por lembrarem a minha infância. E se somada a essa vulnerabilidade estiver uma negligência não só parental, mas estatal, algo como uma fúria me domina, fico cega. E cega de raiva, eu não posso controlar meus impulsos. Tive uma única crise assim na vida, de cegueira, de raiva incontrolável. Foi quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, numa escola de periferia numa cidade do interior nordestino.

Eu era uma criança sem habilidade para fazer amigos, mas uma garota gentil se aproximou de mim o suficiente para que fizéssemos algumas refeições juntas durante o recreio escolar. Isso foi mais do que suficiente para que quando eu a visse sendo atacada por um homem bem mais velho num beco escuro eu agredisse seu agressor até a beira da morte. Ele, alcoolizado e pego de surpresa, não conseguiu se recuperar do meu primeiro golpe, desferido contra sua cabeça com a primeira coisa que encontrei pelo caminho: uma pedra. Eu podia ter parado ali, ter corrido com minha amiga e buscado ajuda, mas eu não o fiz. Eu continuei desferindo golpes desajeitados, com toda a força que eu tinha. Fiquei cega, a raiva me consumia. E não era uma raiva só daquele agressor, era uma raiva represada há muito tempo. Aquele homem passou de agressor de uma amiga a meu agressor, à representação de todos os meus problemas, conflitos e traumas.

Como resultado, eu terminei sozinha novamente. Aparentemente, eu era uma adolescente com tendência para a psicopatia, a distância era recomendada. O agressor terminou como a vítima, recebendo todo apoio estatal necessário, enquanto minha amiga se mudou para bem longe de mim. Quase terminei como uma criminosa, mas minha família conseguiu recorrer, a única coisa que fizeram por mim. O primeiro grande problema que causei a eles foi ter nascido, mas até podiam tolerar isso, já o segundo grande problema causado era intolerável. Ficou impossível conviver naquele lugar, com aquelas pessoas. Eu sabia que precisava conseguir minha independência logo e sumir dali. Foi o que fiz, mas às vezes nem mesmo toda a distância que coloquei entre nós é suficiente.

Não me arrependo do que fiz. Se mais uma vez estivesse diante daquele beco, presenciando uma cena como aquela, eu faria de novo. Sabia disso. Não tinha nem mesmo medo das consequências. É como se eu não tivesse nada a perder, e de fato não tenho. Nesses momentos, quando estamos sozinhas diante de um beco escuro e o monstro está prestes a nos devorar, não há bondade no mundo que possa nos salvar, não há poder estatal nenhum para nos ajudar. A polícia some, a escola some, os representantes do povo somem, os cristãos somem, os cidadãos de bem somem, os amigos somem, as famílias somem, os vizinhos somem, somem as mulheres e homens orgulhosos de sua força e junto com eles todos os heróis do mundo, somem prefeituras, estados e o Estado. Eu não gosto de pessoas adultas, velhas ou novas, porque elas só têm uma chance de se salvarem: quando ainda são crianças. Se já cresceram, perderam sua chance. Dificilmente eu me orgulharia de algum adulto, ou me sentiria remotamente inspirada por um. Nesse sentido, acho que ainda sou uma criancinha esperando encontrar alguém decente como referência. Lamentavelmente, o humano ideal, perfeito, não existe. Mesmo assim, não quero me contentar com protótipos defeituosos.

A rotina em nosso ambiente de trabalho não mudou muito nos dias subsequentes à chegada de Bernardo. Posso até reconhecer que fui beneficiada, de certa maneira. Como tinham um assunto fresco, a equipe retirou o foco de mim. Também moderaram os ataques, porque temiam represálias se de fato o estranho estivesse ali para fiscalizar o trabalho. Embora Bernardo não ficasse muito em seu escritório, bem de frente ao meu, a sensação era de que ele vigiava a todos mesmo não estando lá. Outras pessoas também encontraram semelhanças entre o nosso consultor externo e o motoqueiro maluco, mas ninguém era corajoso o bastante para lhe perguntar isso diretamente.

Os dias foram passando, a quantidade de trabalho aumentando e eu novamente sofria com a insônia. Continuava saindo do escritório muito tarde, Dudu estava terrivelmente sobrecarregado na faculdade, então eu tentava aliviar um pouco suas atribuições, assumindo-as eu mesma. Bernardo aparecia cada vez menos, nunca dava satisfações. Em alguns dias, eu me esquecia completamente que ele trabalhava conosco. Não houve mudanças significativas a princípio. Era a rotina exaustiva de sempre, portanto, somente quando as luzes da sala começavam a se apagar aos poucos,

a luz da tela numa baia, depois noutra até apagarem-se todas, seguida pela luz de um escritório e depois o outro até o “boa-noite, Laura querida, não demore muito, vá descansar” de Camila, é que eu me dava conta das horas.

Enquanto digitava um relatório, após a despedida de Camila, que havia partido há quase duas horas, uma luz se acendeu na solidão e escuridão do escritório. Eu levei um susto. Ouvi passos pesados e firmes aproximando, involuntariamente agarrei minha caneca de porcelana, preparando para usá-la como arma se preciso fosse. Em questão de segundos, uma figura imensa cruzava minha porta.

“Bernardo”, suspirei aliviada, largando a caneca em cima da mesa.

Ele me avaliou brevemente, tinha as roupas meio amassadas e o cabelo desgrenhado, como se tivesse acabado de acordar, também parecia estar de ressaca.

“Eu te assustei, não foi?”, conclui. “Desculpe, Laura. Não sabia que ainda estava aqui. Pensei que pudesse ter esquecido sua luz acesa.” Ele passa uma mão pelos cabelos desgrenhados. “Mas por que você ainda está aqui? Geralmente não fica ninguém até esse horário.”

Ele pareceu intrigado, assim como eu estava. Como ele sabia que não ficava ninguém no escritório até esse horário? Quando ele aparecia por aqui, não costumava ficar muito. Era sempre um dos primeiros a sair.

“Tenho umas coisas para terminar, estou meio enrolada”, respondi. “E você, por que voltou?”

“Eu não apareci aqui hoje”, ele ri.

Minhas bochechas queimam.

“Ah!”, tento disfarçar a confusão. “Podia jurar que tinha visto você aqui mais cedo”, minto.

Ele não parece nem um pouco convencido.

“Precisa de ajuda?”, oferece, me pegando de surpresa.

“Não! Não precisa! Estou quase terminando por hoje”, minto de novo.

Ele analisa minha resposta, ele me analisa. Espero educadamente.

“Você comeu?”, Bernardo pergunta então, me surpreendendo mais uma vez.

No instante de confusão e surpresa em que me encontrei, não consegui me lembrar prontamente quando havia feito minha última refeição. De toda forma, independente do que quisesse meu estômago, eu tinha uma resposta pronta para o homem na minha frente.

“Sim, claro. Eu me alimentei direitinho.”

Ele também não engole essa, mas comprehende a minha mensagem, clara como suas intenções: não, eu não faria uma refeição com ele.

“Ótimo!”, ele recua em direção à porta. “Se precisar de alguma ajuda, me avisa. Devo ficar um tempinho por aqui.”

“Obrigada.”

Com um aceno rápido, ele parte. Pouco tempo depois, acende a luz de seu escritório. Eu corro para terminar meu relatório, agora quero ir embora o mais depressa que eu puder.

*Brasília,
DF*

Semana passada foi foda demais, foi do caralho, mas esta está uma merda que só! Sinceramente, não pensei que fosse ter tanto problema. Não consegui beber com os meninos, não consegui tempo nem pra transar, cara! Que merda é essa?! De onde esses filhos da puta tiram tanto papel?! É como se eu estivesse sendo arrastado para a porra de um furacão. Gente me ligando toda hora, um tanto de reunião de merda, não consigo ficar em lugar nenhum. Muita coisa pra fazer no meu escritório, muita coisa nesse outro que me arrumaram aqui, nem mesmo levando trabalho pra casa consigo terminar. Vou sair dessa esfolado! Tive que trabalhar até tarde quase todos os dias, voltando à noite pra ver se dava conta disso aqui. Nem ferrando que vou viver desse jeito! Semana que vem vou organizar a merda dessa agenda.

Largo a caneta em cima da pilha de papel, levanto e me estico um pouco. Vejo minha garrafa de uísque, já pela metade, num canto do minúsculo cubículo que me deram felizes, como se fosse a porra de um espaço decente, como se pudesse chamar isso de escritório. Tomo um gole da bebida da qual já me servi.

Enquanto bebo meu uísque, observo o escritório da frente. Luzes apagadas. Ela foi embora e nem disse tchau. Será que gosta de bancar a difícil? Conseguiu escapar da minha armadilha, correndo o risco de me fazer querer encarar o desafio. Se eu topasse, ela não tinha chance. Eu estava quase convencido, com essa Laura.

Aquele dia, lá no elevador, as portas se abriram e ela apareceu do nada, linda e sexy como o inferno! Preocupada com um moleque magricela, nem olhou pra mim. E ainda me acusou de estar lhe seguindo! Menina doida.

Sentei numa poltrona pequena demais pra mim, terminando o uísque. Não estava confortável, mas fechei os olhos. Amanhã eu mando trocar a porra dessa poltrona ruim do caralho! Cara, que cansaço! Estou morto! Já não vejo a hora dessa merda acabar.

E ela ainda me encarou daquele jeito, com aqueles olhos lindos da porra. Era toda linda essa mina. Se ela tivesse aceitado meu convite pra jantar, eu não estaria nessa fossa. A gente podia tá transando agora! Merda viu.

*Brasília,
DF*

Quando entro em nossa cozinha compartilhada, quase me assusto. Fernando resolveu fazer uma reunião bem ali, na mesa da cozinha. Trouxe com ele três pessoas do seu time. Há documentos espalhados pela mesa e eles discutem sobre um mapa aberto. Em pé, ao lado da máquina do café numa bancada mais adiante, está Bernardo. Todos eles me cumprimentam rapidamente quando entro; já estou duvidando se quero mesmo café.

“Oi Laurinha, desculpe a bagunça”, Fernando se antecipa, ajeitando alguns papéis, tentando abrir um espaço para mim na mesa. “Senta aqui, já estamos quase acabando.”

Fernando sempre força uma proximidade que não existe entre nós, chama meu nome como se fossemos amigos. Não somos. Porém, não me oponho, porque ele nunca cruza a linha que impus assim que começamos a trabalhar juntos. Ele também trata as outras pessoas dessa mesma maneira, acho que é traço da sua personalidade. Não lembro os nomes dos dois homens da equipe dele, só lembro o da mulher, acho que ela se chama Gabriela. Ela sorri para mim de um jeito doce, mas nunca conversamos a sós, só trocamos algumas palavras durante as reuniões da unidade.

“Obrigada”, agradeço a Fernando, enquanto caminho incerta até a máquina do café.

“Com ou sem açúcar?”, pergunta Bernardo, já preparando um café para mim.

Quero protestar, não quero aceitar a gentileza, mas não tenho como fazer isso agora sem nos colocar numa situação estranha.

“Com açúcar, por favor”, respondo sem graça. “Obrigada.”

Percebo um sorrisinho no canto da boca dele.

Num instante, ele me entrega a caneca, olhando diretamente para mim, como se pudesse ver através de mim. Eu me sinto nua. Pego a caneca, agradeço novamente e me dirijo ao lugar que Fernando havia aberto na mesa, mas não me sento ali também. Fico em pé, analisando alguns papéis em cima da mesa.

“Você não vai se sentar?”, pergunta Gabriela, novamente muito gentil.

“Ah, não. Obrigada”, mostro a caneca de café. “Vou terminar isso aqui rapidinho. Tenho muito trabalho me esperando”, tento sorrir.

“Laurinha, qual era mesmo o nome daquele escritório de advocacia em São Paulo?”, pergunta Fernando, analisando um dossiê. “Aquele que visitamos assim que você foi transferida?”

“Siqueira & Correa Advogados”, respondo prontamente, porque não poderia esquecer esse nome depois de tudo o que aconteceu. “Por quê? Não me diga que...”

Fernando ergue um olhar preocupado para mim, então comprehendo a resposta.

“Eles ganharam a licitação”, Fernando formaliza a resposta. “Eles vão cuidar da parte legal do projeto.”

Preciso de um minuto para me recuperar.

“E por que isso é ruim?”, questiona um dos homens de Fernando.

Fernando ensaia uma resposta, mas não sai nada.

“Tivemos um mal-entendido com eles no passado”, responde o outro homem. Eu me esforço para enxergar seu nome no crachá que carrega.

“Mal-entendido?”, lanço de maneira ácida a esse homem, cujo nome pude ver em seu crachá. Ele se chama Pablo.

Ele se engasga, mas se recupera.

“E como você chamaria?”, rebate para mim.

Fernando se remexe desconfortável na cadeira, sinto a atmosfera da cozinha esquentar, azedar. Mas não vou deixar essa passar, não mais.

“Não foi um mal-entendido, Pablo. Sabemos disso, não?”, minha voz também está azeda.

“Você chegou depois, Laura. Não conhecia a Bibi como nós”, Pablo me acusa.

Fernando ensaiou uma mudança de assunto, mas eu não permiti que continuasse.

“Então me diga, Pablo, o que havia de errado com a Abigail?”

Vejo Gabriela segurar a respiração, desconfortável. Desvia o olhar para um canto remoto da cozinha, onde ninguém poderá captá-lo.

Pablo parece não se importar com suas palavras, por isso responde:

“Ela dava pra todo mundo do escritório, Laura”, ele soa indignado, ultrajado. “Não foi só culpa daquele cara lá.”

Meu sangue ferveu.

“Pablo, me diga, você é um idiota ou o quê?”, seguro a caneca firmemente, para não socar a cara dele.

Pablo se levanta, Fernando se levanta e Bernardo se aproxima de mim.

“Pablo, já chega”, adverte Fernando.

Mas para mim ainda não era o suficiente. Largo a caneca em cima da mesa com estardalhaço.

“O imbecil daquele advogado assediou a Abigail durante todas as nossas reuniões e depois tentou estuprá-la! Sério mesmo, Pablo? Por acaso foi consensual? Por acaso o que aconteceu foi só um mal-entendido?”, acho que eu rosnei. “Você não vai colocar a culpa na vítima, não na minha frente, entendeu?”

Pablo estava pronto para revidar, mas desistiu. Quando paramos de nos encarar como se fossemos nos matar, eu me volto para Fernando.

“Isso é responsabilidade sua, Fernando”, acuso. “Ele é um membro da sua equipe, mas você não trabalha aqui sozinho. Se eu voltar a ouvir uma merda assim de novo aqui dentro, eu não vou deixar passar.”

Enfurecida, eu vou para o meu escritório.

Fecho a porta atrás de mim e tomo um momento, controlando minha respiração. Vejo o rosto soridente de Abigail, vejo suas lágrimas quando se despede dos colegas da unidade. Lembro dos olhos e gestos daquele homem infame que não lhe deixou em paz durante toda a viagem. Ouço novamente os comentários maldosos que circularam aqui dentro após nosso retorno, o veneno destilando pelas bocas dos

focoqueiros, intoxicando a vida de Abigail. Não estavam preocupados com ela, afinal, era o que ela merecia, disseram. Fernando podia dormir com uma mulher diferente toda noite, mas Abigail não podia fazer o mesmo, não podia dormir com o homem que quisesse, ou com vários de uma vez, porque era mulher. Enquanto as fofocas sobre a vida de Fernando apenas lhe colocavam numa posição favorável, sobretudo entre os homens, as fofocas sobre Abigail lhe destruíram, colocando-a numa situação muito complicada, de desprestígio e censura, entre homens e mulheres. Abigail só rejeitou o advogado em São Paulo porque ele era velho, se fosse um homem da sua idade, se fosse bonito, ou se fosse muito rico, ela não teria recusado. Tudo isso disseram, acreditando ter o direito de julgá-la. Sabiam disfarçar os comentários, tornando um crime, uma tentativa de estupro, numa acusação direta às mulheres que faziam o que bem entendiam de suas vidas, assim como a grande maioria dos homens.

Deve ter algo muito errado com esse lugar, como que após todas as campanhas contra o assédio e a violência as pessoas ainda podiam continuar fazendo as coisas desse jeito? De que adiantava nossos cursos obrigatórios, rodas de conversa e conferências sobre ambiente e clima organizacional? De que adiantava distribuir cartilhas sobre comportamentos supostamente adequados dentro de uma instituição pública se as pessoas faziam e falavam o que bem entendiam? Se, no fim das contas, os únicos que se sentiam livres para compartilhar suas opiniões eram apenas os babacas? Abigail não ganhou direito a resposta. Ela foi embora daqui como se tivesse feito alguma coisa errada e não como a vítima de um ambiente tóxico.

Quando ela foi embora, eu havia acabado de chegar, demorei um pouco para compreender a dinâmica desse lugar. Rapidamente, compreendi tudo. Na época, não pude fazer nada para lhe ajudar, mas agora que entendo como as coisas funcionam por aqui não posso mais tolerar esses comportamentos asquerosos. Se Pablo podia falar o que bem entendesse, do jeito que quisesse, eu garantiria o meu direito de refutá-lo. Não vou me calar diante de nenhum deles. Eu não preciso que sejam meus amigos, vou tomar todas as medidas que achar cabíveis. Provavelmente, vou voltar a ser o assunto dos próximos dias, mas eu não me importo. Eles podem falar à vontade, só não vou aceitar desrespeito. Estou começando a achar que o problema aqui precisa ser tratado com processos administrativos disciplinares. Se me forçarem mais um pouco, acho que vou aceitar essa dor de cabeça.

*Brasília,
DF*

Merda! Desabotoo os primeiros botões da camisa, tentando respirar um pouco. Bebo mais um gole de uísque. Por que fui me enfiar nesse buraco de merda?! Qual era a porra do problema desse lugar?! Quem eram aqueles cuzões de merda?! Procuro os perfis deles nos arquivos que o Recursos Humanos deixou dias atrás. Eu não entrava numa briga sem conhecer meus adversários, não seria diferente na merda desse lugar. Enquanto estudava o pessoal, não encontrei nada estranho. Só a remoção do antigo responsável pelo financeiro da unidade, acusado de racismo, chamou minha atenção. O cara se enfiou na merda com gosto! Mas esses cuzões de hoje tinham ficha limpa. Por que é que fiquei todo alerta naquela hora? Por que quero investigar esses cuzões? Agora tô com medo de ter deixado passar alguma coisa. Preciso tomar cuidado, não confio nesses filhos da puta nem um pouco.

Aquele Fernando, o cara estava realmente tentando, coitado. Chamando ela de Laurinha, como se fosse conseguir alguma coisa. Está na cara que ela não quer nada com esse otário. Será que já tiveram algum lance? Não, não parece. De jeito nenhum. O cara não conseguiu nem calar a boca daquele animal por quem é responsável, como que ia fazer alguma coisa? Aquele escroto do Pablo, arruinava nosso lado. Não sabia fechar a porra da boca dele. Ela pegando fogo, quase metendo a mão na cara dele e o cara cuspidão bosta. Idiota dos infernos. Se trabalhasse pra mim, era rua, sem choro! Mas aqui estava mais protegido, por causa da merda do concurso, botar ele pra fora daqui vai dar muito trampo. Pelo menos, é bom pra ela, esse acordo de trabalho. Se fosse noutro lugar, ela teria que ficar quieta. Já vi isso demais. Também não é como se o imbecil do Pablo tivesse feito alguma coisa realmente errada. Era só um cuzão, fazer o quê? Vou ter que ficar de olho agora. Inferno! Se ele abrir a merda daquela boca de novo pra falar bosta, soco a fuça dele.

Estragou o clima, esses cuzões, eu estava todo felizardo de ter ela ali perto, com aquele corpo de matar, toda linda, umas pernas, uma bunda... Não posso pensar nisso. Inferno! Tenho que trabalhar.

*Minas Gerais,
Interior*

“Maria, eu não vou!”, Manu praticamente grita para mim. É a primeira vez que a vejo tão alterada. “Você não consegue perceber o que está acontecendo, não é?”, questiona preocupada, talvez brava.

“Do que você está falando, Manu?”

“Você está se parecendo demais com aquelas pessoas”, responde minha amiga. “Essa é mesmo você?”, percebo decepção em sua voz.

Eu quero fingir que não sei do que ela está falando, mas não consigo. Manu tem razão, estou me tornando alguém muito diferente. Primeiro, já não participo de nenhuma atividade religiosa, já nem sei se acredito mesmo em Deus. Por que acreditaria, se Ele só me dizia o que fazer, como fazer, com quem fazer e quando fazer? Se Ele não me permitia espaço para respirar e para pensar direito? Se deu tudo para as outras pessoas mas foi egoísta comigo? O que eu podia fazer agora que tinha tantas dúvidas e não havia ninguém realmente capaz de respondê-las?

A Rafa também se distanciou desses espaços, porém, ela só estava lá para nos acompanhar. Já que eu e Manu nunca chegávamos num acordo, ela dentro da igreja e eu o mais distante possível, Rafa podia fazer uma escolha só dela. Rafa era como um espírito livre, livre de todo o drama adolescente. Fazia sempre o que quisesse, com quem quisesse, como e onde quisesse, sabia exatamente o que faria do seu futuro, e ela não precisava de Deus para lhe dizer todas essas coisas. Mesmo assim, Rafa conseguia ter mais fé que qualquer um de nós. E eu sempre a admirei por isso.

Então, a minha segunda grande mudança: troquei minhas roupas e atitudes, troquei sapatos, mudei corpo e cabelo. Eu nunca estive realmente feliz com meu corpo, comigo, para ser mais exata, eu não era o padrão ditado pela indústria da beleza, era como se o espelho sempre refletisse uma garota diferente. Por isso, eu decidi que alinharia a forma à imagem, ao invés de fazer o contrário. Nesse sentido, acho que sempre fui meio tola, qualidade que eu tanto detestava, mas não pude evitar a transformação, uma que quando ocorreu me libertou. Até me prender outra vez, numa nova gaiola.

Para Rafa e Manu, sobretudo para Manu, talvez fosse difícil entender, entender o desespero de não pertencer a lugar nenhum, de estar desconfortável na própria pele, no próprio corpo, de ter uma origem diferente de todos a sua volta, de ouvir amigas da sua mãe chamarem você de molambenta, envergonhando a mulher que abriu mão de tudo para que você pudesse ter um futuro, o desespero de sempre ser preterida em relação às amigas mais bonitas, mais descoladas, mais inteligentes, aquelas que sabiam dançar, conforme a música. Tão sufocante! Tudo tão sufocante! Nessa época, eu queria ser bonita como todas as outras meninas. Ainda não havia entendido que podia ser bonita do meu próprio modo. Nessa época, eu queria ser incrível, extraordinária. E eu fui, por um tempo eu me senti assim, até nada mais fazer sentido. Até não fazer mais sentido dançar essa música, sozinha.

Manu era minha amiga da infância, Rafa apareceu depois. Eu e Manu sempre fomos muito diferentes, apenas pretendemos ser iguais por um tempo, só que isso não estava funcionando mais. Rafa era mais flexível, eu me sentia mais livre para

conversar com ela, talvez por isso nos aproximamos tanto, principalmente nessa época em que uma espécie de cisão aconteceu entre mim e Manu. Eu a amava muito, mas é tão difícil lembrar disso quando acreditamos que ninguém está nos ouvindo direito, quando nos sentimos completamente sozinhos no mundo.

Estou de cabeça baixa, refletindo sobre o que ela diz, tentando entender como de fato me sinto nesse momento.

“Eu não vou com vocês”, avisa Manu de novo. “Eu não quero participar de nada disso, não quero ficar perto dos seus novos amigos, que só bebem e fumam. Eles ainda vão causar problemas, Maria.”

“Tudo bem, Manu”, me levanto do banco da lanchonete, quero voltar para casa. “Você não precisa viver sua vida como eu estou vivendo a minha. Ser sua amiga também não significa que preciso ser sua cópia.”

Vou embora dali, me sentindo mal por ter magoado minha amiga, mas eu não aguentava mais ninguém me dizendo o que eu devia fazer.

Nesse momento, estávamos de um lado quase oposto na forma de encarar o mundo: ela continuava contra o aborto, eu a favor; ela falava bolacha, eu biscoito ou bolacha, dependia do formato; ela esperando o casamento para fazer sexo pela primeira vez, eu querendo experimentar agora mesmo; ela sem colocar um pingo de álcool na boca, eu cada vez mais parecida com o meu pai.

*Brasília,
DF*

“Laura, você tem um minuto?”

Quando ergo meu olhar do computador, encontro Bernardo parado na minha porta.

“Claro, pode entrar”, respondo, pondo minha atenção nele.

Ele entra no escritório, avaliando discretamente o ambiente — decoração, móveis, quadros —, então repousa sua atenção em mim.

“Do que precisa?”, questiono, tentando fazê-lo ser breve.

“Você tem tempo livre amanhã?”, ele pergunta.

Levo alguns instantes tentando compreender a pergunta.

“Conhece Walter Ramires?”, ele continua, quando me demoro.

“O sócio da subsidiária brasileira daquele grupo americano do ramo de alimentos?”

Bernardo parece surpreso por eu conhecer o empresário brasileiro.

“Sim, ele mesmo”, responde, aproximando da minha mesa. “Consegui agendar uma visita. Estou pensando em trazê-lo para o nosso lado. Acredito que ele vai poder ajudar financeiramente o projeto.”

Analiso a situação por um momento, indecisa. Ainda me lembro dos escândalos envolvendo o nome da família dele, vazados meses atrás. Não sei se eu poderia pedir dinheiro para uma pessoa daquelas.

“Por que eu preciso estar lá?”, questiono Bernardo então.

Ele sorri, disfarçando alguma coisa que não entendo.

“O que foi?”, quero saber.

“Você é a responsável pela parte financeira do projeto, por que não estaria lá?”, questiona de maneira muito convincente.

“Numa situação como essa, envolvendo alguém desse tamanho, seria melhor se o diretor da nossa unidade estivesse com você”, tento me esquivar. “Geralmente, ele até prefere fazer esses contatos. Ele trabalhava na iniciativa privada antes vir para o serviço público, ele conhece muitas pessoas. Será melhor se ele for.”

Bernardo suspira, então se senta na ponta da minha mesa, encarando-me diretamente nos olhos.

“Laura, o diretor deixou esta equipe responsável pelo projeto”, argumenta. “Temos total autonomia aqui. Você e eu fomos designados para trazer os recursos, é nossa função.”

Ele não estava me deixando com espaço para contra-argumentar, literalmente sem espaço. Sentou-se na minha mesa, me persuadindo com seu tamanho. Infelizmente para ele, eu conhecia a técnica.

Eu me levantei, diminuindo a discrepância de tamanho entre nós dois. Aproximei um pouco, encarando-lhe, quebrando o seu desafio. Bernardo não teve nem a decência de esconder sua satisfação com o jogo. Ele me encarou de volta, mostrando os dentes, feliz. O que havia de errado com esse homem?

“Eu não preciso acompanhar você nessa visita, Bernardo”, afirmei. “E nós dois sabemos disso.”

Como o bom astuto que vinha demonstrando ser, ele rebateu sem piedade:

“E por que mais eu faria esse convite a você, Laura?”, ele quase riu. “Por que eu chamaria você se realmente não precisasse da sua companhia?”

Ele me encurralou com essa, porque eu não diria a ele o que realmente pensava naquele momento, como ele já esperava que eu fizesse. Desde o primeiro dia em que nos conhecemos, meus sentidos estavam em estado de alerta. Eu conhecia o seu tipo, conquistador, galinha. Via a forma como ele respondia aos cochichos sobre seu corpo, beleza e estilo de vida, fofocas da unidade. Ele respondia com prazer, algumas vezes piscando para alguém que era pego no ato. Além disso, enquanto eu fazia uma rápida busca do seu nome na Internet, quando ele chegou, encontrei muito mais do que precisava. Vi fotos suas, bêbado, com um monte de mulheres do lado, entrando e saindo de carros e bares de luxo, li manchetes sobre seus inúmeros relacionamentos de um mês. Ele parecia uma celebridade do mundo dos solteiros ricos de Brasília. Eu não queria estar nem um pouco perto de alguém como ele, com Bernardo, o meu julgamento chegou bem antes de eu conhecê-lo de fato.

“Tudo bem, eu vou”, digo enfim. “Mas você vai me deixar conduzir a negociação.”

Ele decide rápido demais.

“Claro, sem problemas”, concorda. “É você quem manda.”

Pobre Bernardo. Quase sinto pena dele nesse momento.

“Eu te vejo amanhã então”, ele se levanta da minha mesa, caminha até a porta. “Quando eu tiver mais informações, combinamos os detalhes da visita.”

Ele estava quase saindo quando eu o interrompo:

“Bernardo?”, espero ele se voltar para mim. “Eu estou sendo muito legal aqui, depois não venha dizer que eu não o avisei. Tem mesmo certeza de que preciso acompanhar você?”

Ele nem pensa para responder.

“Eu tenho.”

“Então não me responsabilize depois.”

Ainda que um pouco intrigado pelo meu aviso agressivo, ele não cede. Sai da minha sala como se tivesse tudo sob controle. Não vejo a hora de arrancar esse sorriso presunçoso do rosto dele.

*Brasília,
DF*

Merda! Merda! Merda! Como um viciado, já encho meu copo de novo. Esse lugar vai me matar! Essa mulher gostosa da porra vai me matar! Puta que me pariu, tive que me segurar pra não avançar naquela boca! De onde ela saiu?!

Eu me jogo no meu novo sofá, afundo ali. Fecho os olhos. Que fome! Que sede! Quero bater uma punheta, mas a merda desse cubículo transparente não me dá nem um pouco de privacidade! Inferno! O que vou fazer agora? Preciso sair daqui! Preciso fazer alguma coisa! Tô ficando louco aqui!

Alcanço meu telefone no bolso da calça, corro o olho pela lista de contatos, procurando os que começam com a letra R. Preciso fazer alguma coisa, preciso resolver isso essa noite. Não vai dar pra esperar. É isso ou vou ter que me masturbar no banheiro de casa pensando na porra dessa menina gostosa dos infernos!

*Minas Gerais,
Interior*

De novo, meus pais me obrigavam a escutar o sermão. Eles eram pastores na Assembleia de Deus, mas tinha dias em que eu gostaria muito que eles pudessem pregar só no culto. Eu não tinha muita opção, então me sentava e escutava. Concordava, até poder sair de casa e fazer o que eu realmente queria. Eu queria viver de música, da minha música. Mas meus velhos estavam sempre preocupados demais. “Caio, você precisa pensar nisso direito”, dizia minha mãe, toda preocupada. Sei o que eles pensam. Essa vida que estou escolhendo é difícil, sou um menino preto e pobre, sei disso. Vou sofrer muito, eles dizem. Eu sei disso, sei disso melhor do que ninguém. Mas vou desistir de tudo? E vou fazer o que mais da vida? Virar um pastor numa cidade de interior? Trabalhar num escritório de contabilidade como meus primos? Trabalhar na mecânica do seu João? Vou desistir da minha bateria? Eu prefiro morrer do que viver assim, uma vida sem graça, sem meu som. Uma vida igual a de todo mundo. O mundo é tão doido, às vezes parece que ninguém tem coragem suficiente, desiste dos próprios sonhos muito fácil. Eu não quero esse caminho, vou dar o meu próprio jeito. Vou mostrar pra todo mundo que posso viver o meu sonho.

Depois de tocar em tudo que é lugar, coral de todas as igrejas que podia pensar — católica, protestante, assembleiana, batista, presbiteriana, luterana, universal, quadrangular —, depois de descobrir que podia ainda tocar em todos os centros e templos desse mundo — espírita, umbandista, congregação, paróquia, catedral, basílica, mesquita, sinagoga ou terreiro —, eu não desistiria do meu sonho. Eu amava os meus pais, entendia o medo deles, mas eu precisava escolher como viveria a minha própria vida. Eu continuaria fazendo um barulhinho com a galera, enquanto ainda estivesse por aqui, mas na primeira oportunidade eu me mando desse lugar. Ainda vou mostrar para o Brasil o que eu posso fazer. Os meus pais ainda vão ter muito orgulho de mim, e vão me perdoar por eu ter escolhido o meu próprio caminho.

*Brasília,
DF*

“Laura, você está pronta?”, Bernardo pergunta, esperando na porta do meu escritório.

“Você disse que me mandaria o local”, digo, confusa.

“Eu sei onde é, já está tudo pronto”, ele diz, parecendo muito cansado. Deve ter tido uma noitada.

“Pode me mandar o endereço?”, pergunto, tentando me esquivar do que sei que ele preparou. “Vou pedir um carro pelo aplicativo.”

Bernardo suspira profundamente, demonstrando sua frustração.

“E agora, qual é o problema?”, quer saber, exausto. “Qual o problema de você vir comigo?”

Havia tantos, mas como eu poderia responder educadamente? Desisti, acho que eu também estava muito cansada.

“Tudo bem”, aceito, me levantando, pegando minhas coisas e caminhando em sua direção.

Bernardo segura a porta para eu passar, depois seguimos em direção ao elevador. Penso que se a semana de provas do Dudu não terminar logo, tanto ele quanto eu estaremos acabados. Não aguento mais fazer tanta coisa ao mesmo tempo, estou bem cansada. Permiti que ele ficasse em casa estudando, mas as coisas só se acumulavam. Eu precisava me organizar melhor. De toda forma, estava preparada para hoje. Não perderia a oportunidade de fazer um predador sangrar.

Alcançamos o elevador, estamos a sós. Não me sinto muito confortável, vejo o jeito que ele me olha. Eu sei o que Bernardo quer. Se não soubesse, talvez fosse mais fácil estar ao seu lado. Estranhamente, ele não faz nenhum comentário, parece mortalmente cansado. Mas eu não vou perguntar se está tudo bem.

Quando alcançamos o saguão, eu paro de andar por um instante. Ele se volta para mim, quando percebe que parei.

“O que foi?”, quer saber. “Você esqueceu alguma coisa?”

Não era isso.

“Fomos atacados por um motoqueiro alguns meses atrás”, estou pescando. “Aquele vidro precisou de um pequeno reparo”, aponto. “Ele se parecia muito com você, Bernardo. O motoqueiro, quero dizer.”

Ao contrário da reação que eu esperava, Bernardo ri. Parece mais relaxado, principalmente quando recupera a proximidade entre nós.

“Então já nos encontramos antes”, conclui, me chocando.

“Era mesmo você?”

“Sim, fui eu”, responde, como se não fosse nada. “Quer saber por que eu fiz aquilo?”

Balanço a cabeça, afirmando que sim.

“Eu já sabia que trabalharia com vocês”, ele ergue o indicador direito, como se fosse enumerar os motivos, mas fez com que eu me lembresse do seu gesto naquela noite. “Eu quis testá-los”, ergue o dedo médio. “Perdi uma aposta com o colega que

me ajudou a entrar aqui”, ergue o anelar. “Mas o mais importante: eu fiquei puto da vida com aqueles cuzões”, ergue o dedo mínimo.

Eu não consegui segurar o riso. Bernardo se surpreendeu.

“O que foi?”, quis saber, rindo junto comigo.

“Você é maluco”, afirmo, retomando o meu caminho em direção à saída.

Do jeito que ele contou, ficou engraçado. Também gostei do xingamento. Ele tinha razão, havia um bando de cuzões nesse lugar. Eu gostaria de poder pronunciar esse xingamento em voz alta um dia, parecia libertador. Nesse departamento, o máximo que eu conseguia era um eventual “merda”, quando tudo estava perdido, ou prestes a se perder.

Era engraçado agora, mas naquela noite foi o ataque dele contra o vidro que me despertou lembranças dolorosas, fez minha insônia voltar, fez com que eu mergulhasse ainda mais profundamente no meu trabalho, esperando chegar em casa tão cansada que não tivesse a chance de ter pesadelos.

“Eu não te vi aqui naquela noite”, Bernardo diz, enquanto esperávamos Mateus trazer o seu carro. Aparentemente, Bernardo dispunha dos mesmos privilégios dos grandes chefes da administração.

“Tinha muita gente no saguão”, argumento.

“Você fez parte de qual grupo? O que correu, o que ficou lutando pra sair ou o que apenas me excomungou?”

Eu ri.

“Fiz parte do grupo que teve pesadelos depois daquilo”, brinco.

Bernardo ficou sério, então olho para ele.

“O que foi?”, quero saber.

Ele parece envergonhado, triste, quase não posso acreditar que estou vendo isso nele.

“Não se preocupe, está tudo bem agora”, minto. “Só não faça aquilo de novo. Você me assustou.”

Ele estava ensaiando uma resposta quando Mateus parou um Lamborghini na nossa frente. Eu suspirei. É sério mesmo que Bernardo esperava que eu fosse com ele naquilo? Quão ridícula será que consigo me sentir andando nessa coisa?

Mateus corre em minha direção, me deseja boa tarde.

“Oi, Mateus. Você está bem?”, sorrio para ele. “Como está sua irmã, ela melhorou?”

“Melhorou sim. Valeu, Laura”, ele entrega as chaves para Bernardo. “Sua máquina é animal, cara!”

Mateus se afasta, Bernardo abre a porta para mim.

Eu o encaro, encaro a porta que ele abre.

“Qual é o problema?”, ele pergunta.

Penso no que quero fazer, se quero correr daqui, discutir com ele ou simplesmente ceder, evitando mais cansaço. Suspiro novamente.

“Bernardo, você tem noção de que se vendesse esse carro nós não precisaríamos buscar recurso algum?”, minha voz sai azeda. “Você, sozinho, podia financiar o nosso projeto. Já imaginou que legal? Acho que você ainda ganhava uma plaquinha com o seu nome.”

Forço um sorriso, azedo também. Entro no carro, visivelmente a contragosto.

Bernardo corre como um louco, mas isso não me surpreende. Enquanto ele estava concentrado no caminho, eu revisava alguns documentos. Ele parecia chateado com alguma coisa, talvez com meus comentários e azedume, com meu exagero, então tivemos um pouco de paz. Em poucos minutos nós chegamos ao luxuoso restaurante no qual esperava o nosso possível investidor.

Ainda em silêncio, Bernardo me conduz até um espaço reservado ao encontro. As luzes são claras, podemos ver uma Brasília espetacular dali, totalmente oposta àquela que queríamos ajudar. Um homem de meia-idade nos esperava numa mesa. Todas as outras estavam vazias. Bernardo e ele se cumprimentam como se fossem amigos de infância. Gosto disso, assim eu mato dois ratos com uma só cajadada.

Após o papo-furado, a comida, a bebida, os sorrisos e as conversas entediantes entre os dois, vamos direto ao ponto. Tenho certeza de que Bernardo já fez alguma proposta prévia, então espero a resposta do nosso convidado.

“Pessoal, a causa de vocês é muito boa, temos que ter esse compromisso, essa responsabilidade social”, Walter inicia, já espero o desfecho negativo. “Se pudéssemos, realmente ajudaríamos. Mas esses valores... Vocês não estão mesmo pra brincadeira! Que gananciosos!”, gargaça. “Infelizmente é uma quantia significativa. Se pudermos rever o investimento...”

“Infelizmente, Sr. Ramires, os valores não são negociáveis”, eu o interrompo, causando choque nos dois homens da mesa.

“Laura...”, tenta Bernardo, mas eu o olho diretamente, ao meu lado, fazendo com que se lembre do nosso acordo. Ele me entende, então desiste.

Posso ver que Bernardo está tenso, mas eu não me importo. Volto minha atenção para o homem à minha frente.

“Sr. Ramires, conhece a Ceilândia?”, questiono.

Ele parece ofendido.

“Claro que eu conheço!”, rebate, entre orgulhoso e ofendido.

“Conhece as regiões periféricas?”, insisto.

Ele se engasga, aproveito a oportunidade.

“Então o senhor pode entender quando digo que precisamos de muito dinheiro”, tento rir, ele ri também, envergonhado.

“Eu entendo a causa... Laura, não é?”, quando confirmo ele prossegue. “Compreendo o que você diz, Laura, mas infelizmente esses valores... Precisamos concordar que são exorbitantes. Peço desculpas por não ser de grande ajuda.”

Ele acha que me venceu, sorri. Olha para o Bernardo, com uma espécie de ameaça velada. Eu a entendo. Ele está dizendo que Bernardo lhe preparou uma armadilha, está dizendo que não gosta de ser encurralado, e é exatamente o que eu quero que ele pense.

“Sr. Ramires, qual foi mesmo o membro da sua família acusado de pedofilia no ano passado?”, eu atiro, bem no rosto dele.

Ele tosse, quase se engasga de novo. Fica vermelho, fica roxo. Eu gosto do que vejo. Por debaixo da mesa, Bernardo coloca uma mão na minha perna. É um sinal para que eu pare, ele está me implorando. Só que eu não me importo, não agora. Eu avisei que não era uma boa ideia me trazer aqui, ele não me escutou. Agora eu preciso terminar o que vim fazer.

“Essa reunião acabou”, anuncia o homem chocado na minha frente.

No entanto, antes que ele se levante, eu prossigo:

“A mídia não tratou o caso como deveria, Sr. Ramires, mas ela fez um certo estrago”, continuo, calma, porque estou desossando um porco, pior que isso, estou gostando. “Então eu pensei o seguinte: se uma contribuição generosa, como a que esperamos, realmente ocorrer, a mídia terá o que falar novamente, mas dessa vez o seu nome estará do lado bom da história”, faço uma pausa técnica. “Não será como uma confissão de culpa porque o seu familiar já está respondendo pelo que fez, não está?”, enfio a faca mais um pouco. “Nesse caso, o senhor só tem a ganhar. Talvez até receba algum prêmio por apoiar os direitos da criança e do adolescente, se puder fazer um discurso comovente, é claro, o que acredito que possa fazer”, outra pausa técnica. “Como isso lhe soa? Muito bom, não é? Talvez o senhor possa recuperar não só a imagem do seu negócio, mas parte dos investidores e da confiança que perdeu.”

Ele calculava, segurando sua raiva sem conseguir disfarçar.

“E se minha resposta ainda for não?”, questiona.

Eu lhe entrego a pasta que contém a minha versão da proposta e uma cópia do contrato pronto, porque sei que ele não tem uma alternativa.

Bernardo aperta minha perna. Eu havia esquecido que sua mão ainda estava ali. Eu o ignoro, continuo fixada no porco na minha frente.

“Acho prudente assinar o contrato, Sr. Ramires”, aconselho.

“Você está me ameaçando?”

“No seu discurso, pensei que seria de bom tom pedir desculpas pelo que o seu familiar fez, explicar que a família Ramires não compactua com criminosos, independente de quem sejam, que todo crime hediondo deve ser punido severamente”, continuo, séria. “Não mencione a quantia doada, nós faremos isso no nosso momento na tribuna, assim o senhor não fica parecendo muito pretensioso, um calculista que só pensa no dinheiro, como se ele pudesse comprar o perdão da sociedade, entende?”, finjo que estou pensando no discurso dele. “Também sugiro que troque o pessoal que escreve o texto dos seus pronunciamentos, eles não fizeram um bom trabalho da última vez”, concludo. “Espero o contrato assinado em breve. O Bernardo pode lidar

com outros assuntos ou o ajuste de alguma cláusula, mas os valores são inegociáveis. Acho que terminamos por aqui.”

Furioso, ele se levanta.

“Vai se foder!”, berra para Bernardo como se fosse explodir de raiva, não me olha nenhuma vez quando sai.

Mas Walter leva a minha pasta, e sei que vai aceitar meus termos.

Bernardo está perplexo. Retiro sua mão da minha perna e me levanto.

“Nós também terminamos aqui”, anuncio, começando a andar em direção à porta.

“Laura”, ele chama.

Eu paro, espero.

Ele se levanta devagar e vem até mim. Inacreditavelmente, parece calmo, talvez esteja apenas tentando controlar sua raiva.

Para na minha frente, mais próximo do que eu gostaria.

“O que você fez?”, ele pergunta, ainda calmo.

“Fechei o acordo”, respondo, sorrindo para ele. “Não é o que combinamos?”

Sei que ele está tentando se controlar, saboreio o seu sofrimento.

“Podíamos ter feito isso de outra forma”, diz, à beira de uma explosão, pelo que parece.

Então eu me irrito, e deixo que ele veja isso.

“De que forma, Bernardo? Implorando a pedófilos? Implorando pedófilos a investir em crianças? Aceitando qualquer miséria que quisessem dar e rindo com eles numa foto porque são bons samaritanos?”, quero gritar. “Dessa forma? Dessa forma atenderia seus outros interesses?”

“Que interesses?”, ele exige.

“Ele não é seu parceiro de outros negócios?”

“O que você está implicando aqui, Laura?”

“Você sabia sobre as acusações de pedofilia contra o pai dele?”

Bernardo respira profundamente, tentando se controlar.

“Sim, eu sabia”, responde a contragosto. “Por quê? Não devia ter sugerido esse acordo? Sou uma espécie de monstro também?”, seu tom de voz sobe. “É por isso que você sempre me afasta? Também me acha repugnante? Você me acha um merda que não se importa com ninguém?”

Fico confusa com essa sua reação.

“Eu vou para casa”, digo, tentando encerrar a discussão.

Mas ele não me deixa afastar, segura meu braço e me obriga a olhá-lo novamente.

“Responde”, implora.

“Responder o quê?”, questiono sem paciência.

“Você me acha um merda?”, quase sussurra.

“Não importa o que eu acho”, tento suavizar a voz. “Responda você mesmo. Você é um merda?”

Ele se assusta, me solta.

“Vou levar você pra casa”, diz vencido.

Quando ele tenta sair do lugar, eu o impeço, segurando seu braço como ele fez com o meu.

“Bernardo, espera”, peço. Ele me atende, espera com paciência. “Eu vou sozinha. Não preciso que você me leve.”

Solto o seu braço, ele permanece imóvel. Novamente, parece que está mortalmente cansado. Eu dou um passo em sua direção.

“Nunca mais me obrigue a fazer isso”, aviso, ameaço. “Nunca mais me obrigue a participar de algo assim. Eu vou ajudar a conseguir os recursos necessários para o projeto, mas vou fazer isso do meu jeito”, avanço mais um pouco na sua direção. “Você pode fazer o que bem entender, da forma que achar melhor. Só não me peça para fazer o mesmo. Trabalhamos de maneiras diferentes, então vamos tentar respeitar isso.”

Deixo Bernardo ali e vou para casa, sem me importar com mais nada. O dia estava encerrado para mim. Eu só queria tomar um banho, relaxar um pouco, tomar uma taça de vinho, tentar dormir. Finalmente, estabeleci nossos limites, agora ele podia me deixar em paz.

*Brasília,
Lago Sul*

É o órgão errado do meu corpo que está palpitando. Mas que porra é essa?! Por que caralho o meu coração está palpitando desse jeito?! Que merda está acontecendo aqui? O dia todo, só o meu pau reagia do lado dela, por que diabos agora essa porcaria de coração está desse jeito?! Entro em casa, arranco sapatos, largo chaves, carteira, tudo. Vou logo beber, quero parar de pensar nesse dia de merda. Nem sei como cheguei em casa. Tem mulher me ligando, não sei o que fazer. Quero foder, mas quero foder ela, não essas mina que tão me ligando.

Vou pegar um ar na sacada, sento ali com meu uísque, olhando a merda dessa cidade. É uma vista do caralho, mas só penso nela. O dia todo esse inferno de pensar nela. Que porra de vida, que vou fazer? Ela me odeia, tenho certeza disso. Que vou fazer com essa merda agora? Quero morder, arrancar os lábios dela, quero enfiar meu pau nela, na buceta dela, no rabo dela, na boca dela, em tudo que é lugar dela. Inferno! Meu pau já tá subindo de novo, esse caralho. Quase me entrego naquela reunião de merda, ela engolindo aquele animal e eu querendo engolir ela todinha. Minha mão na perna dela, na pele dela! Que inferno! Eu queria comer ela ali mesmo. Que vou fazer? Um sorriso que me mata, a primeira vez que ri pra mim, e tudo por conta da besteira que fiz. Da merda que fiz, que ainda fez ela ter pesadelo. Devo estar me ferrando com ela desde aquela noite, por isso nunca me quis, sempre me afasta. Ela tem razão de me odiar. Maldita apostal! Agora eu quero socar a cara do Guigui, aquele puto. Tudo culpa dele, apostal de merda.

Ela disse que sou maluco, tem razão. Tô maluco, por ela.

Maluco pra foder ela todinha. Mas acho que não é só isso.

Que merda vou fazer agora?

*Brasília,
Ceilândia*

Minha avó sempre falou de honestidade quando a gente crescia, de levar uma vida honesta e digna, acho que ela só tinha medo da gente querer subir o morro, porque era mais fácil subir o morro. Era comum subir o morro pra subir de vida. Certeza que seria mais fácil do que ficar o dia todo estacionando esses carões de burguês. Dirigindo essas máquinas um pouquinho, sonhando com uma vida em que a gente era dono de uma assim. Sonhando com a vida dos playboys.

Meu pai morreu quando a gente era criança, porque achou que ele podia subir o morro. Minha mãe saiu de casa um dia e nunca mais voltou, acho que ela morreu. Deve ter sido as drogas. Minha avó criou a gente sozinha, ralando como uma condenada na mansão de ricaço que ainda pechinchava o pagamento dela do mês. Quando minha irmã ficou doente, achei que eu não ia dar conta, que também teria que subir o morro. Pensei em fazer um tanto de besteira, mas aí um dia, alguém no trabalho me ajudou. Eu achei que era invisível, mas ela me notou. Disse que reparou que eu estava triste há uns dias já, queria perguntar se estava tudo bem, mas sem coragem de conversar comigo. Achei engracado, alguém naquele lugar me tratar como gente. Aquele tanto de engravatado, sem tempo pra nada porque estavam ralando pra construir um país melhor, falando de projeto na Ceilândia como se morassem aqui, como se soubessem de tudo, mas não davam nem bom dia pra gente como eu. Invisível.

Nós trocamos umas ideias, a Laura e eu, ela conversou bastante comigo. Algumas vezes, ela me levava café e uns sanduíches. Contei pra ela sobre a minha irmã, daí ela se ofereceu pra pagar as contas do hospital. Fique morrendo de vergonha, queria ainda mais subir o morro, mas ela me convenceu. Disse que podia ser um empréstimo, que eu podia pagar ela depois. Eu aceitei, porque minha irmã precisava. Minha irmã começou o tratamento, eu e comecei a trabalhar muito mais, pra mudar de vida, porque eu não quero subir o morro.

Esses dias a Laura disse que se eu frequentasse um lugar que ela tinha conseguido me colocar, eu podia conseguir um emprego melhor, que pagava mais. Ela ainda tirou um sarro, falando que eu podia pagar minha dívida mais rápido. Resolvi tentar do jeito dela, porque ela era muito legal, era gente boa. Agora estou dando um duro danado pra trabalhar e estudar. Só não quero subir o morro, por causa da minha avó.

*Minas Gerais,
Interior*

Eu me sento na roda, assim como todos os outros, em volta da fogueira. Bergmann toca violão e canta *Hoje a noite não tem luar*, está no meio de todo o mundo, mas parece novamente um lobo solitário e triste. Estou feliz por vê-lo tocar e cantar, mas também porque tive um dia muito bom, consegui um estágio num escritório de advocacia renomado na cidade e em pouco tempo vou começar a prestar os vestibulares para a Faculdade de Direito. Minha mãe está feliz, acha que finalmente verá algum resultado depois de todo o nosso esforço.

Enquanto viajo ouvindo a voz hipnotizante de Bergmann, lembro do momento em que decidi cursar Direito. Estávamos no segundo ano do Ensino Médio, conversávamos sobre o nosso futuro, os meus colegas anunciaavam suas escolhas: Medicina, Engenharia, Direito, Matemática, Educação Física, Farmácia, Nutrição. E quando permaneci em silêncio, eles me questionaram, de forma que fui obrigada a dizer o que queria fazer com a minha vida: eu queria escrever, eu queria ser uma escritora. Após muitas gargalhadas, e uma reunião de intervenção com meus professores quando a notícia se espalhou, eu fui facilmente persuadida. Se você gosta tanto de ler e escrever, Maria, por que não se torna uma advogada? Escritor no Brasil só se torna grande postumamente, isso se tiver sorte. Quer mesmo fazer isso? Se eu gostasse de ler, eu teria escolhido o Direito. E com essas dúvidas plantadas na minha cabeça, vieram outras que atingiram também o meu coração: como uma garota pobre como eu, com origens como a minha, podia sonhar tão alto assim? Como eu cuidaria da minha mãe, se não tivesse dinheiro suficiente? E foi assim que alguma coisa novamente se partiu, outra transformação aconteceu. Eu seria uma mulher incrível e poderosa, eu não seria preterida em relação a ninguém, eu faria o que eu quisesse da minha vida, mas eu precisava ganhar dinheiro primeiro. Se era o Direito que podia abrir o meu caminho, essa seria a minha escolha.

Novamente, uma tola. Novamente, muito ingênuas. Rapidamente eu aprenderia que o mundo não é uma máquina de realização de desejos. Porém, esse ainda não era o momento de aprender tudo isso. Agora era o momento de escutar o meu coração bater mais forte enquanto ouvia Bergmann cantar, era o momento de acreditar que eu estava me apaixonando por ele.

Rafa e Beto estão ao meu lado, Manu na missa. Embora um pouco triste pelo nosso desentendimento, não quero lidar com isso agora. Enquanto cantamos todos juntos a única música que conhecíamos d'*A banda mais bonita da cidade*, observo meus colegas, a grande maioria, pessoas completamente desconhecidas, com quem eu nunca havia trocado uma palavra. Eles parecem felizes, como se pudessem fazer qualquer coisa, como se pudessem amar qualquer pessoa e ser correspondido, como se pudessem ser felizes no futuro, como são neste momento, como se a felicidade fosse durar para sempre. Cada um deles tinha um sonho, falavam disso com frequência, embora pensassem que não havia ninguém realmente escutando. Caio queria ser um músico muito famoso, queria viver da música; Léo queria fazer Engenharia Civil e trabalhar com seu pai, mestre de obras; a garota de tranças, cujo

nome não me recordo, queria casar com Bergmann e ter três filhos; a outra, de piercings na boca, queria só passar mais um dia nesse bairro deserto, em lenta construção e expansão, sem preocupar com nada, esquecendo a vida que lhe esperava em casa, esquecendo a preocupação da sua família com o pagamento da escola de medicina, para a qual ela havia sido aprovada muito cedo; a menina de cabelos enrolados queria provar para os garotos que ela podia fazer o mesmo que eles, como comer espetinho de coração de galinha e beber cerveja, ela até sabia algumas técnicas do futebol e era torcedora do Corinthians. Observando cada um deles com minhas lentes, muitas vezes embaçadas, eu percebi que éramos como deuses menores, capazes de legislar a própria vida. Não conhecíamos os prazos apertados, os boletos, a economia, a política, as expectativas, a perversidade, nem mesmo nossas vontades ou aptidões verdadeiras, ou aquelas que poderíamos construir. Não conhecíamos a ansiedade ou o desespero reais, porque a vida se resumia bastante a uma música do Legião Urbana e a bebidas alcoólicas, talvez um palheiro. Ali, não podíamos saber que em alguns anos seríamos rotulados como a geração mais azarada da história.

E aí eu pensava em Bergmann novamente. Qual seria o seu maior sonho? O que lhe fazia realmente feliz? O que ele esperava da vida? Bergmann nunca deixava essas respostas escaparem, parecia uma incógnita. Eu achei que fizesse parte do seu charme, ser assim. Eu achei que ele escondesse atrás do violão e da tequila para criar essa aura de mistério que fascinava tanto as meninas. Talvez, se eu não tivesse me deixado levar por essas aparências e conclusões precipitadas, eu poderia ter enxergado o verdadeiro Gabriel Bergmann.

*Brasília,
DF*

Uma caneca de café brotou do nada na minha mesa. Eu parei de digitar, erguendo o olhar para a mão que a largara ali. Gabriela? Ela parecia um pouco tímida, um pouco perdida, mas estava diante de mim, com um sorriso incerto.

“Isso é para mim, certo?”, brinco, esperando a confirmação dela. “Muito obrigada, você acaba de salvar o dia”, tomo um gole, faço um gesto que indica uma cadeira ao lado dela, de frente para mim.

Gabriela se senta.

“Você precisa de alguma coisa? Posso ajudar de alguma maneira?”, pergunto.

Ela solta o ar que eu não sabia que prendia.

“Eu quero agradecer você, Laura”, ela diz finalmente.

Eu não comprehendo.

“Pelo que você quer me agradecer?”

“Aquele dia...”, ela espera, tomando coragem, então continua: “Você não defendeu só a Bibi, você defendeu todas nós. Foi corajosa, Laura. Mais corajosa do que qualquer um aqui, homem ou mulher.”

Analiso suas palavras, tomando mais um pouco de café.

“O que estou dizendo é que você não está mais sozinha aqui dentro”, Gabriela continua. “Se você decidiu ser corajosa, eu posso fazer o mesmo. Podemos ser amigas, se você quiser. Eu sei como esse lugar, esse trabalho, pode nos deixar solitárias. As pessoas aqui não são muito receptivas.”

Acho que estou sorrindo para Gabriela.

“Eu agradeço, Gabriela”, digo enfim. “É bom saber que posso contar com você.”

“Sobre o Fernando, eu o conheço pouco, mas sei que não pensa como o Pablo, ele gostava da Bibi”, ela me encara. “Ele ficou muito mal depois do que aconteceu, fez uma reunião com nosso time e disse que não vai tolerar aquele tipo de comportamento ou comentários.” Gabriela hesita então, decidindo se continua, prossegue depois de firmar seu olhar em mim de novo. “O Pablo... Ele não é uma pessoa má, Laura. Ele é meu colega, ele me ajuda muito. Eu conheço a família dele. Ele também refletiu bastante depois daquele dia. Acho que o problema é essa divisão que eles fazem das mulheres, entre santas e pecadoras, sabe?”

Eu podia entender o que Gabriela estava dizendo. Ela me fez lembrar da conversa que tive com Fernando após o episódio. Ele estava terrivelmente envergonhado, pediu desculpas em nome do colega. Disse que algo assim não voltaria a se repetir. Eu decidi acreditar nele, disse que entendia sua posição, mas garanti que não aceitaria o mesmo comportamento de antes. Outra Abigail não seria massacrada, não na minha frente. E para isso era preciso que gente como o Pablo tomasse muito cuidado com suas palavras. Como nada do que acontecia aqui dentro ficava realmente em segredo, toda a equipe acabou sabendo da nossa discussão na cozinha. Pela primeira vez, os fofoqueiros fizeram um favor: divulgaram o meu aviso. Eu não permitiria aquilo de novo, e agora todos sabiam disso.

Talvez esse fosse mais um privilégio meu, estar numa posição em que eu podia exigir isso, um mínimo de respeito. Em que podia fazer o que eu bem entendesse sem temer represálias, como atacar Walter Ramires. Eu devia obedecer a hierarquia institucional, como todos, mas quando o diretor da unidade me chamou, estupidamente bravo com meu comportamento durante o encontro com o empresário, eu não permiti que me desse uma advertência, porque eu consegui o acordo, porque eu ainda podia fazer da vida de ambos um inferno, caso divulgasse essas informações para a imprensa, anunciando a recusa do empresário a um investimento social, mesmo após os escândalos. Era um plano completamente falível, o mundo tinha o poder de me engolir, de uma só vez, eu não era nada, não era ninguém, mas eu perdi tudo. Não tenho mais nada para perder. Por isso, faço o que eu bem entender, porque eu aguento as consequências, porque não preciso me preocupar com o que vão pensar de mim. No meu caso, não ter nada a perder, era um privilégio. Um privilégio estranho.

“Laura?”, escuto Gabriela chamar.

“Desculpe, Gabriela”, peço, voltando à conversa. “Eu estava pensando nisso que você disse”, minto, mais ou menos.

“Podemos almoçar juntas um dia desses?”, ela pergunta, enquanto se levanta. “Será por minha conta, para te agradecer.”

Esboço um sorriso amigável.

“Eu é que não vou perder comida de graça”, brinco. “Claro, quando você quiser. Obrigada por vir aqui, significa muito.”

Como Dudu estava de volta, eu podia me permitir um pequeno luxo naquela noite. Escolhi um restaurante japonês que tinha indicações online muito positivas e fiz uma reserva. Um pouco de saquê e salmão me ajudaram a relaxar. Eu estava feliz, acabara de conseguir mais um investidor para o projeto, e dessa vez a escolha foi inteiramente minha. Era uma senhora filantropa muito conhecida, todo ano ela escolhia um projeto para amadrinhar. Nossa reunião foi tão diferente! Nós rimos e comemos, nós conversamos sobre nossas vidas, falamos sobre seus outros projetos e ela ainda me serviu chá. Embora os valores doados por ela não chegassem perto do que eu havia conseguido anteriormente, nossa reunião foi muito mais agradável, e eu sabia que ela ajudaria a fiscalizar a destinação dos recursos, acredito que participará até mesmo das ações nas comunidades beneficiadas. Foi um dia bom, um dia muito bom.

A minha mesa no restaurante japonês era privada, estava localizada dentro de um espaço que parecia uma pequena salinha, mais um dos motivos por eu ter escolhido esse lugar. Ali eu podia beber e comer o tanto que quisesse, não precisava ver ou falar com ninguém. Era como um pequeno pedaço do céu na terra. Coloquei uma música no meu aparelho celular, baixinha. E era como se eu já tivesse feito tudo o que queria nesta vida, como se estivesse pronta para morrer, se fosse o momento. Eu não acreditava que havia momento certo para morrer, não exatamente, mas se existisse, como muitos acreditam, o meu podia ser agora. Eu aceitaria a oferta de bom

grado. Talvez a morte fosse como um sono eterno, relaxante, eu gostava muito dessa teoria, crença ou abordagem, não sei como nominar, só quero muito acreditar nela. Um adormecer tranquilo, como agora, depois de um dia como hoje. Uma morte assim, será que era pedir demais? Quase podia sentir o sono, ou a morte, chegando. Eu sorria, enquanto minha cabeça pesada escorregava para um lado, acho que bebi demais. Ela escorregava, até encontrar um lugar aconchegante, ao qual me agarrei. Era a morte enfim? A morte tinha um braço musculoso, mas não me importei, agarrei mesmo assim. A morte era cheirosa também e sabia confortar as pessoas com seu ombro largo. A morte era tudo o que eu precisava naquele momento.

“Por que você está aqui sozinha?”, Bernardo sussurrou.

Então era Bernardo, não a morte. Fazia sentido. Por um segundo eu quase me afastei, mas estava tão bom ali que não me mexi, pelo contrário, ajustei meu corpo ao dele, aceitando o conforto oferecido. Ele me pegou e me colocou em seu colo, me abraçou, me deixou descansar em seu peito, cheirou meu cabelo, beijou minha testa.

“Você está bem?”, sua voz era sussurro, estava com medo de eu acordar e correr dali, correr dele de novo.

“Eu não consigo dormir direito”, confessei, massageando minha bochecha na sua camisa. “Vou ficar aqui só um pouquinho. Pode me emprestar seu corpo? Ele é muito macio.”

Ele suspirou baixinho, deixando algo escapar, como agonia.

“Está desconfortável para você?”, perguntei.

Como resposta, ele me apertou ainda mais.

“Eu posso te emprestar, te dar, o que você quiser, Laura”, sussurrou de novo. “Você tem o que quiser de mim.”

Eu sorri, me aninhando ainda mais ao seu corpo, que esquentava muito, pegava fogo. Então eu senti sua ereção.

“Bernardo...”

Eu tentei me afastar, ele não deixou.

“Não faz isso, Laura”, ele implorou. “Não liga pra isso, eu consigo me segurar.”

“Bernardo...”

“Não vai embora de novo, por favor”, eu estranhava seu tom de voz. “Pode dormir, eu prometo que me comporto.”

Eu confiei nele, estranho, muito estranho. Talvez fosse o cansaço.

Dormi profundamente, por quase duas horas. Devia ter sonífero no corpo dele, ou relaxante muscular. Era isso ou o álcool que eu ingeri. Quando abri os olhos, ele ainda me apertava na mesma posição de antes, ergui o olhar envergonhado para seu rosto, logo acima do meu.

“Oi”, eu disse, sem graça.

Bernardo sorria de um jeito que eu ainda não tinha visto.

“Oi”, ele repetiu, também um pouco sem graça. “Você dormiu bem?”

“Sim, eu dormi”, confessei, porque não havia motivos para mentir. “Como não fazia há muito tempo. Muito obrigada, Bernardo.”

Eu tentei descer do colo dele, mas novamente ele não me permitiu.

Meu rosto pegou fogo.

“Não me diga que vai cobrar seu pagamento agora”, brinquei, mas me arrependi, porque o semblante dele se tornou muito confuso de entender, parecia muito triste.

“Desculpe”, eu sussurrei, envergonhada.

Ele continuava com um semblante torturado, fiquei com medo do que via.

“Você está bem?”, eu tentei, incerta, mas ele não respondeu.

Quando Bernardo não responde, eu levo minha mão até seu rosto, até seu queixo, obrigando-o a me olhar.

“Você está bem?”, insisto.

Ele dá um sorriso doloroso de ver.

“O que eu preciso fazer pra ter você?”, ele me pergunta.

Retiro a mão de seu queixo, mas ele a alcança e a coloca em seu rosto de novo, faz minha mão acariciá-lo, enquanto sua mão acaricia a minha.

Eu penso com cuidado numa resposta.

“Depende”, começo, ainda pensativa. “Em qual sentido você me quer?”

Ele se assusta com minha pergunta, fica confuso, então aproveito para continuar:

“Se for uma questão de sexo, podemos resolvê-la agora mesmo”, digo, esperando sua reação alarmada, confusa. Gosto do que vejo, então continuo, no mesmo tom de brincadeira: “Só que, se você me quiser de outras formas, terá um pouco mais de trabalho, e não podemos garantir nada.”

“Laura...”, ele se interrompe, ainda não entende o que estou falando.

Cruzo minhas pernas em torno dele, a proximo nossos rostos, trago suas duas mãos para o meu colo e as aperto.

“Então, o que você quer fazer?”, pergunto, brincando com suas mãos, quentes.

Posso ver seu olhar de fome, ele mal se segura, mas sei que não vai avançar sem minha permissão. Por que será que tenho tanta certeza disso? Devo ter perdido o juízo.

“Eu quero beijar você”, ele responde, garganta seca.

“E se você me beijar agora vai poder se segurar?”, questiono.

Ele engole em seco.

“Não”, responde com sofrimento.

“Então você já tomou sua decisão?”

Bernardo solta suas mãos do meu controle e me aperta contra ele, posso sentir seu membro enrijecido, é exatamente o que ele quer que eu sinta.

“Então está bem”, digo, levando meus lábios até os dele.

Mas Bernardo me interrompe, com muita dificuldade. Segura meu rosto a centímetros do seu. Olha sedento para os meus lábios.

“Deve ser a coisa mais difícil que eu já fiz na vida”, admite, todo tenso. “Só que eu quero você de muitas outras formas.”

Meu coração, que às vezes parecia pedra, não se comportou. Mas eu sabia exatamente o que estava fazendo ali. Eu estava apostando, apostando com Bernardo, apostando que eu quebraria o seu jogo. Eu gostava de vê-lo sofrer, eu gostava de vê-lo implorar. Talvez a equipe médica que me avaliou após o incidente na infância, bem como os terapeutas e psiquiatras que vieram depois, estivessem certos: eu precisava reprimir certos impulsos, como a vontade de fazer alguns animais sangrarem. Eu não estava certa se com Bernardo seria diferente dos casos anteriores, como o agressor da minha amiga na infância, Walter Ramires ou os meus colegas de trabalho, mas queria pagar para ver. De toda forma, eu sabia no que estava me metendo, porque eu já conhecia Bernardo o suficiente, conhecia o funcionamento do mundo e o desenho das pessoas a minha volta, sabia como brincar nesse jogo, não me importava com nada. No fim das contas, eu não esperava nada, não ganharia nada com aquilo, não tinha nenhum objetivo, mas como eu também não tinha nada a perder, podia fazer o que bem entendesse. Estranho demais, esse meu privilégio.

Havia, no entanto, outra possibilidade: por saber exatamente o que ele queria, eu estava disposta a deixá-lo ter, porque Bernardo me ofereceu um lugar muito bom, onde eu podia enfim dormir, onde eu podia descansar. Poderia funcionar como um acordo, semelhante a outros que fizemos antes.

Ele ainda respira com dificuldade, me aperta contra seu membro enrijecido. Enquanto espero para ver o que ele faz em seguida, percebo as tatuagens que cobre um de seus braços. É a primeira vez que o vejo numa camisa de manga curta, é a primeira vez que vejo suas tatuagens. Enquanto se controla, ele nota que eu o estudo.

“Não gosta de tatuagens?”, ele me pergunta.

Eu sorrio para Bernardo.

“Fica bom em você”, respondo.

Ele greme, quase quebra sua própria decisão.

“Devo ficar montada em você assim por quanto tempo?”, sussurro, sabendo exatamente o que estou fazendo.

Ele me olha com sofrimento.

“Você é muito má”, brinca, voz trêmula, febril.

“Vamos para casa?”, sugiro, tentando ser doce.

Ele suspira muitas vezes, antes de balançar a cabeça, concordando.

“Precisa de um minuto?”, pergunto.

Ele ri, sem graça.

“Acho que preciso de mais”, responde.

“Vamos fazer o seguinte”, começo. “Eu vou me levantar, vou ao banheiro, você fica aqui. Leve o tempo que precisar. Depois vamos para casa, tudo bem?”

Bernardo concorda, mas saio de cima dele com dificuldade, porque ele ainda não tem certeza se pode me soltar.

Fazemos como o combinado.

Quando retorno do banheiro, ele parece bem melhor. Esperava por mim perto da porta. Eu entro e ele me puxa para um abraço muito apertado. Tenho dificuldade para respirar.

“Pensei que você me odiasse”, ele confessa.

Consigo soltar meus braços do seu abraço sufocante, com eles livres posso cruzá-los em torno do pescoço dele. Bernardo é muito alto, mas facilita a minha vida, quando me ergue para que eu possa envolvê-lo.

“Eu te odeio mesmo”, brinco. “Vou fazer você sofrer como um condenado, Bernardo.”

Ele ri no meu pescoço.

“Tem certeza de que quer fazer isso?”, pergunto, talvez preocupada. “Você já se enganou uma vez.”

“Você não me assusta, Laura”, ele promete.

Fico com medo, não sei bem de onde vem essa sensação. Quando as presas não demonstram medo, temos que partir para um combate direto, e geralmente o mais forte é o vencedor. Eu confiava na minha força, mas só ganhei até agora porque não demonstrei medo, porque pude provocá-lo ao invés de demonstrá-lo. Dessa vez, teria que tomar mais cuidado.

*Minas Gerais,
Interior*

Era uma péssima ideia, mas eu já estava habituada e fazer péssimas escolhas, então concordo. Estamos diante desse monte de gente em volta da piscina, bebendo e nadando, nesse churrasco para o qual eu não devia ter me inscrito. Bergmann conversa com dois colegas mais adiante, eu fico lhe encarando, até Rafa me puxar num canto e pedir para eu não ser tão óbvia. Beto já sumiu outra vez, como tem feito com frequência, mas não dizemos nada.

Eu ainda não estava segura o suficiente para tirar minhas roupas e ficar só de biquíni, por isso usava um vestidinho mais solto, muito a cara do verão, tentando não deixar muito explícito o que eu pretendia esconder. Como sempre, Rafa logo está enturmada, conversando com um monte de gente que desconheço. Eu, que não tenho essa habilidade ou disposição, resolvo me sentar numa bancada, próxima à churrasqueira, analisando a higiene do local. Em alguns momentos, quase me levanto e vou embora, de tão entediante que é o barulho na minha cabeça e as conversas cruzadas que sem querer eu ouço.

“Você gosta de mim?”

Eu levo um susto, olho para o lado, para o dono daquela voz agora tão familiar.

“Eu... Eu? Não!”, tento responder Bergmann, completamente desorientada.

“Pensei que gostasse, porque você fica me encarando”, ele diz isso e toma um gole da bebida que carrega numa caneca escura.

“Ah, eu... Eu... Não...”, enquanto gaguejo, ele me entrega sua caneca.

“Experimenta isso aqui.”

Analiso o conteúdo da caneca com preocupação, mas acho que eu beberia até veneno se ele me oferecesse com aquele sorriso.

Dou um gole, estranho o gosto, mas bebo mais alguns goles. E assim, sou batizada. Agora vou beber vodca o resto da minha vida.

“Não é tão ruim”, falo.

“Mentirosa”, ele acusa.

Rimos disso, e meu coração dá uns pulinhos, como idiota.

“Eu não gosto de você, Gabriel”, falo depressa, tentando consertar o bem-entendido dele.

“Tudo bem”, ele ri de novo. “Nesse caso, devolve minha caneca.”

“Nunca mais”, eu alego.

Ele concorda, esconde o sorriso, e vai embora. Fico me perguntando se eu devia ter falado outra coisa, alguma que pudesse mantê-lo por perto por mais tempo. Ele volta para seus amigos e eu fico com a sensação de que estraguei tudo.

A tarde passa rapidamente e logo é noite, ainda estamos ali, na beira da piscina e bêbados. Depois de falar com Bergmann, depois de achar que estraguei tudo, quero dançar e esquecer o fiasco, quero que ele me veja dançando e que venha falar comigo outra vez. Isso não acontece, então eu desperto desse meu sonhar acordada e percebo que quase todo mundo foi embora. Beto não apareceu ainda e Rafa saiu há alguns minutos, com um menino que estava xavecando. Enquanto estou ali, um pouco bêbada

demais e triste, um dos colegas de Bergmann se aproxima de mim. Eu não lembro o nome dele também. Ele fala comigo, e vai colocando suas mãos na minha cintura, vai se aproximando demais, como se fosse me beijar. Eu não quero isso, mas não consigo falar nada. É como se eu estivesse sem voz. Estou sem voz, porém, consigo recuperar um pouco da minha força, então empurro o menino, quase me desequilibrando com o gesto. Vejo o rosto dele, sente raiva, como se eu não tivesse o direito de colocá-lo em seu devido lugar, como se eu não tivesse apenas me defendido. Ele acha que eu não sou ninguém para empurrá-lo dessa forma, que não poderia jamais rejeitá-lo, por isso, ele também me empurra.

Caio na piscina, mas não sei nadar. Estou um pouco perdida, enquanto me debato com a água. Interrompendo o meu desespero, Bergmann aparece, e me ajuda a voltar à superfície.

“Você está bem?”, ele pergunta, ofegante.

Quero chorar, estou assustada, tentando entender o que aconteceu.

“Maria, você está bem?”, ele repete, urgente.

Eu acordo.

“Sim, estou”, sussurro, envergonhada. “Obrigada, você me salvou.”

“Você não sabe nadar?”, pergunta.

Estou confusa, mas respondo:

“Não.”

Bergmann se aproxima, sorri e diz:

“Hold your breath.”

Eu obedeço, enquanto afundamos.

Debaixo d’água tudo era mais bonito.

*Brasília,
DF*

Novamente, mais uma noite insone. Levanto-me frustrada, desistindo de tentar dormir. Vou me sentar perto da janela, observando a cidade iluminada. Meu telefone toca ao receber uma nova mensagem. Resolvo ler. É Bernardo, pergunta se ainda estou acordada. Faz dois dias desde o restaurante japonês, mas ainda não nos encontramos fora do trabalho. Tento fugir dos seus olhares, evitando as fofocas, que sei que vão começar em breve, porque ele não disfarça. Bernardo me pareceu um pouco perdido, não sabia como me tratar, não sabia como avançar, era como se fosse a sua primeira viagem. Percebo que ele ainda tem muito medo, medo de pisar na bola, medo de estragar a chance que lhe ofereci. Ele precisa de um pouco de ajuda, então decido ser generosa: eu lhe envio a localização do meu endereço.

Bernardo visualiza a mensagem, não diz nada. Sei que em muito pouco tempo ele vai bater na minha porta. Continuo ali, admirando as luzes da cidade, esperando Bernardo chegar. Talvez eu possa dormir um pouco de novo, ao seu lado. É o que espero.

Quando ele chega, tem o cabelo todo molhado, usa uma camiseta branca larga e calça de moletom. Estava preparado para dormir, ao que parece. Entra no meu apartamento pequeno como fez quando entrou no meu escritório pela primeira vez, avaliando tudo discretamente. Não esconde o sorriso, mas tem mais coisas por detrás dele.

“Você voou até aqui”, brinco, fechando minha porta.

“E eu ia te dar a chance de desistir?”, ele já está com as mãos no meu rosto. “Você está bem?”, parece preocupado.

“Estou bem, só pensei que seria bom ter você aqui”, tomo suas mãos e o conduzo até a minha cama. “Na verdade, só queria usar o seu corpo de novo.”

“Laura”, ele nos interrompe, suspira, põe uma mão no meu rosto de novo. “Eu estou realmente tentando fazer do seu jeito, mas você precisa me ajudar um pouco. Por favor, não seja uma menina muito má.”

“Você quer tomar vinho?”, pergunto, já que não posso levá-lo direto para a cama.

“Alguma chance de você ter uísque?”, ele brinca.

“Nenhuma.”

“Vinho, então.”

Enquanto pego duas taças e sirvo a bebida, ele continua analisando meu espaço, que só tem a divisória da suíte, sala e cozinha compartilham o mesmo cômodo. Bernardo escolhe se sentar na sacada, meu lugar favorito. Levo o vinho até ele e me sento no seu colo. Ele fica tenso novamente.

“Menina boa, lembra?”, ele diz, mas ajeita meu corpo ao dele.

Encosto minha cabeça ao peito dele, estou louca para dormir.

“Se for muito difícil, Bernardo...”

Ele me interrompe, segura meu queixo e me obriga a lhe olhar.

“Tem coisas mais difíceis, Laura”, diz, parecendo meio triste. “Como sentir tudo isso sem poder tocar você”, ele percorre o polegar pelos meus lábios úmidos de vinho. “Ou como acreditar que nunca teria uma chance.”

Dou-lhe um beijo no rosto.

“Se você me fizer dormir hoje, prometo que resolvemos sua situação no fim de semana”, digo sem pensar.

“Você não faz ideia de onde está se metendo, Laura.”

“Devo ficar assustada?”

Ele acaricia meu cabelo, me dá um beijo na testa.

“Deve sim, porque eu vou fazer você me levar mais a sério do que isso”, responde. “E quando acontecer, você não vai poder voltar atrás.”

Talvez fosse seu corpo quente, talvez fossem suas carícias, não sei, mas eu começava a ficar sonolenta. Sei que não era o álcool, porque não bebi o suficiente. Nunca pensei que Bernardo fosse capaz de me fazer dormir daquela forma, que pudesse ser tão gentil. Será que era assim que ele fazia até conseguir o que realmente queria das mulheres? Era eu tão cética em relação aos homens? Eu não acreditava na benevolência humana, portanto, sabia que as coisas vinham com um preço. E o preço por me permitir esses momentos com ele, que espantavam a insônia e até mesmo a solidão, seria cobrado. Privilégio meu poder pagar.

Ele retira a taça da minha mão, levanta-se comigo em seu colo, caminha pela casa, coloca-me sobre a cama, deita-se ao meu lado, abraça-me. Estou aquecida. Estou perigosamente dependente desses dedos que percorrem minhas bochechas e meu cabelo, desse calor que o corpo dele emana, desse braço que uso como travesseiro. Deslizo uma de minhas mãos para dentro da camiseta dele, até alcançar seu peito nu. Bernardo suspira, esquenta. Eu ajeito meu rosto em seu abraço, adormecendo sem pensar em mais nada.

Eu tive uma boa noite de sono, não lembro quando foi a última vez em que dormi tanto. Acordo suando, sinto um corpo pesado sobre o meu. Olho para cima. Bernardo está dormindo, parece muito cansado. Ainda me abraça. Fico ali analisando seu rosto, experimento tocá-lo. Também toco seu cabelo, é macio. Ele murmura alguma coisa que não entendo.

Com cuidado para não o despertar, saio dali, da jaula que é seu corpo em volta do meu. Ele se ajeita na cama, parece relaxar. Então eu vou tomar banho, depois preparam café da manhã. Eu tenho pouco tempo para chegar no escritório, já ele pode dormir mais um pouco, acredito, porque sempre aparece quando quer.

Enquanto preparam, tomando cuidado para não fazer barulho, ovos mexidos e pão, ele desperta. Caminha até mim, com cara de sono. Eu posso ter dormido bem, mas ele parece ter tido uma noite infernal. Bernardo me alcança, me segura pela cintura, me empurra contra a bancada da cozinha.

Ele suspira, eu espero. Ele me devora com os olhos, eu espero.

Ele me beija.

Eu deixo que ele conduza essa nossa dança torta, sinto a urgência dos seus lábios e corpo aumentando, sua garganta emite sons profundos. Parece que vai me engolir. Mas ele me solta. Estou sem fôlego.

Ele me olha, ainda quer mais. Está faminto.

Eu espero. Eu espero.

Ele não se move.

“Você não teve uma boa noite de sono, não é?”, eu começo, enquanto ele permanece imóvel na minha frente. “Desculpe, Bernardo. Se não precisar trabalhar agora, pode voltar a dormir. Tente descansar um pouco.”

“Para”, ele sussurra.

“Parar o quê?”, questiono confusa.

Ele se move, encosta sua testa na minha, suspira de novo.

“Para de me deixar louco desse jeito, Laura.”

Não entendo o que ele diz, porque eu não fiz absolutamente nada. Não ainda.

“Eu quero foder você bem aqui”, ele diz.

Balanço a cabeça, concordando. Olho meu relógio de pulso.

“Você tem vinte minutos”, eu digo.

Eu estava pronta para o seu ataque, mas ao contrário do que esperava, Bernardo recua um passo, como se tivesse levado um soco no estômago, seu rosto está contorcido numa expressão de dor.

Ele ri, mas não tem graça. Se não estou delirando, seus olhos estão úmidos.

“Você realmente me odeia”, ele fala, como se fosse para si mesmo. “Eu entendi tudo errado”, murmura.

Um pouco atordoado, ele sai dali, pega suas coisas na sala e vai embora. Eu fico encarando minha pia, sem ter a mínima ideia do que diabos acabou de acontecer.

*Minas Gerais,
Interior*

Estamos a sós, Bergmann e eu, à beira da piscina. Ele resolveu tocar uma canção para mim. Não sei cadê todas as outras pessoas de antes, mas eu não ligo. Estou diante da minha pessoa favorita no mundo, quero eternizar esse instante, gostaria que ele não fosse embora jamais.

*Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões*

Ele está me despindo com o olhar.

*Se espalham pelos pelos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem*

Acho que não me importo de ficar nua.

*Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos*

A minha primeira vez. Dolorida, desconfortável, angustiante, prazerosa, assustadora. Hímen rompido, coração rompido. Sangue, lágrimas, suor e sêmen. Debaixo d'água tudo era mesmo mais bonito. Mas tinha que respirar.

*Brasília,
DF*

Qual era a merda do meu problema?! Não consigo parar de pensar nisso. Que merda está acontecendo comigo?! O barulho na boate está muito alto. Música muito alta, muita gente. Minha cabeça vai explodir, essa merda de cabeça. Termo meu uísque, já peço outro. Um mais forte dessa vez. Tem umas putas sentando do meu lado, umas tentando sentar no meu colo. Que inferno elas querem agora?! Ouço esses cuzões dos meus amigos me chamarem, quero mandar todo mundo ir a puta que pariu. Que inferno eu vou fazer da minha vida agora? Se eu tivesse ficado na minha... Se eu não tivesse aceitado participar da merda desse projeto!

Parece que tô no inferno mesmo! Essas puta me puxando, gritando desse jeito, rindo alto demais. Esses mano cheirando perto de mim, bando de playboy do caralho! Filhinhos de papai! Filhos de puta! Merda! Em que caralho fui me meter? Por um momento, achei que ela realmente me quisesse, pensei que tinha chance. Mas ela tem um jeito perverso de me tratar. Como se eu fosse um lixo, um bosta. É assim que ela me vê. Falo que vou foder ela, ela olha a porcaria do relógio. Na hora que conseguir dormir sozinha, ela me larga. Faz isso pra me enlouquecer, só pode. Acho que tá me tratando como eu trato as putas. Não sabe a porra do trabalho que deu ficar ali, sem fazer nada. Esperando pra ver se ela entrava na minha de verdade. Mas acho que sei o problema. Ela me odeia. Não sou diferente do Ramires. Ela queria acabar comigo também, naquele dia. Aquela merda de reunião era um aviso. Eu não entendi.

Agora tô aqui, não consigo foder ninguém, não consigo fazer nada. Vou pra merda da minha casa, beber até desmaiar. Tudo pra ver se não penso nela, e naquele corpo dos infernos dela. Tô na merda. Com ela, tô sempre na merda.

*Minas Gerais,
Interior*

“Eu não sei que porcaria você pensa que está fazendo com sua vida, Maria, mas você precisa acordar”, Beto quase grita. “É legal estar com essa galera, só que você precisa ficar esperta. Berg é um cara legal no rolê. No rolê, entendeu? Não pense nele fora de lá, não leve esse cara pra sua vida. Ele fica com qualquer uma, então, se não quer ser qualquer uma, se liga!”

Minha cabeça explodia, eu podia entender o meu amigo, mas queria tanto estar enganada, queria tanto que ele estivesse enganado. Por algum motivo, eu não conseguia me iludir totalmente. Talvez fosse o comportamento de Bergmann nos dias seguintes àquele. Ele não voltou a falar comigo, parecia me evitar. Eu me aproximava, ele afastava, sem nenhuma desculpa, sem cerimônia, como se ficar perto de mim fosse incômodo, desagradável. Ou talvez estivesse apenas esclarecendo as coisas: ele não queria mais nada comigo. Fui tão idiota, tão estúpida, tão tola.

Apesar de ainda confiar nele, de um jeito estranho porque ele nunca dera motivos para isso, algumas pessoas do grupo ficaram sabendo sobre nós, então não pude evitar a dúvida. Eu estava exposta, alvo de cochichos, de comentários entre os meninos nas mesas de bar, entre as meninas na manicure, entre todos eles nas festas do clube. Eu não podia acreditar que Bergmann tivesse contado, acreditava mais na possibilidade de alguém ter nos visto naquele dia. De toda forma, eu era a única exposta, porque, conforme logo descobri, não era a primeira vez que Bergmann transava com uma menina virgem. Nesses ciclos, ele era elogiado como se fosse alguma espécie de modelo ou super-herói para os outros meninos, enquanto eu saí da história como a garota burra que ficou com o maior pegador do grupo.

E assim eu fui me afastando deles, todos eles. O momento decisivo para isso foi quando uma das inúmeras garotas declaradamente a fim de Bergmann veio me dizer, como se fossemos amigas, que eu não precisava ficar com vergonha, porque eu não tinha sido a primeira a me enganar pela encenação de Bergmann, com sua voz e violão e um olhar que nos fazia sentir únicas e especiais.

Então eu acreditei, acreditei em todos eles, e duvidei de mim. Fiz tudo o que eu pude para correr daquela cidade, como se precisasse fugir dali. Precisava respirar, e não poderia fazer isso no pequeno amontoado de pedras que formavam casas tombadas pela prefeitura.

*Brasília,
DF*

Bernardo não aparece nos próximos dias, não sei se está tentando me evitar. Ouço a notícia de que estão preparando outra sala para ele, como escritório, no andar superior. Não sei se é uma decisão de agora, não acredito que seja. Fiquei muito confusa após nosso último encontro, tentei entender sua reação. Não consegui. Eu tinha consciência do meu comportamento, do meu puro interesse, mas não era isso que ele queria? Pensei que tínhamos um acordo. Como ele pôde reagir assim quando eu ainda não havia feito nada? Eu ainda não havia lhe torturado o suficiente, como prometi. De toda forma, talvez seja melhor assim. Agora ele pode me deixar finalmente em paz.

Então lembro do seu rosto, quando o vi pela última vez, e uma dúvida me percorre. Bernardo quer que eu o ame? Por que ele esperaria algo assim de mim? Durante todos os nossos encontros, a única coisa visível era seu interesse sexual por mim, não enxerguei mais nada. No entanto, avaliando a forma como foi capaz de se deter no restaurante e a forma como pareceu ofendido na minha casa, talvez ele estivesse esperando mais. Eu prometi fazê-lo sofrer, ele prometeu que me faria levá-lo a sério. Talvez ambos estivéssemos agora cumprindo nossas promessas: ele sofrendo e eu preocupada com o que se passava em sua cabeça. No entanto, Bernardo era um playboy, como diabos eu confiaria nele?

Dudu entra no meu escritório, me entrega um monte de papéis, explica alguma coisa sobre eles e sai. Não consegui entender uma palavra, não quero lidar com isso agora. A minha cabeça parece que vai explodir, durmo ainda menos agora. Tomo um remédio, acho que vou para casa. Não aguento mais ficar aqui, depois justifico a ausência. Pego minhas coisas, digo que tenho uma reunião para não ser questionada, vou embora.

O dia está passando de uma maneira muito estranha, como se passasse em recortes. Minha cabeça vai explodir. Estou na rua, numa calçada perto do ministério, não tenho certeza para onde estou indo, alguém segura o meu braço. Eu sei quem é antes mesmo de me virar.

“Você está bem?”, ele pergunta.

Bernardo também parece exausto.

“Eu não faço ideia, mas não é da sua conta”, respondo ríspida, retirando a mão dele do meu braço.

“Laura, por favor.”

Eu me interrompo, olho para ele novamente.

“O que eu fiz pra você, Bernardo?”, quero saber.

Ele se aproxima, beija meu rosto, me abraça.

“Estamos no meio da rua”, eu aviso, amarga.

Bernardo beija meus cabelos.

“Eu não ligo”, diz.

Resmungo, abraçando-o também.

“O que você quer que eu faça?”, pergunto.

“Quero que goste de mim”, confessa.

Suspiro, cansada.

“Então vai ter que se esforçar muito mais”, limpo uma lágrima que escorreu.
“Você é péssimo nisso, Bernardo.”

Ele ri.

“Você também não é nada fácil, sabia?”

Resmungo de novo, emburrada. Ele ri mais uma vez, toma minha mão e me leva dali. Não sei para onde vamos, eu só quero dormir.

Eu não era a única que precisava dormir. Bernardo me leva para sua casa, me oferece sua cama, desmonta ao meu lado. Dormirmos por horas, nem sei quantas. Quando desperto, ele não está mais ao meu lado, então eu o procuro pelo lugar imenso, até encontrá-lo na cozinha. Não sei ao certo o que prepara, mas cheira bem.

Ele me encontra no meio do caminho, me segura pela cintura, me levanta. Cruzo as pernas ao redor dele, estou presa ao corpo dele, olhando-lhe no fundo dos olhos. Ele me faz sentar numa mesa, continuo prendendo seu corpo ao meu.

“Você dormiu bem?”, ele pergunta.

“Eu nunca mais vou brigar com você”, respondo rindo, ele gargalha.

Bernardo me beija, eu corrospo. Sua urgência se torna a minha também. Agora já somos mais maduros, eu quero acreditar. Somos capazes de nos entender melhor, eu me convenço.

*Brasília,
Lago Sul*

Que sentimento foda do caralho é este?! Ela está aqui, dormindo nos meus braços, toda pelada, com essa bunda maravilhosa roçando meu pau, me atiçando todo! De novo. De novo. Como fez nos últimos dias, em cada canto da casa, como fez no meu carro, no chuveiro. Como fez naquele banheiro de merda do restaurante italiano. Ela acelera meu coração, me acelera inteiro. Acho que sou capaz de morrer por essa mulher foda do caralho!

Levo minha mão até um de seus seios, aperto essa coisa gostosa, do tamanho certo. Perfeita pra mim, essa mulher. Ela gême, fico louco. Desço minha mão, provocando a mesma reação. Ela também me quer, ela finalmente me quer. Suspiro em seu cabelo, tentando manter minha promessa de deixar ela dormir dessa vez. Não consegui cumprir muito essa promessa, acho que ela nunca mais vai dormir, se depender de mim.

Minha mão alcança seu destino, ela gême de novo. Não aguento, toda molhadinha! Que merda vou fazer da minha vida?! Ela não vai dormir. Não vai dormir nunca mais!

“Bernardo”, ela gême, chamando a porra do meu nome! Me enlouquecendo! Um grunhido me escapa, como resposta.

“Quero dormir com você dentro de mim”, ela diz sonolenta, sem piedade.

Já não sou capaz de merda nenhuma. Sou um animal, um animal que precisa dela pra sobreviver.

*Brasília,
Lago Sul*

“Esse acordo foi péssimo! Eu fui lesada!”, grito, fugindo dele. “Você não me deixa dormir!”, gargalho, quando ele me alcança de novo. “Eu saí prejudicada aqui! Vou ter que rever com o pessoal do jurídico, preciso encontrar uma brecha, preciso quebrar esse contrato!”, brinco.

Ele beija minha orelha, fazendo cócegas.

“Tão ingênua! Achando que pode fugir de um animal com fome!”, diz, enquanto me abraça de novo, daquele jeito apertado que não me deixa respirar direito.

“Bernardo, eu estou realmente com fome”, reclamo.

Ele me solta, me encara, de um jeito que já conheço.

“Não!”, grito. “Eu estou com fome de verdade, entendeu?”

Bernardo ri, então toma minha mão e finalmente vamos preparar alguma coisa para comer.

Ele tem me mantido numa espécie de cárcere privado, se não brigar, não consigo nem me alimentar ou hidratar o suficiente. Ele nunca está satisfeito, nunca saciado, e agora estou quase tão faminta quanto ele. Mas eu preciso recuperar um pouco da minha rotina, preciso voltar para casa, preciso tomar uma taça de vinho na minha sacada, preciso trabalhar até tarde, tudo que não tenho feito nos últimos dias. Estou praticamente morando na casa dele. Não quero isso, concordamos de caminhar devagar. Combinamos de manter nosso relacionamento em segredo no trabalho, embora o falatório já tenha começado e se intensifique a cada dia, principalmente após nosso momento na rua perto do ministério, eu prefiro esperar para assumir abertamente o nosso caso.

Tudo isso era preocupação para outra hora, porque hoje eu estava muito animada, hoje eu finalmente conheceria o filho dele. Não era uma surpresa para mim quando Bernardo me disse que tinha um filho, logo no início. Durante minhas pesquisas sobre a vida dele, quando ainda tinha receio da sua chegada no ministério, eu encontrei essa informação num dos artigos que li. Quando ele me contou isso, tinha uma expressão engraçada no rosto, como se eu pudesse desistir do nosso acordo porque ele tinha um filho. Bernardo não fazia ideia de como eu estava feliz por ele ter alguém assim em sua vida.

Ele me falou muitas coisas sobre o filho, como o fato de ele morar com a mãe, como o fato de se verem pouco, infelizmente. Joaquim era uma criança de oito anos, era muito tímido, ao contrário do pai, não falava facilmente com todas as pessoas, então me identifiquei com ele antes mesmo de conhecê-lo. Bernardo me disse que namorou a mãe do Joaquim quando eram bem mais novos, que não planejaram a criança, mas que ficaram muito felizes com o seu nascimento. Foi um de seus inúmeros relacionamentos pouco duradouros, com Natália, a mãe de seu filho, mas ambos desenvolveram uma amizade não só necessária para Joaquim, como para o término saudável que tiveram.

Eu queria que Joaquim gostasse de mim, estava ansiosa. Nem me lembrava mais dessa sensação.

*São Paulo,
Zona Leste*

Quando alcanço minha sala depois do banho, encontro Beto, Rafa e Manu sentados no meu sofá, os três de frente para mim. Pelo que posso ver em suas expressões, a notícia não é nada boa.

Então me lembro do comportamento estranho de Manu durante a viagem, após o luau, e de como achei estranho Rafa e Beto decidirem vir para minha casa quando não moravam tão longe, mesmo cansados como estavam. Eles tentavam me dizer alguma coisa, estavam se preparando, me preparando, para isso.

Um arrepió percorre minha espinha.

Não sei se quero ouvir o que eles têm a dizer.

*Brasília,
Lago Sul*

Joaquim se esconde atrás da mãe, ele não quer me conhecer. Engulo a decepção, tentando entender a criança. Se eu estivesse em seu lugar, também não gostaria de conhecer a namorada do meu pai. Não pude evitar pensar na minha madrasta, mas estávamos há anos luz de distância em qualquer comparação.

“Filho, responde a Laura”, implora Natália.

Joaquim não cede.

“Não se preocupe, Natália”, sorrio para a mulher que encarna o estereótipo da beleza grega, dessas que poderia seduzir o humano ou o deus que quisesse. “Está tudo bem”, garanto.

Embora eu mantenha a minha postura o máximo que posso, estou realmente ansiosa, querendo que tanto Joaquim quanto Natália gostem de mim. Eu não queria parecer uma intrusa em suas vidas. Então Bernardo coloca uma mão na minha cintura e beija meus cabelos, estragando tudo. Fico imóvel, com receio de ter ofendido alguém, não sei bem quem.

Ele me solta e busca o filho atrás da ex-namorada. Pega-o em seu colo, tenta fazê-lo rir sem muito sucesso, leva-o para a mesa posta, onde faremos a refeição em breve. Acho que eles tentam ter uma conversa pai e filho, acredito que Bernardo tenta tranquilizar a criança, embora já tenha falado com ele sobre mim noutro momento, quando eu não estava presente, logicamente.

Ficamos eu e Natália ali, encarando a outra, envergonhadas.

Bernardo me disse que Natália tem uma namorada agora, que está muito feliz, eu acredito nele, mas ainda assim é uma situação estranha para mim, tentar conversar com sua ex-namorada, mãe do seu filho, sobretudo quando sou péssima nisso.

“O que acha de bebermos um pouco de vinho?”, tento, meio tímida.

“Claro!”, ela aceita, também sem muito jeito.

Seguimos para a cozinha, cômodo que tanto ela como eu conhecemos bem. Ainda sem saber se devia deixá-la fazer isso ou não, sirvo a bebida em duas taças. Bernardo e Joaquim ainda conversam na sala. Não podem nos ouvir, a menos que se esforcem para isso.

“Muito obrigada pela oportunidade, Natália”, começo incerta. “Eu estava muito ansiosa para conhecer o Joaquim.”

Ela sorri, é doce.

“Só dê um tempo para ele, Laura. Tenho certeza de que vão ser bons amigos em breve”, ela bebe um pouco do vinho.

“Não tenho certeza se posso perguntar...”

“Claro que pode!”, ela me interrompe.

Reúno coragem para fazê-lo.

“Como ele reagiu com as outras namoradas do pai?”

Natália parece confusa.

“O Bernardo nunca apresentou o Joaquim para nenhuma delas, Laura”, diz por fim. “Claro que sabíamos, eventualmente até nos encontrávamos com algumas, mas elas nunca foram propriamente apresentadas.”

Merda!

Bebo um gole de vinho, tentando digerir tudo.

“Foi uma grande surpresa quando ele nos contou sobre você”, ela prossegue.

“Imagino que seja algo especial, entre vocês dois.”

Levo um susto, ela percebe isso.

Natália ri, amigável.

“Não se preocupe comigo, eu gostaria muito que fossemos amigas”, ela se aproxima e segura minhas mãos. “Se o Bernardo escolheu você, deve mesmo gostar de você. Isso significa que vamos nos ver bastante, significa que você fará parte da nossa vida, então não se preocupe, estamos em família aqui.”

Não sei o que me assusta mais, a possibilidade de ter uma família ou as palavras dela, nas quais quero tanto acreditar.

“Muito obrigada, Natália”, tento ser doce também. “Significa muito ouvir isso de você.”

Ela me abraça, de repente. Fico imóvel. Não estou confortável, mas não posso fazer nada além de abraçá-la também.

“Eu estou muito feliz por vocês”, ela continua. “O Bernardo merece ser finalmente feliz, depois de tudo o que ele passou.”

E suas palavras ficam suspensas, estou à deriva, numa confusão difícil de compreender. É muita coisa para processar. Não, não se parece nada comigo. Essa abertura exposta, fenda que não fecho, coloca o meu coração em perigo. É como se qualquer um pudesse tomá-lo. Preciso me lembrar: eu não sou mais uma garotinha vulnerável.

*Brasília,
DF*

Eu não tinha muita opção, não de verdade. A garota em quem eu queria mesmo investir, talvez me abrir para algo novo, algo sério, estava há quilômetros de distância de mim. Não fisicamente, emocionalmente quero dizer. Então eu ia pra balada, toda noite. Bebia como um puto, mas sempre acabava com um vazio monstruoso no fim da noite. Dia seguinte, as mulheres na minha cama e eu pensando que aquela não era a vida que eu queria. Elas deixavam seu perfume e desapareciam, como fumaça. Restava me afogar, no trabalho e na cerveja.

Desde o início, ela deixou a nossa situação muito bem clara, então eu fiquei com receio de me aproximar e estragar tudo. Agora vinha um infeliz, filho de puta de merda, e ela estava saindo com ele! Eu sabia que ela não era assim, mas não pude deixar de pensar: qual era a grande diferença entre nós dois? Era seu dinheiro, seus carros, seu status? Ela gostava de foder os poderosos? Gostava de transar com seus chefes?

Dou mais uma golada, esperando o barman trazer outro shot.

Ela não era assim, eu sabia. Precisava de pouco tempo perto dela pra saber. Então por que ela estava arriscando tudo? O desprezo dos colegas de trabalho, a falação na cabeça, para quê tanto desgaste? Será que não se preocupava com o sucesso do projeto? E se não desse certo entre eles, como ficariam as coisas? Depois de todo o esforço que fizemos, que ela fez, por que arriscar? O que ela via naquele infeliz?

Eu detestei o cara desde o momento zero. Baita playboy de merda, achava que era o melhorzão. Todo convencido, comendo ela com os olhos, vigiando seus passos como um louco. Eu sabia que ele faria uma investida a qualquer momento, eu sabia. Só nunca imaginei que ela cairia nessa. Ela era inteligente demais, sempre foda no trabalho, esperta, mas caiu na desse cara. Ela não sabia nada mesmo sobre os homens. Talvez eu devesse ter insistido um pouco mais, talvez esse tenha sido o meu problema. Talvez essa tenha sido a grande diferença entre mim e aquele playboy de merda, que não demoraria muito para arrebentar o coração dela.

Ainda estou com um pouco de ressaca, entro na cozinha procurando água. Ela está tomando café, analisa um documento. Parece importante.

“Bom-dia, Laurinha”, digo, esperando que ela me olhe e sorria.

“Bom-dia, Fernando. Tudo bem?”

Ela nem desvia a atenção do documento.

“O que é isso aí?”, quero saber, então me aproximo, talvez seja só uma desculpa para me aproximar.

Ela abre espaço para que eu veja o documento.

“O escritório de São Paulo designou uma advogada para o nosso projeto na Ceilândia”, ela continua. “Ela deve nos encontrar aqui nos próximos dias, para uma reunião preliminar.”

Bebo um pouco da água, estou com a garganta seca.

“E como você está se sentindo?”, pergunto.

Ela olha para mim, daquele jeito que sempre me deixa esperançoso, porque sei que ela vai compartilhar alguma coisa. Comigo. Geralmente, ela nunca é muito aberta com os outros, mas ela fala comigo de um jeito diferente. Tem momentos que quase penso que teria uma chance, se eu tentasse de novo.

“Estou apreensiva, eu acho”, responde. “Não quero ver repetir o que aconteceu no passado.”

“Eu sinto muito, Laurinha.”

Então me lembro do outro dia, com o Pablo. Lembro da forma que ela ficou brava comigo. Ela tinha razão, eu podia ter feito mais na época. Ela só ficou tão brava naquele dia porque eu não fiz nada para ajudar a Bibi.

“Pelo menos eles tiveram a sensibilidade de mandar uma mulher dessa vez”, ela continua. “Para uma reunião preliminar, quero dizer. Depois de tudo o que aconteceu, se mandam um homem, se mandam aquele advogado de merda deles, soaria como uma afronta, ou um aviso.”

Infelizmente, ela tem razão. Odeio essa situação, não quero ser machista, mas é muito difícil lidar com essa divisão, muito difícil lidar com o nosso trabalho agora, precisamos ficar atentos a tudo que falamos, para não soar como macho escroto. Qualquer coisa, rótulo de macho escroto. Tudo podia ser uma ofensa. Era cansativo, e ela, principalmente, não deixava nada passar. Mesmo podendo entender seu lado, era difícil. Ela não sabia mesmo perdoar um deslize. Enquanto pensava nisso, resolvi me arriscar um pouco nesta manhã.

“Laurinha, eu soube sobre você e o cara novo”, aguardei seus olhos, para saber se podia continuar. Pelo jeito que ela me olhava, dava para saber o que eu podia fazer. “Não estou me metendo na sua vida, eu só fiquei surpreso.”

“Surpreso com o quê?”, ela me pergunta, embora calma, sei que é um alerta.

“Não pensei que ele fizesse seu tipo.”

Ela fica em silêncio, não sei como agir, se posso continuar ou se devo me calar. Odeio quando ela fica em silêncio, porque o que vem depois é sempre uma surpresa.

“Bem...”, ela prossegue, já colocando na lixeira o seu copo descartável, preparando uma saída. “Foi uma surpresa para mim também”, ela já está na porta. “Mas você sabe que não ligo para opinião alheia.”

Ela sorri, não sei dizer se me avisando que a minha opinião também era uma opinião alheia.

“Laurinha?”, insisto, ela escuta.

“Sim?”

“Não confie nos homens, Laurinha. Homem nenhum presta.”

Ela ri, mas eu estou sério.

“Nem mesmo em você?”, rebate, me desmantelando todo.

Forço um sorriso.

“Nem mesmo em mim.”

Eu não minto quando digo isso.

Ela pensa um pouco, então sorri de novo, de um jeito incrível que me provoca arrependimento.

“Muito obrigada, Fernando. De verdade.”

Eu sei que ela realmente me agradece, sei que é de verdade. Parece que com ela sempre sei o que é verdadeiro. Ela vai embora, de volta ao seu escritório cheio de papel, trabalho que nem ela ou Dudu vão dar conta de terminar em dia. Fico pensando que perdi a minha chance com ela, porque se o playboy fosse só um pouquinho inteligente, não desgrudaria dela nunca mais.

*Brasília,
DF*

Ainda impactada com as palavras de Fernando, eu subo para o novo escritório de Bernardo, no piso superior. Ele diz que precisamos discutir um assunto urgente, relativo ao projeto, mas tenho minhas dúvidas, porque ele não só aproveita cada uma de nossas oportunidades a sós, como acostumou-se a criar algumas. O novo escritório se parece muito mais com Bernardo, é espaçoso, elegante, tem vista privilegiada, é uma verdadeira obscenidade para qualquer repartição pública. Felizmente, não é o contribuinte quem está pagando por ele.

Quando entro, Bernardo está finalizando uma reunião com três pessoas do seu time, montado há poucos dias. Pelo que entendi, ele trouxe especialistas de diferentes áreas, criando uma espécie de comissão técnica. Eles saem, nos cumprimentamos no caminho. A porta se fecha e Bernardo já está me abraçando.

“Estamos trabalhando”, eu lhe lembro.

“Eu não me importo”, Bernardo responde, cheirando meu cabelo. “Preciso de cinco minutinhos com você pra recarregar.”

Enquanto me abraça ele se move em direção à mesa de reuniões, me levando junto dessa forma. Ele se encosta ali, apertando-me.

“Bernardo, estamos trabalhando, alguém pode entrar!”

“Eu não ligo.”

Suspirei.

“Por que você precisava desse novo escritório?”, pergunto, quando parece que ele vai dormir a qualquer momento.

“Eu não precisava, me mudei porque aquele lugar lá embaixo é desconfortável pra caralho”, ele ri.

Eu não estava em condições de julgá-lo, se ele podia ter o que quisesse, se podia estar mais confortável e tinha como consegui-lo, eu não faria nenhum julgamento. Nesse sentido, não era tão diferente de mim, que fazia o que bem entendia sem me importar com consequências. Bernardo dispunha de recursos materiais, eu dispunha de liberdade. Pelo menos, era o que eu acreditava.

“Então você não quis ficar perto de mim”, brinco.

Ele grunhe e me aperta mais, mesmo sob meus protestos e reclamações.

“Eu não consigo respirar, Bernardo!”

“Para de reclamar, sabe que posso piorar sua situação.”

Suspiro, ele ri.

Quando ele finalmente me solta, analiso seu rosto cansado.

“Está tudo bem?”, questiono, porque ele parece muito, muito cansado.

“Vai ficar, em breve”, responde, acariciando meu rosto. “Só uns cuzões dos infernos dando um pouco de trabalho. Daqui a pouco vou lá chutar a bunda deles.”

Eu ri, ele beijou minha testa.

“Ter você aqui ajuda a aliviar essa merda toda, amor.”

Eu paraliso, acho que não estou nem respirando mais.

“O que foi?” Bernardo pergunta urgente, quando percebe meu estado. “Laura, você está bem?”

Tento sorrir, saindo da paralisia. Vou disfarçar, porque não quero que ele note como estou desconfortável com sua proximidade emocional.

“Tenho certeza de que você pode resolver isso, seja lá o que for”, digo. “Então, por que você me chamou aqui?”

Bernardo ainda me analisa com cuidado, estou desconfortável de novo. Ele percebe isso, então deixa passar. Sorri.

“Não é óbvio?”, brinca.

“Não tem nenhum assunto urgente, não é?”

Ele ri, da minha cara.

“Tão ingênuo, amor.”

De novo. Bernardo está de novo fazendo isso. Será que está me testando?

Novamente, disfarço.

“Você se lembrou de contatar a locadora de brinquedos para o aniversário do Joaquim?”, pergunto, tentando sair do embaraço.

“Sim, já está feito.”

“Ótimo!”, eu me afasto dele, em direção à porta. “Então nossa reunião urgente acabou, Sr. Bernardo!”

Já estou no meio do caminho quando ele me alcança. Segura minha mão e me obriga a olhá-lo.

“Qual é o problema?”, pergunta, me assustando.

Forço um sorriso.

“Não tem problema algum”, respondo, fazendo o melhor que eu posso. “Eu só preciso voltar a trabalhar agora se não quiser sair daqui muito tarde.”

“Laura, fala comigo”, ele quase implora, não sei o que fazer.

Eu me ergo, para alcançar seus lábios.

“Não tem problema nenhum, eu estou bem”, tento convencê-lo quando lhe solto. “Vamos terminar aqui rápido e correr para casa. O Joaquim vai jantar com a gente, lembra?”

Bernardo não está convencido, mas deixa essa passar, então eu vou embora, para lidar com os meus próprios demônios.

Passo o restante da manhã meio aérea, tentando lidar com sentimentos conflitantes, por isso, quando Camila me chama para almoçar num restaurante perto do ministério, porque aparentemente precisa conversar comigo sobre algo importante, eu aceito, acreditando que seria bom sair um pouco. No estado em que me encontrava, não fui capaz de perceber suas intenções, até que ela iniciou seu discurso, na mesa do restaurante, após nossa refeição.

Havia muito barulho no restaurante, mas nossa mesa era mais afastada, então podíamos conversar sem preocupar com a cacofonia de talheres, risos, passos, pratos e copos alcançando mesas com estardalhaço.

“Laura, você sabe que eu não me meteria na sua vida se não me importasse com você”, ela começa, com aqueles olhos castanhos intensos. “Eu estou aqui

tentando cumprir um papel de mãe. Se você fosse minha filha, esse seria o conselho que eu te daria. Quando minhas meninas crescerem, esse será o mesmo conselho que darei, se elas se encontrarem na mesma situação que você está agora.”

“Camila, eu não estou entendendo”, minto, esperando poder interrompê-la.

“Eu soube sobre você e o Bernardo”, esclarece. “Todos já estão sabendo, e falando, sobre vocês, Laura.”

Eu tomo cuidado com minhas palavras.

“Eu sei, Camila”, respondo. “Sei sobre os comentários.”

“Então aqui vai o meu conselho de mãe”, ela faz uma pausa enfática, cuidadosa. “Laura, esse homem pode fazer você se machucar muito. Não estou falando só da situação ruim em que te coloca no seu ambiente de trabalho, estou falando de machucar você de verdade.”

Eu concordo lentamente, processando uma resposta. Como demoro, ela prossegue:

“É impossível que você não saiba como ele vive”, faz outra pausa. “Ele dorme com inúmeras mulheres, uma diferente toda noite, pelo que dizem os sites de fofoca. Ele é um galinha, Laura. Não caia nessa, ele vai machucar você.”

Tomo mais um instante para respirar profundamente, minha cabeça já estava latejando.

“Eu agradeço muito sua preocupação, Camila”, inicio, tentando sorrir. “De verdade, eu aprecio. Sei que está apenas preocupada comigo, está me tratando como ninguém nunca fez, nem mesmo minha família”, faço uma pausa. “Mas você sabe muito bem o que penso.”

“Eu sei que você é durona na queda, meu bem, eu sei. Sei que não liga para os comentários maldosos, mas isso é mais sério, Laura. Estamos falando de você se apaixonar por um homem assim, que não vai respeitar você, que vai fazer você sofrer.”

Eu congelei, congelei com a possibilidade de me apaixonar por alguém. No entanto, eu precisava continuar respondendo a mulher preocupada na minha frente.

“Eu estou disposta a correr esse risco pelo Bernardo, Camila”, falo, surpreendendo a mim mesma. “Eu sei o que dizem sobre ele, o que pensam sobre ele, mas eu escolhi conhecê-lo. Ele pode me machucar, é verdade, isso pode acontecer, só que eu não sou uma garotinha que precisa de proteção. Eu faço minhas próprias escolhas e assumo suas consequências.”

Camila me lança um olhar ainda mais alarmado.

“Parece que você já se apaixonou por ele, querida”, diz, me assustando.

Penso por um momento, tentando organizar minhas emoções.

“Eu não saberia dizer, Camila”, respondo, sincera. “Nunca me apaixonei antes, então não faço a mínima ideia do que é estar apaixonada por alguém.”

Camila parece triste ao ouvir isso, acho que ela gosta realmente de mim.

“Laura, se não posso convencer você, preciso apenas que me prometa uma coisa.”

Ela espera, eu concordo.

“Você vai tomar cuidado, não vai?”

Eu sorrio para aqueles olhos que eu tanto desejei ver na minha infância, que podiam ser os olhos de qualquer um, nem precisava ser os da minha mãe ou irmã.

“Eu prometo”, digo, apertando suas mãos.

“Tenho que voltar agora, preciso ligar para as crianças”, ela anuncia. “Você vem também?”

“Não, eu vou ficar mais um pouquinho, vou tomar um café. Encontro você no escritório mais tarde”, faço uma pausa, ainda engolindo o choro. “Muito obrigada, Camila. Significa muito a sua preocupação.”

Ela lança um beijo de longe, então parte.

Eu respiro profundamente, fecho os olhos. Preciso controlar minhas emoções, preciso me esforçar para não chorar. Que dia difícil! Tanta coisa para lidar. Nem lembro quanto tempo faz desde que não sinto essa espécie de desespero, que se não cuido, me devora, deixando expostas todas as minhas feridas. Eu precisava continuar respirando profundamente, varrendo para debaixo do tapete tudo aquilo que não queria sentir. Eu precisava me lembrar que sou muito forte, que sou durona, como Camila disse. Eu precisava me lembrar que não era mais uma garotinha medrosa e indefesa. Precisava me lembrar que eu era a senhora de mim mesma.

Então, quando alguém arrasta uma cadeira e se senta ao meu lado, eu penso que ela voltou, penso que Camila voltou. Só que quando abro meus olhos, é Bernardo quem está tomando minha mão, é ele quem a aperta, é ele quem beija minha testa e faz minha cabeça repousar em seu ombro.

Estou apavorada, não consigo me mexer ou respirar direito, mas preciso perguntar:

“Quando você chegou aqui?”

Ele toma um instante, avaliando uma resposta com cuidado.

“Há um tempo”, diz, vago.

Estou com mais medo ainda.

“Antes da Camila sair?”

Outra pausa.

“Antes de vocês chegarem.”

Engulo em seco.

“Bernardo, você nos ouviu?”, quero saber, desesperada.

“Laura...”

“Você nos ouviu?”, interrompo.

Ele suspira, tenta ser inaudível.

“Sim.”

Minha mão está suando. Há quanto tempo não sinto isso?

“Como eu não te vi quando chegamos?”, sussurro, sem saber se falo com ele ou comigo mesma.

“Eu estava numa reunião lá atrás, tinha um monte de gente”, ele continua, cuidadoso. “Quando terminamos, eu me aproximei de vocês, mas a conversa parecia

pessoal, então eu quis me afastar, mas não consegui quando ouvi meu nome.” Bernardo entrelaça seus dedos aos meus. “Laura, por favor, me perdoe.”

Ergo minha cabeça para encará-lo.

“Não era a minha intenção ouvir vocês”, ele reafirma.

“Você está chateado?”

Ele parece confuso.

“Chateado?”

“Sim, chateado com o que pensam sobre você”, responde. “Você está, Bernardo? Está chateado com o que pensam sobre você?”

Bernardo deixa escapar um suspiro, então sorri. Ele toma meu rosto e me leva até ele, para que possa me beijar. É a primeira vez que me beija paciente, sem a sua urgência famética. Saboreia meus lábios como se só eles importassem. Depois beija meu rosto todo, bochechas, queixo, testa, nariz e cabelos. Sinto que estou em perigo, principalmente quando ele me solta e sorri de novo, daquele jeito.

“Eu não dou a mínima para o que pensam sobre mim”, responde. “Não estaria onde estou se ligasse para a merda que os outros pensam”, ele beija minha mão. “Eu só ligo para o que você pensa, Laura. Felizmente, você não pensa tão mal de mim.”

Tento sorrir, mas não sei como sai.

“Você está enganado, Bernardo”, brinco. “Eu também penso muito mal de você.”

Bernardo ri.

“Que pena! Achei que já tinha te convencido um pouquinho.”

“Não, não”, digo. “Você ainda tem muito trabalho pela frente.”

Então ele fica sério, e eu não sei o que fazer.

“Posso levar a vida inteira tentando convencer você, meu amor”, ele me beija de novo, com mais urgência dessa vez.

Eu lhe afasto, olho em volta.

“Lugar público, lembra?”

“Eu não ligo.”

Eu suspiro novamente, me dando conta de que ele dá muito trabalho.

“Laura?”

E pelo seu tom de voz, eu prestei total atenção, deduzindo que estaria mais uma vez desconfortável com o que ele estava prestes a dizer.

“Eu quero o seu coração só pra mim”, diz. “Você vai me deixar ter o seu coração, Laura?”

Reprimo alguma coisa amarga que tenta escapar.

“E o que você fará com ele, Bernardo?”

“Eu vou cuidar dele pelo resto da minha vida, se você deixar.”

Sinto minhas lágrimas represadas prestes a cair, estou vulnerável, estou com medo. Quero confiar em suas palavras, mas não sei como fazer isso. Parece que virei uma presa. Sou uma presa diante de um caçador habilidoso.

“Tudo bem se você ainda não puder confiar em mim”, Bernardo prossegue, quando não digo nada. “Eu posso fazer você confiar em mim. Não estou com pressa, meu amor”, ele me abraça, beija meus cabelos. “Só fique do meu lado durante o processo, combinado?”

Eu balanço a cabeça, concordando, lutando com as lágrimas.

“Agora, se você ainda tiver uns minutinhos” ele prossegue, “eu não estou me aguentando aqui. Meu carro está estacionado na esquina. O que acha?”

Eu começo a rir, sem parar. Ele me imita.

“Você é um cara de muita sorte, Bernardo.”

“Sou?”, ele pergunta, esperançoso.

*Brasília,
DF*

Eu não era muito fã da expressão “ninho de cobras” antes de começar a trabalhar neste lugar. Agora, principalmente em dias como hoje, eu não consigo pensar noutro termo para descrever esse ambiente podre. Quando retorno do almoço e me dirijo à minha estação de trabalho, numa das baias de frente ao escritório do Fernando, posso ouvir todo tipo de comentário asqueroso. Eles falam sobre o caso da Laura com o Bernardo, nosso consultor externo, que possui um status algumas vezes difícil de compreender. Ele é como um chefe, mas não é exatamente nosso superior, é nosso parceiro de trabalho. Mesmo assim, as coisas não andam se não forem aprovadas pelo time dele, o que é bem estranho. Recentemente, ele se mudou para o andar de cima, passou a ocupar uma das imensas salas de lá. Devia estar desconfortável no espaço que lhe deram aqui embaixo. Fico imaginado se ele precisasse trabalhar numa baia, como nós. Seria até engraçado de ver.

Minha mesa está abarrotada de processos, estou sonolenta após o almoço, mas não tenho tempo nem para pensar nisso. Tenho uma reunião com o Fernando dentro de pouco tempo, preciso me preparar.

Eu me sento ali e começo a revisar os processos, verificando se todos os documentos foram elaborados corretamente, verificando se estão ordenados. Se não estivessem conformes, acordantes com normas internas e externas, avaliações das áreas competentes e decisões das mesas, era preciso refazer tudo. Eu precisava cuidar disso antes de entregá-los ao Fernando, meu superior direto. No entanto, não consigo concentrar direito, por causa dos mexericos.

Solto um suspiro, provavelmente sonoro, porque Pablo aparece na minha mesa. Trabalhávamos um do lado do outro.

“Tudo bem aí?”, ele me pergunta.

“Sim, mas eu ficaria melhor longe daqui”, falo rindo.

“Está mesmo pensando em pedir exoneração?”, Pablo questiona, parecendo preocupado.

Suspiro novamente.

“Eu dei um duro danado pra passar neste concurso, Pablo”, respondo. “E nunca fui uma aluna brilhante. Mas não sei se quero continuar aqui. Também não é como se eu tivesse muita opção a não ser tentar outro concurso”, eu lhe encaro. “Por que eu nasci pobre?”, brinco com ele.

Pablo ri.

“Esse lugar não é mesmo muito agradável, Gabi”, ele fecha a cara de repente. “E não é muito justo na promoção da nossa carreira.”

Pelo jeito que ele falou, eu soube de cara a que ele se referia. Pablo devia ter sido promovido no ano passado, mas infelizmente deram o cargo para outra pessoa, porque pisaram feio na bola. O cargo pelo qual ele trabalhou tanto agora era ocupado pela Laura. Eu gostava dela, principalmente depois de conhecê-la um pouco melhor, mas ainda ficava triste pelo meu colega.

No início, todos meio que antagonizaram a Laura porque acreditavam que ela fora contratada só para a nossa unidade não ficar manchada pelos escândalos, então

ela começou a mostrar como era boa no que fazia, calou a boca de todo mundo. Em seguida, a desculpa para não gostarem dela era sua arrogância, como disseram. Achavam que ela não ligava para ninguém. Ela continuou fazendo tudo do jeito que bem entendia, sem se preocupar com o falatório, aumentando a raiva dos fofoqueiros. E agora ela estava saindo com o todo-poderoso da unidade, aquele que fazia até o diretor da nossa unidade comer em sua mão. Para quem vê de longe, ela podia mesmo parecer uma pessoa horrível.

“E se pedíssemos transferência para outra unidade?”, Pablo sugere de repente.

Eu rio, porque sei que ele não fala sério. As transferências eram uma verdadeira dor de cabeça, não garantiam nada, nem mesmo que nossos novos colegas seriam uns amores, diferente desses aqui. E Pablo não podia lidar com isso agora, porque tinha uma esposa e dois meninos pequenos para cuidar. Além disso, sua esposa estava grávida novamente.

“Vocês já sabem o sexo do bebê?”, pergunto animada.

“Vamos saber em breve”, responde, voltando à sua estação.

Ele está preocupado, não tinha planejado a gravidez, pegou os dois de surpresa. Era difícil manter uma vida decente na capital, ganhando o que ganhávamos. Mesmo assim, eu ainda tentava me convencer com o discurso que mais ouvi enquanto crescia: “Somos pobres, minha filha, mas tem gente pior que nós. Graças a Deus, nós nunca passamos fome.” E com isso, eu sempre voltava a trabalhar neste lugar infernal, que não suportava. Engolia a vontade de chutar o balde e continuava, porque minha vida não era tão ruim, se parasse para pensar, porque dei sorte de passar num concurso, a verdadeira loteria do Brasil.

*Brasília,
Lago Sul*

“Tem certeza de que quer fazer isso?”, ela me pergunta.

Eu tomo a escova da sua mão, obrigo ela a se sentar na cama, de costas pra mim. Inacreditavelmente, estou escovando os cabelos molhados dela, tentando ser um homem diferente, tentando ser paciente. O mais engraçado é que com ela nem parece tão difícil. Sentimento foda do caralho!

Beijo seus ombros nus, querendo fazer amor com ela de novo.

Ela está quase adormecendo ao meu toque, e isso me faz sentir como se eu tivesse tudo. Toda vez com ela é isso, é esse sentimento foda, como se eu pudesse ser um desgraçado feliz pra caralho. Beijo seu pescoço cheiroso, trago ela pra mais perto, tô viciado nesse cheiro! Preciso me controlar, é difícil. Só que nessa noite, antes da gente fazer amor, tem umas coisas que preciso entender.

Lembro do outro dia, no restaurante. Aquela conversa tá me incomodando, não sei bem por quê. Quando ela disse que estava disposta a se arriscar por mim, eu queria beijar ela inteirinha, calar a boca daquela mulher dos infernos, mas tive que me segurar. Só não vou ficar puto com ela porque aquele papo de merda acabou me ajudando, e porque entendi que ela só estava preocupada com a Laura. Não tinha como aquela mulher saber o que sinto.

Ela foi embora e a Laura ficou ali, tentando não chorar. Fiquei meio perdido, sem saber o que fazer, querendo socar a cara de qualquer filho da puta responsável pela tristeza dela. Falou que a família não ligava pra ela, falou que nunca tinha se apaixonado. Eu não entendi, não acreditei, porque pra mim é impossível que nenhum filho de puta tenha ganhado o coração dela antes. Foi aí que eu saquei que podia ter acontecido alguma merda. Fiquei curioso sobre ela, sobre a vida dela, talvez preocupado. Merda! Eu fiquei inseguro! Bateu um medo danado de fazer merda, medo de machucar ela, dando razão pra todo mundo.

“Bernardo?”, ela me chama.

Percebo que eu viajei.

Beijo seus ombros de novo.

“O que foi?”, ela continua.

“Laura, no restaurante...”

Perco a coragem. Não tô acreditando na merda que tô fazendo!

“Sim?”

“Sua família...”

Ela se vira pra mim.

Merda!

“O que você está tentando me perguntar?”

Ela fica me encarando com aqueles olhos lindos da porra!

Tento falar alguma coisa, não sai nada. Merda! Merda!

Tô perdido, mas ela me entende. Sorri, me matando.

“Eu não tenho contato com a minha família, Bernardo. Na verdade, eu não tenho uma família”, ela parece tímida, é a primeira vez. “Sou o resultado de uma

traição, então nasci odiada por duas famílias. Como era muita gente me detestando, eu corri de casa bem cedo e fui viver minha vida.”

Ela continua rindo, tentando disfarçar sua vergonha. Ela sempre tenta disfarçar tudo, seu choro, seu desconforto quando demonstro afeto, sua dor. Percebo, de novo, que ela é perfeita pra mim. É uma mulher foda do caralho.

Não sei o que dizer, por isso lhe abraço.

Ela está chorando agora, sinto suas lágrimas pingarem no meu ombro. A porcaria do meu coração se parte. Tô perdido, mas tenho que fazer alguma coisa. Pego ela no meu colo, limpo seu rosto, beijo seu cabelo molhado e cheiroso.

“Estou feliz que eles não gostem de você, meu amor”, consigo finalmente falar, esperando seus olhos assustados, quando ela me olha, eu dou um sorriso, tentando afastar essa merda toda. “Desse jeito, eu não preciso dividir você com ninguém.”

Ela ri, eu consigo arrancar isso dela.

Beijo seus lábios úmidos, aprendendo como fazer isso, como beijá-la com carinho, como controlar meu desespero por esse corpo dela que me deixa louco. Mas aí ela me envolve com essas pernas gostosas, que já quero tanto morder de novo, e me empurra na cama. Tem um olhar faminto, essa mulher. Minha mulher. Só minha.

*São Paulo,
Zona Leste*

Manu começa a chorar, Rafa tenta confortá-la, mas me olha apreensiva. Beto se levanta e caminha em minha direção. Não, eu penso. Não, não, não. Não quero mesmo saber o que está acontecendo.

“Maria...”

“Não, Beto. Eu não quero ouvir.”

As lágrimas já alcançaram os meus olhos.

“Maria...”

Ele me segura, obriga-me a encará-lo.

“Eu sinto muito, Maria.”

Esperamos. Eu me preparam. Ele toma coragem:

“Bergmann morreu.”

*Minas Gerais,
Interior*

Fazia uns cinco anos que eu não voltava nesta cidade. Depois que saí, devo ter retornado apenas duas vezes. Na primeira vez, retornoi para o enterro de um amigo, na segunda, para enterrar minha mãe. Agora, retornava mais uma vez, e seria a última, porque eu não conseguia enterrar mais ninguém. Quando isso acabar, eu vou embora daqui para sempre. Nunca mais volto neste lugar, porque não consigo lidar com todas essas perdas.

Não consegui acreditar quando soube da morte de Caio, nem pude acreditar na forma como ele morreu, vítima de um engano policial, numa apresentação sua na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Aparentemente, suas baquetas pareciam armas letais ao policial que lhe deu um tiro. Foi realmente um engano, um engano de cor. Por um segundo, ele ganhou fama nacional, mas depois as pessoas voltaram aos seus afazeres, esquecendo sua morte injusta, absurda, surreal. Eu achei que nada pudesse doer tanto, até eu perder minha mãe.

Eu ainda não era uma advogada de sucesso quando me despedi da minha mãe, ela partiu sem que eu pudesse cumprir minha promessa de lhe dar tudo o que ela quisesse. Ela nunca me pediu nada, apenas aceitou o que eu podia oferecer. Um amor tão abnegado que me deixava com vergonha, porém, era o único capaz de me fazer superar o pai alcóolatra que nos atormentou durante a minha infância infernal. Despedir da minha mãe foi a coisa mais difícil que já fiz, mas agora tudo dói, como se ela tivesse partido de novo. Quando voltei aqui pela primeira vez, pelo Caio, ela estava ao meu lado, então eu consegui aguentar. Hoje, eu tenho os meus amigos ao lado, mas ela não está aqui, então a ferida volta a sangrar.

Agora, Bergmann.

Nada disso podia ser real, mesmo assim, bateu uma saudade tremenda daquele tempo, onde o amor era uma questão de playlist, uma lista de reprodução de inúmeras faixas desconexas. Tínhamos todas as respostas, sobre o presente e o futuro, enquanto constantemente reescrevíamos o passado. Éramos deuses menores. Éramos deuses, ainda que menores. O presente não era tão sufocante, verdadeira prisão, e o futuro não era tão angustiante, fonte de toda incerteza e medo. Hoje, é quase impossível reescrever o passado. Perdemos nossos poderes, não somos mais deuses. Tornamo-nos aquilo que mais temíamos, a vida aconteceu. Trabalho, casa, companheiro, talvez um amante. Filhos. E todos os dias uma busca incessante pela felicidade, que nem mesmo sabemos o que é. Um vazio, que nada preenche. Perdas, difíceis de superar, difíceis de compreender.

Era dessa forma que eu me sentia naquele momento: incapaz. Estava totalmente impotente diante daquela enorme caixa que abrigaria Bergmann para sempre. Roubava-lhe tudo, mas talvez a culpa não fosse daquela figura geométrica de madeira, fosse de alguma outra coisa; impossível nominar agora. Quando tudo começou? Quando começaram a lhe subtrair todas as coisas? A roupa, os sapatos, acessórios, carteira, a vida? Por que terminou assim? Por que não consigo reescrever o passado agora? Por que é tão difícil evitar a queda?

Ele não pulou de um prédio, ele escorregou. Eu tenho certeza. Bergmann não faria isso, ele não podia ter feito isso. Por que não procurou ajuda? Por que não falou com ninguém? O que ele andou fazendo todos esses anos? Por que ele não me procurou? Eu poderia ter feito Bergmann feliz. Eu faria isso, depois de todos esses anos, eu ainda faria qualquer coisa por ele. Agora tudo está perdido, eu não posso trazê-lo de volta, eu não posso vencer a morte. Eu não posso recuperar suas coisas, roubadas quando ele caiu.

*Brasília,
DF*

Eu paro um momento, tentando recuperar meu fôlego. As crianças ainda correm pela casa, deixando um rastro de destruição por onde elas passam. Eu começo a chorar, tentando engolir pelo menos os soluços para que elas não me vejam. Meu Deus, como eu posso dar conta disso tudo? Meu marido viajava de novo, precisava fazer outro carregamento, numa cidade que nem lembro o nome. Ficaria quase uma semana longe de casa. Enquanto isso, eu precisava lidar com o apocalipse, como fazia todas as vezes em que ele ficava longe por tanto tempo.

Deus, eu sou grata pela saúde dos meus filhos, mas será que eles não podiam ter vindo com um pouco menos de energia? Imploro, e logo me arrependo, temendo que Deus pudesse me escutar e fazer as crianças ficarem doentes.

Seco minhas lágrimas, e tento mais uma vez. Preciso dar banho nas crianças, vesti-las, ligar para o supermercado e pedir o suficiente para uma semana, preparar seus lanches, preparar nosso almoço, avisar a babá sobre os horários da semana, rezando para que ela não me deixasse na mão de novo. Preciso ligar para o motorista que leva as crianças na escola, combinar os horários da semana, rezando para que ele não tivesse nenhum imprevisto ou outras corridas agendadas. E precisava me lembrar de pegar os novos uniformes das crianças quando saísse do trabalho.

É, ainda tinha o meu trabalho. Todas as minhas oito horas diárias, cinco dias por semana. Não, eu não podia sair agora, meu marido não vai dar conta de pagar todas as nossas despesas sozinho. E o pior já havia passado, eu não tinha mais nenhum bebê, precisando de amamentação. Se não tivéssemos decidido ter mais uma criança, as coisas seriam mais fáceis. Não! Meu Deus, me perdoe! Eu não quero dizer que não amo meu filho! Por favor, me perdoe! Eu quero o meu filho! Ele foi um presente que o Senhor me enviou! Ele cuidará das irmãs, quando elas crescerem! Bem, elas cuidarão dele, porque ele é o caçula. Deus, por favor, me perdoe!

Eu só estou cansada, vou melhorar quando finalmente a noite chegar, quando eu finalmente conseguir fazer as crianças dormirem, quando eu lhes cobrir, admirada com seus rostos angelicais, admirada com a beleza da minha vida. Eu amo meus três filhos, faria qualquer coisa por eles. Estou aguentando firme por eles. Quando a noite chegar, quando eu finalmente conseguir dormir, se tudo der certo, eu vou me lembrar como é bom o presente que o Senhor me deu: esta vida, meu marido e meus três filhos. Obrigada, Senhor. Eu te louvo e agradeço. Derrame suas bençãos sobre mim e minha família. Proteja o meu marido nessas estradas, traga ele são e salvo para casa, por favor. Proteja meus filhos, Senhor. Proteja-me, Senhor. Eu te louvo e agradeço. Obrigada, Senhor. Só é mais um dia difícil, vai passar. Amém!

*Minas Gerais,
Interior*

“Maria, eu posso me sentar?”

Quando ergo meu olhar, encontro Léo. Eu concordo, ele se senta.

Ficamos em silêncio, no banco da praça próxima ao cemitério. As pessoas começam a ir embora, agora que já se despediram de Bergmann, ou pelo menos fingiram. Eu precisava me afastar, porque não conseguia mais ouvir as fofocas sobre sua morte, sobre sua vida, enquanto ele era enterrado. Eu não tinha muita energia para lidar com isso agora. Eu só queria correr, ou podia acabar fazendo alguma besteira.

“Eu não consigo acreditar”, Léo começa, tentando controlar o choro. “Pensei que era impossível passar por isso de novo.”

Eu entendo o que ele quer dizer.

“Foi cedo demais, para os dois”, continua. “Quando perdemos o Caio, eu achei que o Berg não ia dar conta. Acho que ele nunca aguentou, não de verdade, sabe?”

Eu assenti, sem poder confiar na minha voz ainda.

“O Berg tinha um tanto de problema fodido, mas pirou quando perdemos o Caio”, após uma pausa, ele continua: “Maria, tem uma coisa que eu preciso te dizer.”

Eu lhe encaro, com medo.

“O Berg me daria um soco por te contar isso, mas acho que preciso fazer isso agora”, ele hesita, mas prossegue quando reúne coragem suficiente. “Ele gostava de você, Maria.”

Ele me encara, espera minha reação, eu faço o melhor que posso para não começar a chorar convulsivamente, porque se eu começar agora, não vou parar nunca mais.

“O povo dessa cidade só fala bosta, mas ninguém conhecia o Berg”, Léo continua. “O moleque trabalhava desde os onze anos pra sustentar a avó doente, a mãe drogada que nunca parava em casa e a irmã mais nova, que logo engravidou e arrumou mais uma boca para o Berg alimentar. Ele fez todo tipo de trabalho fodido pra sustentar todo mundo. Trabalhou como repositor e caixa em supermercado, trabalhou na construção civil, trabalhou como frentista e mais um tanto de trabalho de merda que pagava uma porcaria. Ele achava que precisava fazer isso, sabe? O Berg achava que precisava assumir essa responsabilidade porque se sentia culpado pela morte do pai dele.

“O pai do Berg abusava dos filhos quando eles eram crianças, Maria”, ele se engasga, controla o choro. “Num dia, ele não aguentou, aproveitou uma chance. Mas foi legítima defesa, qualquer um podia entender isso. Ninguém ligava para aquele bosta mesmo, então o caso foi encerrado. Mas o Berg achou que ele precisava cuidar de todo mundo, ele se sentia responsável pela morte do demônio do pai dele. Trabalhava pra burro, mas nunca era o suficiente. Cuidou de todo mundo, nunca conseguiu estudar, vivia fazendo esses serviços de merda, até o Caio morrer. Depois, alguma coisa mudou.

“Ele se mandou daqui, perdemos o contato, mas eu tinha notícias dele de vez em quando. Parece que viveu como cigano por um tempo, viajando pelo Brasil, vivendo como dava, fazendo uns bicos, mais um tanto de serviço de merda, certeza.

Acho que o Berg perdeu a cabeça, sabe? Era muito fodida a vida dele, não consigo entender como ele aguentou. Ele nunca falava dos problemas dele, mas a gente era vizinho. Tinha muita coisa que não dava pra esconder. Algumas vezes, ele deixava escapar alguma coisa. Acho que eu fui o mais perto que ele teve de um amigo.”

Léo começa a chorar convulsivamente, eu o abraço. Parece que estamos noutro lugar, estou chorando também, mas não consigo me ouvir. Devo estar morta também. Quando ele se acalma, limpa o rosto como pode e continua:

“Os problemas dele com a bebida aumentaram depois da morte do Caio, e sei que andou usando umas coisas perigosas. Ele realmente se perdeu, Maria. Eu não consegui fazer nada. Aí ele foi embora e eu sabia que ele não ia voltar. Mas eu ainda tinha esperança de que o Berg conseguisse melhorar, de que pudesse arrumar a vida dele porque não tinha mais tanto peso nas costas. Eu me enganei, Maria. Eu vacilei feio. Talvez, se eu pudesse ter entendido, eu podia ter feito alguma coisa.

“O Berg era gentil com todo mundo, sempre tratava os mais velhos com respeito, ajudava qualquer um que pedisse, nunca entendi isso nele. Ele ficava com um tanto de menina, bebia pra cacete, mas acho que era o jeito dele de esquecer tudo, sabe? Quando ele te afastou, naquela época, fez isso porque achava que não podia ter ninguém na vida dele. Ficou com medo de gostar de você. Acho que ficou com mais medo ainda quando percebeu que você gostava dele. Foi mais fácil deixar você acreditar no monte de bosta que falaram. Só conversamos sobre isso muito tempo depois, eu não sabia que ele gostava de você. Também não sei se poderia ter feito qualquer coisa, mesmo que eu soubesse, entende? Era uma decisão dele. No fundo, acho que ele acreditava que não te merecia, mas essa é só a minha opinião.”

Léo volta a me encarar. Não sei o que ele vê.

Quero morrer, quero viver tudo de novo. Quero começar minha vida do zero outra vez. Quero encontrar Bergmann mais uma vez. Pelo menos mais uma vez seria o suficiente. Quero voltar no tempo. Quero ter a chance de ter meu coração partido por ele de novo. Quero que ele me queira. Quero que ele seja feliz. Quero ser feliz. Quero que a dor pare. Quero sair daqui, quero ficar.

*Minas Gerais,
Interior*

Ela sai do cemitério e atravessa a rua, limpando as lágrimas, limpando o rosto. Deve estar o maior chororô lá dentro, a cidade toda apareceu no enterro do moleque fodido. Dou mais uma tragada no meu cigarro, jogo a bituca no chão e esfrego com um pé. Descasco uma bala de menta e meto na boca pra esconder o bafo de cigarro, que sei que ela odeia. Vou tentar mais uma vez, uma última vez. Dessa vez, tenho uma historinha mais convincente. Ela tá chorando, tá triste, acho que vou ter mais chance dessa vez. Já faz um tempão que essa santinha me largou, mesmo assim ainda não arrumou outro macho, então deve gostar de mim ainda. Tô na merda, cheio de dívida! E tô cansado de dar o cu pra queles vovôs de pau mole a troco de miséria! Bando de fodido do caralho. É minha última chance com essa santinha.

Espero um pouco, pra aparecer no momento certo, como nos filmes bregas que ela gostava de assistir. Quando a gente se viu pela primeira vez, foi na igreja, lógico, no batizado do meu sobrinho. Ela usava um vestido que devia ser proibido num lugar daqueles, mesmo assim ela apareceu com aquela roupa, como uma enviada do diabo, como uma desviada. Pensei na hora que ela não devia ser santa coisa nenhuma, devia era ser muito fogosa, dessas puta da cidade que finge que é santa. Ela tinha acabado de receber uma herança, eu estava de olho, pra ver se podia mudar de vida. Ela caiu direitinho no papo.

Foi uma merda fingir que gostava dela, esperar o casamento pra foder ela. Eu só queria foder ela, depois me mandar com o dinheiro. Tentei antes do casamento, pra ver se ela virava puta ou não. Mas ela era osso duro de roer! Não me deixava nem por um dedo lá, eu nunca sabia se ela estava na minha. Era uma merda. Daí ela descobriu tudo e me largou. Culpa dela eu ter voltado pra minha vida de merda. Aqueles velhote dos infernos não davam conta de merda nenhuma, tudo zumbi. As madame também não ajudava muito, tudo frígida, tudo larga, tudo arrebentada. Um horror. Pena que ela me pegou na cama aquele dia, com aqueles putos, putas de merda.

Vou tentar de novo, com essa santinha. Se dou sorte, nunca mais volto pra essa merda de vida.

“Manu”, chamo, caprichando na atuação, na cara de tristeza da porra. “Eu sinto muito pelo seu amigo”, falo, assim que ela me olha.

Ela fecha a porta do carro em que estava quase entrando, parece chocada por me ver. Deve estar mesmo na minha. Ela tá linda, fico quase com vontade.

“Imaginei que você ia aparecer aqui, então eu vim”, continuo. “Você tá bem?”

Fico assustado, quando ela começa a rir, mesmo com aquele rosto inchado. Ela fica parecendo uma louca!

“Você? Preocupado comigo?”, pergunta.

Essa merda não tá saindo do jeito que eu quero.

“Imaginou que eu apareceria aqui?”, ela fala, como se não falasse comigo.

“Eu fiquei preocupado mesmo...”

“Daniel, suma da minha frente”, ela não grita, mas me assusta mesmo assim. “O que será que eu vi em você?”, me olha com cara de bosta e entra no carro.

Ela corre dali, me deixa pra trás.
Merda! Nem tive a chance de contar a historinha que ensaiei.
Agora é voltar pros vovôs de pau mole!

*Brasília,
Lago Sul*

É o aniversário do Joaquim, a casa está lotada. Bernardo conseguiu a decoração que ele pediu, alugou os brinquedos como planejamos. Era para ser algo simples, como o Joaquim queria, mas de repente apareceu muita gente, crianças e adultos. Estou meio perdida, porque os pais são os anfitriões que recebem os convidados, estão ambos ocupados fazendo isso, e eu não me encaixo em lugar nenhum, não tenho muita habilidade com nada disso. Muitos amigos da escola dele estão aqui, porém, Joaquim parece tão perdido quanto eu. Não consigo entender de onde surgiram tantas pessoas, estou com medo de estragarem tudo, estragarem a festa que o Joaquim tanto queria.

Acho que ele esperava uma festa mais íntima para poder passar mais tempo com o pai. Bernardo não deve fazer de propósito, mas ele não passa tempo suficiente com o filho. Posso ver como Joaquim fica feliz ao lado do pai, ele só tem um pouco de dificuldade para demonstrar. Ainda não consegui fazer o Joaquim gostar de mim, talvez ele nunca goste, mas estou disposta a tentar. Ele é uma criança muito doce, mas muito tímida, pelo menos comigo. Quando observo esse monte de crianças correndo, sem chamar o aniversariante para brincar, percebo que não devem ser próximos. Os adultos bebem bastante, nadam, conversam como se não fosse uma festa de criança. Bernardo está feliz, Natália está feliz, mas o Joaquim não. Qual será o problema?

Todos estão aproveitando, menos o aniversariante, com quem ninguém se importa, pelo visto. Se eu sair agora, nem vou ser notada, seria perfeito, eu poderia ir para casa descansar. Depois inventava uma desculpa para o Bernardo. Mas sei que não vou fazer isso, não depois de encontrar o Joaquim no meio do pandemônio.

*Brasília,
Lago Sul*

Eu não gosto muito de falar com os adultos. Tenho um pouco de medo deles. Eles bebem muito e são barulhentos. A mamãe está muito feliz, fala com o papai, fica tocando nele. Ela ama muito o meu pai. Fico triste porque gosto da Júlia, ela é boa pra mim, ela é muito legal. A Júlia gosta muito da mamãe, mas a mamãe nunca vai deixar de gostar do meu pai. Até eu que sou criança sei disso. Ele tem uma namorada agora, o meu pai. Parece feliz. Mas às vezes ele bebe tanto que fico com medo. Se ele estragar tudo de novo, vai ficar muito triste, e vai ficar longe de mim por um tempo.

A festa de aniversário é para mim, mas só eles estão rindo. Eles estão todos em pé, com essa música alta, bebendo, comendo salgadinhos e dançando. Tem outras crianças no meu aniversário, elas estão brincando por aí, correndo pela casa do papai, brincando com os brinquedos que ele trouxe pra mim. Eu estou sozinho no sofá, olhando eles daqui, todos eles, as pessoas grandes, as crianças e os meus pais conversando. A minha mãe não para de rir para o meu pai, não para de ficar tocando nele. Talvez, se eu crescer rápido, vou conseguir entender tudo melhor, vou conseguir entender os meus pais.

Tomo um susto, alguém se sentou do meu lado.

É a namorada nova do papai.

“Você está bem, Joaquim?”, ela me perguntou isso, e ficou me olhando.

Eu viro minha cabeça, vou voltar a olhar meus pais, lá na frente. Eu não quero falar com ela.

Ficamos os dois olhando as pessoas, sentados no sofá do papai.

Pensei que se eu não falasse com ela, ela iria embora, mas ela não vai. Ela continua sentada do meu lado, olhando as pessoas como eu. Só tem eu e ela no sofá. Parece que vamos ficar o dia todo assim, olhando todo mundo. Parece que vamos ficar assim para sempre.

Às vezes, acho que ela também não gosta muito das pessoas grandes.

*Brasília,
Lago Sul*

A perspectiva do Joaquim é privilegiada, então eu percebo várias coisas que não me agradam. Eu me lembro de tomar cuidado, minhas emoções estavam bem instáveis ultimamente, havia muita coisa ignorada durante encontros anteriores, como aquele. Talvez fosse o momento de escolher o que fazer.

“Laura, eu estou com fome”, Joaquim diz de repente, depois do que pareceu uma eternidade em silêncio ao seu lado.

Eu me surpreendo com sua voz, com a forma como me chama.

“Eu deixei uns salgadinhos escondidos na cozinha”, digo, alegre. “Podemos ir lá comer alguns.”

Ele pensa sobre a sugestão, então concorda. Eu abro um sorriso imenso, esquecendo todo o restante. Seguimos para a cozinha, o lugar menos movimentado da casa. Eu coloco Joaquim sentado na bancada, porque as banquetas desapareceram. Ali, sirvo para ele tudo o que havia separado na esperança de ele poder comer mais tarde, já que não parecia com fome desde que chegou.

Joaquim come devagar, enquanto me analisa.

Eu deixo que ele faça isso, fico em silêncio, belisco algumas coisas, tentando lhe deixar confortável.

“Você gosta mesmo do meu pai?”, ele me pergunta de repente.

Eu me assusto, não sei o que devo responder.

“Eu me importo com ele, Joaquim”, digo com cuidado. “Eu me importo muito com ele, não se preocupe.”

Ele parece surpreso.

“Minha mãe também gosta do meu pai”, fala, mas sei que não é para me afastar.

“Eu sei que ela gosta”, tento sorrir para a criança perdida na minha frente. “Ela ama o seu pai, Joaquim. Eu sei disso.”

Joaquim fica surpreso de novo, mas parece mais aberto para falar comigo.

“Você ama o meu pai também?”

A pergunta dele me acerta de um jeito doloroso, faço esforço para responder.

“Amar alguém é querer que essa pessoa fique bem sempre”, tento, incerta. “Eu me sinto assim em relação ao seu pai, Joaquim. E eu também sinto o mesmo em relação a você.”

Joaquim fica feliz com minha resposta, meu coração dá uns pulinhos, como se eu tivesse ganhado uns pontos com a criança que agora não parecia mais me odiar. Estou curiosa para saber por que ele está me fazendo tais perguntas, mas não tenho coragem de continuar nesse assunto. Até onde percebi, Joaquim era uma criança bastante negligenciada, eu tentei entender seus pais, ambos eram muito novos quando ele nasceu, provavelmente não sabiam o que fazer, mas as desculpas que eu podia inventar em seus nomes estavam se esgotando, sobretudo agora, que eu podia entendê-lo um pouco melhor. Quero poder entendê-lo ainda mais, por isso, preciso ser paciente, preciso ser cuidadosa.

Em nossos encontros anteriores, Natália sempre se demonstrou disposta a construir uma amizade comigo, porém, suas palavras, sempre tão dúbias, me colocava

num estado de alerta, o qual eu tentei ignorar. Agora eu não sabia se estava disposta a continuar entrando nesses joguinhos. Quando conheci sua namorada, Júlia, eu pensei que estava enganada sobre Natália, mas Júlia não está aqui hoje, e isso me deixa ainda mais desconfortável. Os sentimentos de Natália em relação à Bernardo erão tão óbvios que qualquer um poderia perceber. Não acredito que ela faça de propósito, talvez só não possa evitar. Bernardo, por outro lado, não deixa nada escapar, se ele também percebe como Natália se sente, consegue fingir ignorância muito bem.

Havia alguns momentos em que eu me perguntava se realmente não estava atravancando a felicidade de uma família, então eu me lembra da minha infância e queria correr dessa situação desconfortável. O motivo principal para isso era o Joaquim, eu não queria privar uma criança da possibilidade de ver seus pais juntos, mas agora que ele finalmente me aceitou, talvez eu possa esperar um pouco mais.

“Por que vocês estão aqui comendo escondidos?”, Bernardo entra na cozinha e beija o filho, tenta esconder sua surpresa por nos ver juntos. “Você não está gostando da sua festa, filho? Por que não está brincando com os outros moleques?”

Natália está logo atrás dele.

“Filho, está tudo bem?”, pergunta, enquanto se posiciona do outro lado da criança.

Joaquim balança a cabeça, concordando, continua comendo, olha para mim. Eu posso ver que ele está feliz com a aproximação dos pais, mas também está desconfortável, como eu. O que será que está acontecendo na cabeça dessa criança?

“Bernardo, leva o Joaquim para brincar naquele escorregador”, sugiro. “Mas tenha cuidado, fique perto dele porque o brinquedo é imenso.”

Ele olha para o filho.

“Quer brincar lá, filhão?”

Joaquim concorda.

Bernardo beija minha testa com Joaquim em seu colo, então os dois partem. Natália está prestes a segui-los, mas eu a chamo.

Ela se volta para mim, não parece ter gostado da minha interferência.

“Pensei que podíamos tomar alguma coisa”, falo. “Não vai demorar, sei que precisa ficar perto dos convidados.”

Ela pensa por um instante, depois sorri, tentando ser a pessoa amigável que vinha ensaiando.

“Por que não?”, responde, enquanto pega algumas taças no armário e nos serve de um vinho branco que já estava aberto na geladeira.

Seus movimentos servem para me lembrar que eu sou a convidada nesta casa. Eu quase sorrio, encarando esse desafio estúpido.

“Laura, eu preciso agradecer você”, diz, enquanto brindamos. “Sei que você ajudou o Bernardo a organizar uma série de coisas. Infelizmente, não conseguimos contratar ninguém a tempo. Foi tudo muito de última hora, pensei que o Joaquim nem quisesse festa de aniversário.”

“Ele só queria passar mais tempo com o pai”, responde, tomando um gole do meu vinho. “A festa foi uma desculpa.”

Ela me analisa com cuidado, sei que controla sua reação e suas próximas palavras. Penso que posso estar realmente me intrometendo em suas vidas, mas não consigo evitar. Por fim, ela apenas balança a cabeça, concordando.

“Eles realmente não passam muito tempo juntos”, diz. “É uma pena para o Joaquim. O Bernardo sempre trabalha demais, nem para em casa direito, foi sempre assim. E agora ele ainda tem você.”

Natália já devia estar entrando naquela zona perigosa para qualquer alcoolizado, quando algumas palavras escapam sem que possamos evitar. O que ela pensava, e sentia, de verdade, estavam cada vez mais visíveis. Eu preferia isso a qualquer máscara.

“Bernardo não é o único negligenciando os sentimentos do filho, Natália”, prossigo, sabendo exatamente o que estou fazendo. “Pelo que vi, o Joaquim nunca consegue o suficiente de nenhum de vocês.”

Natália ri, sei que está furiosa.

“Você está me acusando de alguma coisa aqui, Laura?”, sua voz ainda não atingiu os decibéis que eu esperava. “Você está me dizendo o que eu devo fazer com meu próprio filho?”

Eu deixo a taça na bancada e me aproximo dela, tomo suas mãos, tentando ser a amiga que ela disse que seria para mim. Mostro que posso fazer o mesmo, que posso atuar tanto quanto ela.

“Eu só estou preocupada com o Joaquim”, digo, procurando ser doce. “Não estou me enfiando na vida de vocês.”

“Mas eu acho que é exatamente isso o que você está fazendo, Laura.”

“Você disse que seríamos uma família, não disse?”, rebato. “Pensei que eu pudesse falar com você se percebesse algo assim.”

Ela fica em silêncio, está à beira de uma explosão. Aproveito a oportunidade para finalizar a partida, acabando com essa farsa insuportável.

“Nesse caso, não seja tão leviana com suas palavras, Natália. Não venha me dizer que somos família se não é assim que você realmente se sente.” Encaro seus olhos irados. “Você não precisa gostar de mim, então não finja uma merda que não existe, porque eu odeio adultos irresponsáveis.”

Finalmente, posso ir embora descansar. O Joaquim está feliz brincando com o Bernardo, agora a festa é realmente dele. E Natália ficou na cozinha, digerindo a minha resposta. Se ela fosse capaz de entendê-la direito, não voltaria a me tratar como uma idiota, entenderia que não pode me manipular.

*Minas Gerais,
Interior*

“Oi, Gabe, eu voltei, de novo, dessa vez para me despedir. Estou indo embora da cidade, pela terceira vez para sempre. Não queria te deixar aqui sozinho, mas se eu não continuar, acho que vou acabar pedindo um espacinho aí embaixo, para eu finalmente ficar com você. Decidi te chamar de Gabe de agora em diante, porque Gabe rima com baby, e eu sempre quis te chamar dessas coisas. Gabe, baby, amor, essas coisas, sabe? Eu trouxe um pouco de vodca, vou servir você, como fazem os sul-coreanos com seus entes queridos quando partem. Pelo menos foi o que eu vi nos doramas. Você conhecia os doramas, Gabe? Eu estou viciada neles, acho que vou até aprender coreano. Não reclame sobre a vodca, eu não quis trazer tequila. Queria obrigar você a beber vodca, já que foi você quem me apresentou essa coisa horrorosa. Esses dias, num desses doramas, eu ouvi uma coisa interessante, Gabe. Eu ouvi que aos vinte anos nós nos desvinculamos da influência e controle exercido em nós pelos nossos pais e aos trinta não somos capazes de culpar mais ninguém pelos nossos fracassos. Acho que foi isso que disseram. Não me lembro direito, só sei que achei muito interessante. Eu estou com quase trinta, Gabe, mas ainda quero culpar muita gente, não estou pronta para crescer, não estou pronta para aceitar que tudo é responsabilidade minha. E você, Gabe? Será que não podemos culpar ninguém por tudo que aconteceu com você? Será que foi realmente tudo culpa sua? Foram só suas escolhas? É tão difícil achar uma resposta! Minha cabeça dói quando penso sobre essas coisas. No final, sempre tento me lembrar que as respostas também não mudarão muita coisa. Mesmo que possamos encontrar um culpado por tudo o que aconteceu com você, de que adiantaria? Não podemos trazer você de volta, Gabe. Naquele dia, quando nos despedimos do Caio, eu fiquei preocupada com você. Você parecia um zumbi, Gabe. Era como se você já tivesse morrido. Eu vi isso, eu percebi, mas não fiz nada. Será que sou culpada também, Gabe? Eu me lembro dos pais do Caio questionarem a existência de Deus, eles eram pastores, Gabe, eles eram pastores. Quando eles começaram a acreditar que Deus não existe eu fiquei com muita vergonha de mim mesma, porque eu me questionei a mesma coisa, anos antes, mas só estava com raiva da minha vida, só estava triste porque eu não tinha você. Eu quero agradecer você, Gabe. Quero agradecer você por ter sido o meu primeiro amor. Quero pedir desculpas por não ter entendido você, por ter te odiado por um tempo. Quando a Manu soube sobre a sua morte, estávamos num luau na Bahia, eu me afastei de todo mundo e fui me deitar na praia pensando em você. Tomara que de alguma forma você possa ter sentido o meu amor por você, enquanto partia para outro mundo. A Manu não me contou imediatamente, não contou para ninguém. Ela só conseguiu falar comigo, com a Rafa e o Beto quando já estávamos em casa, no dia seguinte. Quase não conseguimos chegar a tempo para despedir de você. Mas não fique com raiva dela, promete? Ela gostava de você, do jeito dela. Naquela época, só estava preocupada comigo. Ela achava que você despedaçaria meu coração, Gabe. E ela estava certa, você realmente estragou tudo. Mas eu consigo entender você melhor agora. Agora, penso que podemos nos perdoar. Eu perdoo você por ter me afastado se você puder me perdoar por não ter insistido. O que acha? Eu acho que é um bom acordo. Está ficando difícil

ir embora, Gabe, então me deixa dizer, um pouco atrasada, que eu te amo. E se tivermos outra chance, vamos nos encontrar, combinado? Só não parta meu coração de novo, porque coração partido é um saco! Tomara que na sua nova vida você tenha um pouco de felicidade, um pouco não, que você tenha muita! Muita! Muita! Muita, muita mesmo, ouviu?! Eu prometo que vou fazer o meu melhor para ser feliz também. Um beijo, Gabe. Durma com Deus.”

*Brasília,
DF*

Não posso dizer que o convite de Natália para tomar um café com ela realmente me surpreendeu. Eu estava preparada para qualquer reação da sua parte, após o aniversário de Joaquim. Estava pronta para um ataque ou para uma tentativa de reconciliação, que podia muito bem ser outra tentativa de me manipular. De toda forma, eu aceito seu convite, quero ver o que vai acontecer.

Ela acaba de chegar no lugar marcado, senta-se de frente para mim e pede um capuccino. Percebo alguma coisa como vergonha no seu semblante. Espero paciente, deixando que ela conduza esse encontro.

“Laura, muito obrigada por me encontrar aqui”, inicia. “Eu realmente precisava falar com você depois da festa do Joaquim.”

Eu balanço a cabeça, assentindo.

“Eu detestei a forma como ficamos naquele dia”, prossegue. “Eu preciso pedir desculpas, Laura. Não foi minha intenção falar com você daquela forma.”

Bebo um gole do meu café, ela continua:

“Eu aprecio de verdade a sua preocupação com o Joaquim, sei que você quer se aproximar dele.”

Encaro-lhe, é um aviso.

“Não estou dizendo que está fazendo isso com segundas intenções, por favor, não é isso”, ela se atrapalha. “Eu sei que você realmente se importa com o Joaquim. E eu sou mesmo grata por isso.”

“Então qual é o real problema, Natália?”, quero saber, ainda paciente.

Ela suspira, toma coragem para continuar.

“Acho que eu fiquei apavorada, Laura”, confessa. “Eu fiquei apavorada quando percebi quão sério o Bernardo está em relação a você.”

Ela me analisa, estuda minha reação. Não esboço nenhuma, então ela continua mais uma vez:

“Não é segredo para ninguém o que eu sinto por ele”, ela ainda está envergonhada. “Quando eu conheci você, Laura, pensei que poderia me aproximar, que logo você e o Bernardo terminariam e eu voltaria a me iludir com a possibilidade de reatarmos algum dia.”

“E a Júlia?”, pergunto, calma.

Natália derrama algumas lágrimas.

“Eu a amo também, mas nosso relacionamento é complicado, Laura.”

Eu não tinha mais dúvidas sobre isso.

“Você pode me perdoar, Laura?”

Penso numa resposta.

“Naquele dia, o Joaquim me perguntou se eu amava o pai dele, assim como você”, comecei, assistindo mais lágrimas derramarem pelo rosto dela. “Quando eu precisei elaborar uma resposta para o Joaquim, eu disse que amar é querer que o outro fique sempre bem”, encaro seus olhos chorosos. “É assim que você ama o Bernardo, Natália? Você quer que ele fique sempre bem ou essa possibilidade não existe se ele não estiver com você?”

“Você é muito cruel, Laura”, ela sorri, enquanto ainda chora.

“Não, Natália, crueldade é você trabalhar duro para conseguir a confiança de alguém e depois explodir o chão sob seus pés”, digo. “Crueldade é você descuidar do que precisa proteger.”

Ela começa a chorar convulsivamente. Eu espero, paciente.

Quando Natália se acalma, ela me pergunta:

“Nós ainda podemos ser amigas?”

“Só depende de você”, respondo, sinceramente.

*Brasília,
Lago Sul*

“O que você queria ser quando era criança?”, pergunto, um pouco incerta.

Bernardo beija meu pescoço, respira profundamente, antes de responder:

“Jogador de futebol, claro.”

Rimos.

Ele aperta meu corpo contra o seu, então continua:

“Para um moleque como eu, sem porra nenhuma, crescendo sozinho na favela, os jogadores de futebol eram deuses, era um sonho comum”, ele beija meu cabelo. “Por que você me perguntou isso, amor?”

“Estive pensando no sonho do Joaquim”, respondo, rindo das cócegas que ele me provoca. “Qual será o sonho dele, Bernardo?”

Bernardo se interrompe por um momento, está envergonhado. Conheço bem essa expressão.

“Eu acho que você devia passar mais tempo com ele, Bernardo”, tento, ainda incerta. “Posso ver como ele observa você, como espera sua atenção. Acho que você é como um jogador de futebol para o Joaquim, Bernardo. Acho que você pode ser o sonho dele.”

“Laura...”

Bernardo está triste, eu lhe abraço, tentando apertá-lo da maneira como ele faz comigo quando estou triste.

“Eu sei que é difícil pra você”, continuo. “Eu sei que você não sabe o que fazer na maioria das vezes, mas acho que podia tentar mais um pouco. Só fique do lado dele, Bernardo. O Joaquim é muito esperto, ele vai saber o que fazer com você.”

Nós rimos.

Bernardo me toma em seu colo.

“Acho que você tem essa mesma habilidade, amor”, diz. “Você sempre sabe direitinho o que fazer comigo.”

Bernardo realmente dá muito trabalho. Sinto pena de mim e do Joaquim.

*Brasília,
DF*

Agora está tudo diferente, mas eu ainda tinha que continuar. Com muita dificuldade, sobrevivi aos meses subsequentes à morte de Gabe. Estava trabalhando como uma louca, desesperada para esquecer meu sofrimento. Estava mais fácil, a cada dia. Por isso, quando surgiu uma oportunidade de viajar à Brasília para cuidar de um projeto importante para o nosso escritório, eu praticamente implorava aos meus chefes para me designarem. Só quando me debrucei sobre os processos é que percebi que a unidade responsável pelo projeto também fora vítima do nosso antigo sócio, destituído há pouco tempo após outro escândalo de assédio sexual, um que ele não pôde encobrir.

Destituído é só um nome para a conclusão da dor de cabeça que ele deu até enfim largar o osso e aceitar a decisão do escritório. Então as coisas fizeram mais sentido, o real motivo da minha designação, que certamente não aconteceu só porque eu implorava. Eu estava prestes a encontrar os responsáveis da unidade, mas me sentia envergonhada. Se eu estivesse pensando direito, não teria aceitado participar disso. Eu não sabia se queria trabalhar para mudar a imagem negativa do nosso escritório. Infelizmente, parece que agora não tenho alternativa.

A primeira coisa que fiz em Brasília foi visitar o local em que Caio fora assassinado, mas novamente fiquei à beira de um colapso, porque o local estava inalterado, como se nada tivesse acontecido ali, como se não tivessem subtraído do meu colega todos os seus sonhos, a sua vida, tudo. Agora estou aqui, nesse lugar imenso, perdida.

Engulo o choro, preciso continuar.

Há muito movimento no prédio do ministério, eu me esconde no meio daquela multidão e sigo até o endereço enviado pela unidade. Quando as portas do elevador se abrem no andar do meu destino, eu sofro outro baque. Eu me lembro dessa figura imensa, eu me lembro desse homem. Era Bernardo o seu nome? Nós rimos antes do embarque, lembrando da noite anterior, quando eu fui dele. Meus olhos se enchem de lágrimas, porque eu me lembro de Gabe.

Ele estava pronto para pegar o elevador, aparentemente, mas desiste, quando me vê. Novamente, parece preocupado com minhas lágrimas, como naquela noite. Estou imóvel, não consigo interromper minhas lembranças.

“Você está bem?”, a mulher ao meu lado me pergunta.

Por um momento, pensei que eu estivesse ouvindo Bernardo, mas quem me pergunta isso é uma mulher, que está ao seu lado. Ela tem olhos radiantes, profundos, que nos tragam, devoram, quando por um descuido nós nos deixamos ser atraídos por sua força gravitacional. É de uma beleza e voz estonteantes, estou em choque. Ela já está me abraçando. Por que ela está fazendo isso? Quando acordo do meu transe, percebo que estou soluçando. Estou chorando como uma criança nos braços dessa mulher desconhecida.

Bernardo está ao nosso lado, completamente perdido. Não sabe se deve ficar, ou partir. Eu tento me acalmar, mas está muito difícil. Parece que não vai acontecer tão cedo. Esse abraço é como um útero, do qual não quero mais sair.

*Brasília,
DF*

Ela está mais calma, bebe um pouco de água. Seus olhos perdidos parecem enxergar melhor. Quando ela finalmente conseguiu interromper seu choro convulsivo, eu a conduzi até o escritório de Bernardo no piso superior, para o qual seguíamos quando nos encontramos. Não levo muito tempo para entender que de toda forma era ela quem esperávamos. Ela é a advogada designada pelo escritório de São Paulo. Deve ter errado seu caminho quando parou no piso da nossa unidade, por isso nos encontramos antes. Que bom que nos encontramos antes, assim conseguimos acalmá-la antes de a reunião começar, antes dos outros chegarem.

Estou sentada ao seu lado, segurando sua mão. Bernardo está do outro lado da sala, perdido. Fiquei com a impressão de que se conhecem, mas não preciso entender isso agora.

“Você está melhor?”, pergunto.

Ela respira profundamente, balança a cabeça concordando.

“Estou bem melhor, muito obrigada”, ela me encara novamente, com aqueles olhos tristes. “Desculpe por tudo isso, não era mesmo a primeira impressão que eu gostaria de causar”, brinca, tentando disfarçar seu embaraço.

“Não se preocupe”, digo. “O que acha de remarcarmos essa reunião para amanhã?”

Eu sei que ela não quer fazer isso, mas tenho certeza de que não tem condições de pensar claramente. Ela me entende, não parece convencida, mas aceita a oferta. Quando ela concorda com poucos gestos, eu me levanto e ligo para o Dudu. Peço que ele avise os outros.

Bernardo toma coragem para se aproximar dela.

“Como você está?”, diz meio sem jeito. “Tem certeza de que não precisa de um médico?”

Ela se levanta subitamente, encarando Bernardo.

“Qual é o meu nome?”, ela desafia Bernardo.

Ele gagueja. Não se lembra, claramente.

“Você é realmente uma causa perdida, Bernardo”, ela brinca, então ri.

Bernardo também ri, envergonhado. Olha para mim preocupado.

“Eu me chamo Maria”, ela estende sua mão, como se estivesse ensinando Bernardo como uma apresentação devia ser feita, ou tentando fazer com que ele se recordasse de alguma outra coisa. “É bom você se lembrar disso na próxima vez.”

Bernardo aperta sua mão estendida, mas ainda me olha de esguelha, preocupado. Eu quero rir do seu embaraço.

Maria então se aproxima de mim, tem uns olhos brilhantes.

“Nós precisamos ser amigas, porque toda vez que eu quiser chorar assim de novo, vou precisar de você para me acalmar”, alega.

Estou um pouco chocada pela forma como ela é direta, mas começo a rir alto, ela me imita. Ficamos ali, duas estranhas rindo como se fossem velhas amigas. Bernardo está ainda mais perdido. Acho que ele quer sair da sala.

“Laura”, digo, estendendo minha mão.

Maria me abraça de novo, ao invés de apertar minha mão, mas dessa vez ela me libera bem rápido.

“Muito obrigada, Laura”, fala sorrindo. “Não pensei que eu pudesse ter uma recepção tão boa nesta cidade.”

“Você está realmente bem?”, insisto.

“Sim, estou bem melhor, mas foi uma boa ideia remarcar a reunião.”

Eu concordo.

“Agora, eu preciso dizer uma coisa”, Maria fica ao meu lado e encara Bernardo, faço o mesmo. “Como ele conseguiu convencer uma mulher como você?”

Bernardo abre a boca, vai dizer alguma coisa, mas desiste. Eu e Maria rimos.

“Ele ainda não me convenceu, não totalmente”, brinco.

Bernardo suspira.

“Explicado, agora entendi.”

Maria se aproxima de Bernardo novamente.

“Se você partir o coração dela eu arranco o seu, entendeu?”, ameaça, sua voz é feroz, mesmo quando brinca.

“Entendido”, Bernardo responde. “Mas agora você pode explicar pra ela que nós não temos nada, por favor? Essa situação está bem estranha, Maria.”

Nós rimos de novo, Bernardo continua deslocado.

“Nós nunca tivemos nada, Laura”, ela diz. “Felizmente, eu consegui correr dele bem a tempo.”

“Maria, você não está me ajudando aqui, entendeu?”, Bernardo protesta.

Era estranha a situação, mas por algum motivo completamente desconhecido, eu estava feliz em conhecer a Maria, em ver Bernardo perdido diante dela, em perceber como ambos pareciam amigos próximos, quando colocados nesse quadro, emoldurados dessa forma, mesmo sabendo que eles não eram. Essas imagens passaram por minha cabeça como um filme, eu senti algo como nostalgia, mesmo sem ter experimentado nada disso antes. Era como se tivéssemos vivido o mesmo momento noutro tempo, noutro lugar, era como um reencontro. Não tenho certeza de onde vinha a sensação de que eu podia confiar na Maria. De repente, parecia que ela era como família para mim, uma que nunca tive, uma que eu precisaria aprender como cuidar.

“Muito obrigada de novo, Laura”, ela diz, interrompendo meus pensamentos absurdos. “Eu vou para o hotel me acalmar, dormir um pouco. Prometo que amanhã estarei em plenas condições de discutir o projeto com vocês.”

“Maria”, eu chamo quando ela já está caminhando em direção à porta. “Eu vou te dar o meu número, se estiver disposta, podemos jantar”, vou até a mesa de Bernardo anotar meu número e entrego a ela. “Você também pode me ligar se precisar de qualquer outra coisa, combinado?”

Seus olhos estão úmidos outra vez, ela sorri, agradece e parte. Acho que ela vai me ligar, e eu quero que ela faça isso.

Quando Maria parte, Bernardo se aproxima de mim e beija meu cabelo, coloca um braço à minha volta, mantendo-me presa ao seu corpo.

“Nós nunca tivemos nada”, ele afirma.

Eu rio.

“Eu entendi, Bernardo.”

“Nós nos conhecemos numa viagem que fizemos com nossos amigos, eu só queria curtir, beber e transar”, ele prossegue, mesmo quando digo que entendi. “Eu investi na Maria por um instante, mas ela estava sofrendo por causa de algum filho da puta, então não tive chance”, ele beija meu cabelo de novo. “Que bom que nunca tive uma chance com ela, Laura, que bom que não preciso ficar mais envergonhado do que isso na sua frente, meu amor.”

Eu beijo seu rosto.

“Você realmente dá muito trabalho, Bernardo.”

Ele ri, então me abraça, erguendo-me do chão.

*Brasília,
DF*

Eu e Maria nos aproximamos muito rápido. Em todos os nossos encontros, no trabalho e fora dele, eu novamente era acometida por uma agora já velha sensação de que nos conhecemos antes, talvez noutra vida. Ela e Bernardo também conversavam bastante, relembrando a viagem onde se conheceram, falavam constantemente sobre seus amigos e colegas, inclusive marcaram um reencontro com todo mundo na casa do Bernardo, parece que acontecerá no próximo mês, num fim de semana. Eu estava feliz por conhecer essas pessoas de quem ambos tanto falavam, principalmente após entender que Maria precisava disso, porque passara por uma perda enorme recentemente, motivo do seu choro quando nos encontramos. Ela me contou toda a sua história com Gabriel, me contou sobre a mãe e sobre a perda do colega músico, todas as três profundamente dolorosas, e ocorridas num espaço de tempo muito curto. Maria não podia ter se curado totalmente, pelo menos, ainda não. Então aqueles olhos tristes de quando nos conhecemos fizeram todo o sentido para mim.

Eu também acabei me abrindo muito com ela, contei-lhe sobre a minha infância, sobre a minha vida fora de casa, sobre o meu trabalho e sobre o meu relacionamento com Bernardo. Eu nunca falei tanto sobre mim, nunca consegui confiar tanto em alguém, muito menos tão rápido. Mas com ela aconteceu de uma forma muito espontânea, um pouco estranha, quando eu me dava conta, já tinha lhe falado sobre os meus momentos mais sombrios, sobre os meus medos mais profundos. Quando estávamos conversando, na minha casa ou na casa do Bernardo, só eu e a Maria, ou nós três, eu era novamente preenchida pela sensação de que estava num ambiente seguro, de que estava em família. Às vezes, o Joaquim aparecia nesses encontros, então eu ficava ainda mais feliz. O Joaquim e a Maria eram como cães e gatos, daqueles criados juntos que nunca se separam. Ele alegava que não gostava de adultos, e eu podia entendê-lo muito bem, e Maria alegava que não gostava de crianças. Então eles se encaravam ameaçadores, até a Maria correr atrás dele para lhe fazer cócegas que o matavam de tanto rir. A risada do Joaquim aquecia o meu coração, seu eco me fazia sentir em casa.

Eu e Joaquim também nos aproximamos muito, ele e Bernardo passavam mais tempo juntos, assim eu tinha mais chances de vê-lo. Algumas vezes, até a Natália estava presente. Ela falava comigo de outra forma, ainda estava um pouco envergonhada, mas aparentemente vinha conseguindo lidar bem com os seus sentimentos por Bernardo. Num desses encontros, a Maria me abordou num canto isolado e me perguntou se eu realmente confiava nela, porque também percebeu a forma como ela olhava e falava com Bernardo. Eu quis rir, era a primeira vez que eu tinha uma amiga para me alertar sobre essas coisas, para ficar do meu lado, para se preocupar por mim. Eu estava feliz, eu finalmente tinha pessoas com quem eu me importava e que se importavam comigo da mesma forma. Amor, amizade e lealdade, eu consegui isso, como por milagre. Estava tudo perfeito, tão perfeito que eu me esqueci que nem tudo dura para sempre.

Eu conseguia lidar com a exposição do meu relacionamento com Bernardo no trabalho, conseguia lidar com a preocupação dos meus colegas, com seus avisos e

conselhos, e conseguia lidar razoavelmente bem com meu nome e rosto estampados nos sites e revistas de fofocas que me anunciam como a nova namorada de um dos playboys mais cobiçados da cidade. Quando jornalistas e blogueiras me ligavam solicitando entrevista, eu aproveitava a oportunidade para falar do nosso projeto, trazendo visibilidade para a nossa causa. Então, os sites e revistas interessados na minha vida particular tinham duas opções: ou eles desistiam de mim ou me ajudavam a divulgar o projeto, eventualmente contribuindo para que conseguíssemos mais investidores. Sem querer, sem planejar, eu fui construindo uma imagem muito diferente nesses espaços, tanto para mim como para Bernardo, e ela nos ajudava com o trabalho. Algumas vezes era preciso lidar com notícias falsas, maldosas e tendenciosas, mas eu estava legalmente preparada para combater tais crimes. Enfim, era uma dor de cabeça enorme estar ao lado de Bernardo, mas com tudo isso eu podia lidar, só não soube o que fazer quando ele disse que queria ficar mais sério do que estávamos.

“Como assim, Bernardo?”, pergunto, enrolada em seus braços e numa mantinha que deixo no sofá da minha sala.

“Eu pensei que podíamos morar juntos”, diz, então beija meu cabelo. “Não é grande coisa, amor, já estamos fazendo isso, não estamos?”

Não, havia uma grande diferença. Ele só está tentando me dizer isso de uma forma que não me assustará completamente. Infelizmente, ele não está tendo êxito.

“Mas as coisas estão tão boas assim”, argumento. “Não acho que precisamos apressar nada.”

Bernardo fica imóvel, então sou obrigada a buscar seus olhos, a fim de entender o que está acontecendo.

Ele está triste, está decepcionado, eu conheço essa expressão.

“Laura, estamos juntos há quase um ano”, ele segura meu rosto em suas mãos. “Você realmente acha que morar na mesma casa é demais?”

Penso cuidadosamente numa resposta.

“Bernardo, estamos quase concluindo a nossa parte do projeto, quando começar a fase da implementação nós não seremos mais os responsáveis, estaremos menos sobrecarregados, essa parceria vai acabar”, balbucio. “E o diretor da nossa unidade deve se aposentar depois disso, então teremos outra pessoa no comando, tudo vai mudar de novo...”

Ele me beija, para me calar.

Quando me solta, me olha de um jeito que me sinto nua.

“Do que diabos você está falando, Laura?”

Eu suspiro.

“Eu estou tentando dizer que devemos esperar a conclusão da fase do projeto pela qual somos responsáveis, depois teremos mais tempo livre.”

“E o que o projeto tem a ver com nossa vida particular?”

Estou perdida.

“Bernardo, nós não sabemos como as coisas vão funcionar depois de entregarmos o projeto.”

Eu gostaria muito de poder correr desses olhos que me devoram, mas não tenho alternativas.

“Você está com medo?”, ele me pergunta, num quase sussurro.

“Medo?”, pergunto indignada, tentando fingir que ele não acertou na mosca.

“Você está com medo, Laura?”, repete.

“Por que eu teria medo?”, eu me encrongo.

“É exatamente este o meu ponto”, Bernardo pressiona. “Por que você teria medo de morar comigo?”

Dou um sorriso, enxergando uma brecha.

“Talvez por que você nunca mais vai me deixar dormir?”

Ele ri, mas eu sei que não vai abandonar a discussão.

“É um bom argumento, amor, mas você já está acostumada com isso”, ele me aperta contra seu corpo. “Você dorme pouco, é verdade, mas dormiria muito menos longe de mim, então acho que seria mais uma oportunidade pra você usar o meu corpo por muito mais tempo, não acha?”

Eu coloco meus braços em volta do seu pescoço.

“Você é impossível, Bernardo.”

Ele ri.

“Só acho que é um acordo foda pra caralho, amor”, insiste. “Você precisa pensar direito.”

Eu acho graça, então lhe beijo, torcendo para que ele esqueça a ideia. Infelizmente, quando eu deixo seus lábios, Bernardo ainda possui a mesma determinação no olhar.

“Quando entregarmos o projeto a minha parceria com esses cuzões acabou, eu tô fora, Laura! Não encaro outra merda assim tão cedo. Vou fazer as coisas do meu jeito no futuro, não quero ficar atolado em papel ou politicagem e nem quero ficar aguentando um monte baba-ovo dos infernos”, ele continua. “Só que não vou te ver todos os dias no trabalho, meu amor, e isso é uma merda também. Se a gente morar junto, vamos nos ver todos os dias, mesmo depois de entregar o projeto, mas não precisamos esperar, não acha?”

Bernardo estava cansado, eu reconhecia seu esforço. Ele trabalhou mais que qualquer um para ver esse projeto acontecer, fui testemunha. Quanto mais perto eu estava dele, mais podia ver a quantidade absurda de demandas que ele precisava tratar, e de problemas que precisava resolver. Não era só o projeto, havia o seu trabalho, seus negócios, outras causas que ajudava, que consumiam a maior parte do tempo que ele dispunha. Ele trabalhava num ritmo frenético, pouco saudável. Às vezes, eu acordava sozinha na madrugada e lhe procurava pela casa, então o encontrava em seu escritório, atolado em contratos, processos, dossiês e anotações; algumas caixas do ministério acabaram empilhadas no chão perto de sua mesa. Meu coração se partia, porque eu entendia ali que ele abria espaço na sua agenda para estar comigo e com o Joaquim,

mas eu não sabia que precisava trabalhar na madrugada para compensar. Havia madrugadas em que eu tentava ajudá-lo, porém, Bernardo sempre me colocava para dormir como se eu fosse uma criança e continuava trabalhando sozinho.

“Laura, você está me ouvindo?”, ele chama, me resgatando de meus devaneios.

“Oi, desculpa”, peço, um pouco atordoada.

Bernardo me derruba no sofá, me beija de novo, então me encara outra vez. Parece que não há meios de fugir dele hoje.

“Nós não precisamos esperar a entrega do projeto, meu amor”, ele beija minha testa. “Não concorda?”

Eu toco seu rosto, faço-lhe umas carícias.

“Por que você está insistindo tanto nisso, Bernardo?”

Ele parece confuso.

“Você não me quer?”

Eu fico paralisada com sua pergunta.

“Como assim, Bernardo?”, tento me retratar. “É claro que eu quero você!”

Ele sorri, convencido. Detesto esse sorriso presunçoso dele!

“Então qual é o problema, Laura?”, ele encosta seu nariz no meu, fazendo cócegas. “Seja sincera comigo, pelo menos uma vez.”

“Pelo menos uma vez?”, questiono, levemente emburrada.

“Você nunca me diz como realmente se sente”, ele explica. “Eu tenho que tentar adivinhar o que se passa nessa sua cabeça, meu amor. Por que não pode ser sincera comigo?”

Eu me cango.

“Eu não quero morar com você, Bernardo.”

Ele recebe minha resposta como uma bofetada, se levanta e senta-se no sofá. Eu me sento ao seu lado, tentando explicar como me sinto.

“Bernardo, eu acho que estamos tão bem assim, eu não quero colocar uma pressão desnecessária em nós agora”, explico. “E se estragarmos tudo dando um passo apressado? Estamos num momento delicado no trabalho, acho que podíamos caminhar mais devagar.”

Ele suspira.

“Eu vou pra casa, Laura”, anuncia. “Amanhã conversamos.”

Mas eu impeço que ele se levante. Sento-me em seu colo e cobro a atenção de seus olhos decepcionados.

“Você é meu refém, esqueceu?”, brinco. “Não pode ir embora quando bem entender.”

Bernardo suspira novamente.

“O que eu devo fazer com você?”, questiona, como se falasse consigo mesmo.

“Bernardo, me dê um tempo para eu me acostumar com a ideia”, peço, enquanto beijo seu rosto todo. “Eu só preciso de um pouco de tempo, entende?”

“Laura, você já confia em mim?”

Engulo em seco, não encontro uma resposta.

“Então ainda não”, ele responde a si mesmo. “Talvez o problema seja esse, você ainda não confia em mim. Se confiasse, não teria tanto medo, não é?”

Eu não sei o que fazer, eu não quero magoá-lo, mas não posso ignorar o que eu sinto. E, por mais que eu tenha tentado evitar, por mais que eu tenha tentado esquecer, o que me comanda na maioria das vezes em relação à Bernardo é o medo. É a primeira vez em que estou tão exposta, e ele continua exigindo tudo de mim, continua me deixando desconfortável com sua proximidade. Eu não quero afastá-lo, mas nunca sei o que devo fazer para não me sentir tão perdida. No início, eu pensei que o nosso acordo estranho acabaria em breve, no mais tardar quando entregássemos o projeto, pensei que eu venceria esse nosso jogo bobo, eu não sabia que demonstraria tanto medo no percurso, que estaria assim exposta, vulnerável, assustada, como se eu fosse uma criancinha.

Quando começamos essa brincadeira agora sem muita graça, eu esperava sempre o pior de Bernardo, estava pronta para pegá-lo na cama com outra mulher, ou para seu afastamento brusco, talvez sem explicação. Estava pronta para ler ou ouvir alguma fofoca que me obrigaria a terminar tudo e deixá-lo para trás definitivamente. Eu não esperava que fosse ficar tão próxima dele, que fosse conhecê-lo tão intimamente, eu não esperava que Bernardo pudesse querer algo mais sério, eu não esperava que sua figura aparecesse em minha mente sempre que o nome família fosse invocado. Sim, eu estava com medo, estava apavorada, porque eu não sabia o que fazer. Eu não sabia como lidar com as mudanças bruscas na configuração do nosso acordo. Talvez no fundo eu ainda esperasse pelo pior, porque é com isso que estou acostumada.

Os meus olhos se enchem de lágrimas, mesmo contra minha vontade. Eu detestava esses momentos em que involuntariamente eu acabava me expondo ainda mais.

Bernardo beija meu rosto, limpa minhas lágrimas, demonstrando o oposto da imagem que eu havia criado para ele anteriormente.

“Está tudo bem, amor, eu vou continuar esperando você, já sou quase um monge no quesito paciência”, ele me abraça, nós rimos. “Quando você estiver pronta, nós decidimos o que fazer, combinado?”

Eu balanço a cabeça, concordando. Novamente, estou chorando no seu ombro, com medo de tudo, de que dê certo entre nós, de que não dê, medo de ficar, medo de partir. Bernardo se levanta comigo em seu colo e segue para o meu quarto, onde sei que vai me abraçar até eu pegar no sono, então um de nós vai acordar na madrugada e vai despertar o outro e nós vamos fazer amor até pegarmos no sono outra vez.

*Brasília,
Lago Sul*

Bernardo resolveu me apresentar a alguns amigos seus que eu ainda não tinha tido contato, mas agora que um deles se aproxima de mim e toca meu ombro dessa forma, principalmente quando não há mais ninguém na sala, eu percebo que foi tudo um erro. Pensando bem, ele esperou uma oportunidade desde o início, esperou apenas eu me levantar e distanciar do grupo para vir me procurar, como um predador. Eu ainda olho indignada para sua mão no meu ombro e para essa proximidade que ele impõe, enquanto isso, penso com cuidado no que vou fazer a seguir.

“Chico, você pode retirar a sua mão de mim?”, peço, mas não é exatamente um pedido, é uma ameaça, que ele ignora.

Ele ri, está alcoolizado, talvez drogado.

“Você é muito gostosa” fala, fedendo a álcool. “Agora entendi por que o filho da puta do Bernardo demorou pra te apresentar pra galera.”

“Se você não tirar essa sua mão nojenta de mim eu vou acabar com você, me ouviu?”, ameaço.

Ele gargalha novamente, mas se afasta. Levanta as mãos como quem se rende.

Eu lhe deixo ali e sigo para a cozinha, onde encontro o olhar levemente alarmado da garota que acompanhava o imundo do Chico.

“Por que você sai com um babaca desses?”, pergunto, curiosa, enquanto tomo um copo de água.

“Ele é meu cliente”, ela responde, sem cerimônias.

Levo um tempo para entender o que ela está dizendo.

“O que foi?”, ela questiona. “Nunca conheceu uma garota como eu?”

Eu me volto para ela, encarando-lhe.

“Eu me chamo Laura”, digo.

Ela sorri.

“Pode me chamar de Amora”, responde.

“Não é o seu nome verdadeiro, é?”, brinco.

“Claro que não, sweetie.”

Amora toma outro gole da bebida estranha que carrega num copo transparente.

“Espero que o idiota esteja te pagando bem”, falo, enquanto observo Chico caminhar na nossa direção. “Ele não vai desistir, vai?”

“Não, sweetie”, ela responde. “Ele não vai não, não depois da merda que ele cheirou.”

Eu espero Chico nos alcançar, agora estou preparada para me defender se ele cometer a estupidez de se aproximar mais uma vez.

Só que Chico não vem diretamente até mim, ele procura o corpo de Amora, beija-lhe como um animal, aperta seus seios e suas nádegas, parece pronto para arrancar suas roupas e transar com ela na minha frente.

Amora revira os olhos, entediada. Se demorar mais um pouco, ela vai bocejar.

“Eu não pago você pra ficar de papo furado, sua vadia!”, grita para Amora, quando ela permanece imóvel como uma estátua. “Você devia estar chupando o meu pau!”

“Amora, você precisa de mim?”, pergunto.

Ela parece um pouco surpresa, mas balança a cabeça, dizendo que não.

Eu estou pronta para sair, quando Chico se interrompe e diz:

“Você não quer assistir, Laura?”

Eu tento controlar minha raiva, Chico dá um passo na minha direção. Então Amora o detém, mas como resposta ela ganha um soco que parece arrancar sangue do seu rosto.

Quando Amora grita, eu recuo um passo e alcanço uma frigideira de inox que havia deixado reservada para esse momento. Seguro firmemente a minha arma, então, usando a força de minhas duas mãos, acerto o rosto daquele animal. Chico cambaleia até cair sentado no chão da cozinha. Amora está em choque, se levanta e afasta-se um pouco. Eu acerto Chico mais uma vez, só para ter certeza de que ele continuará no chão, formando o quadro deplorável que agora me arranca um sorriso.

Eu chuto seu estômago, Chico dá um grito de dor. Fico feliz porque Joaquim não está em casa hoje, então eu posso continuar fazendo esse animal sangrar.

Amora me chama assustada, numa tentativa de me deter, mas é tarde demais.

“Você quer colocar a mão no meu ombro agora, Chico?”, pergunto numa voz doce que não reconheço. “Quer brincar de bater em garotas de novo?”

Ele está com medo de mim, posso ver, então preparamos outro golpe contra sua cabeça.

No entanto, antes que eu pudesse acertá-lo mais uma vez, um corpo imenso me ergue do chão e me afasta do animal. Eu seguro a frigideira no ar, estamos ambas suspensas.

“Laura, por favor, não!”, Bernardo implora. “Por favor, para!”

“Bernardo, você precisa me soltar”, digo, calma. “Eu ainda não terminei com aquele porco.”

Bernardo toma a frigideira da minha mão e a lança ao longe, o objeto pousa no chão fazendo um barulho ensurcedor. Ele me abraça, posso sentir como está assustado.

“Por favor, meu amor”, implora. “Já chega, por favor.”

Há um monte de gente ao nosso redor, Natália está assustada perto de Amora, e os colegas de Bernardo parecem estátuas. Ninguém corre na direção de Chico, atordoado e sangrando no chão da cozinha.

Não sei exatamente quanto tempo se passa até Bernardo enfim me colocar no chão, mas ele ainda segura meu braço, provavelmente temendo pela vida do seu amigo.

“Você quer que eu espere a polícia, Bernardo?”, pergunto, segurando minha raiva.

“Não vamos chamar a polícia, Laura”, ele diz, cansado.

“Então eu vou pra casa”, anuncio.

Ele não me solta, então arranco suas mãos de mim e lhe encaro enfurecida.

“Se eu não posso matar esse animal nem serei responsabilizada pelo que fiz, eu quero ir embora”, digo, tentando não gritar. “Eu vou agora, Bernardo.”

“Laura, o que você fez?”, ele pergunta, triste.

Eu começo a gargalhar, como uma louca.

“O que eu fiz?”, questiono. “Você não devia estar se perguntando o que aquele porco fez?”

“Laura, por favor...”

Nesse momento, eu não aguento mais.

“Você não se importa com as pessoas que traz para a sua casa, Bernardo! Não se importa com as merdas que seus convidados trazem para a casa em que seu filho poderia estar dormindo agora!”, grito. “O seu amigo estava agredindo alguém na minha frente! Esse porco asqueroso que tentou encostar sua mão suja em mim! O que esperava que eu fizesse, Bernardo?”, tento controlar minha respiração, então finalizo: “É para uma casa assim que você espera que eu me mude?”

Com alguma dificuldade, eu consigo me desvencilhar de suas mãos, então saio dali furiosa, sem me importar com quem deixo para trás. Bernardo vivia numa ilusão, se realmente acreditava que aquelas pessoas queriam o seu bem. Eu não precisava de muito tempo ao lado deles para entender que a grande maioria ali não seguraria sua mão se ele estivesse prestes a cair de um precipício. Talvez Natália pulasse junto com ele, mas ela não faria mais do que isso.

*New York,
Manhattan*

It was a tough day, I was exhausted. First, we traveled through Europe, then Asia and now America. Brazil will be the last country, finally. Then I can go home and sleep all week. I didn't know that making a living in diplomacy would be so difficult. I was inspired by the cause, by the trips, by the possibility of escaping my so boring routine, but now I was getting very tired of it all, of my life perhaps. It was very lonely. Maybe because of this I was having doubts.

When we set up a bunch of nine conferences around the world, I thought it would be easy, exciting, but now in the end I was proven wrong, I was very naive, because none of this is exciting anymore. Was it that or just this exhausting, long, very long day that never seems to end.

Under the night sky I decided to take a quick walk, leaving my team and friends behind. I just want to be Lavi for a second not Mr. White. The city lights were amazing, but they made me feel alone again. When walking through those streets I start to dream about another life, peaceful, perhaps by the sea. I think I want to fall in love at least once.

*Brasília,
DF*

Quando eu entro no meu apartamento, minhas pernas falham. Há um peso enorme sobre mim. Eu tento controlar a minha respiração, eu tento não me entregar às memórias que eu fazia tanto esforço para esconder. Novamente, eu estava diante de um beco escuro. Alguém era agredido na minha frente e eu perdia todo o meu controle. Eu me tornava um animal mais forte, um que podia combater os outros predadores. Embora presa e predador coexistisse numa binariedade complexa, eu constantemente me esforçava para não virar comida, mesmo ciente de que sempre haveria alguém mais forte. Foi assim que vivi minha vida inteira, mas agora eu estava muito cansada.

Então eu ouço, de novo:

Levante-se, Laura. Você não é mulher que fica no chão.

Levante-se agora. Nós não a criamos para ficar aí.

Eu obedeço ao meu próprio comando e me arrasto até a minha cama.

*Brasília,
Lago Sul*

Que merda acabou de acontecer aqui?! Eu tento entender, enquanto aguardo o filho da puta do Chico levar uns curativos na cabeça. Não podemos nem procurar a porra de um hospital, então chamo o médico do Joaquim pra cuidar desse desgraçado. Se eu pudesse, deixava ele sangrar até a morte! Mais tarde, quando ele estiver sóbrio, eu vou calar a boca dele, porque se ele abrir a merda da boca dele pra falar sobre o que aconteceu aqui, eu mesmo vou socar esse filho da puta! Sei que tem pó no porta-luvas dele, vou usar isso pra me livrar desse desgraçado. Inferno! Como não percebi a merda que estava acontecendo aqui?!

Não consigo tirar da cabeça a imagem da Laura avançando sobre esse filho da puta, prestes a matar o desgraçado! Ela teria coragem? Naquela hora, ela parecia cega! O que fez a Laura ficar assim? Lembro dela perguntando se esse filho da puta queria brincar de bater em garotas, lembro dela perguntando se ele queria...

Afasto um pouco, porque se eu não me controlar, vou acabar fazendo a mesma coisa com esse desgraçado! O que ele tentou fazer com ela?! Ele tentou...

Não, não, não! Merda! Não! Eu não trouxe esse animal pra porra da minha casa, trouxe?! Ele não tentou encostar na minha mulher, tentou?! Que merda eu estava fazendo esse tempo todo?!

Alcanço meu uísque, tentando me acalmar.

“Bernardo?”, alguém me chama.

Quando eu me viro, encontro a garota que aquele filho da puta trouxe com ele. Qual era mesmo o nome dela?

“Amora”, ela responde, como se lesse a porra da minha mente.

“O que você quer?”, pergunto de mau-humor.

“A Laura só estava me defendendo”, a menina diz, como se fosse chorar.

Merda! Merda!

“Eu vi aquele idiota tentando encostar nela, Bernardo. Ela avisou que era pra ele se afastar, ele não ouviu. Então aquele bosta veio pra cozinha, me agarrou, queria que ela assistisse. Ele me bateu, ela não aguentou. Ela só estava me defendendo, entende? Por favor, não vai acontecer nada com ela, vai?”

Ela continua falando um tanto de merda, não consigo ouvir mais. Eu mesmo vou matar aquele filho da puta.

Quando o meu terceiro soco atinge a porra da cara desse filho da puta, sou retirado de cima dele por uns cuzões que ainda estavam aqui, assistindo a merda toda. Tem um tanto de filho da puta falando! Não consigo entender merda nenhuma! Só penso na Laura, na merda que ela deve estar sentindo agora. Ela tinha razão, eu não podia nem oferecer a porra de um lugar seguro! Como podia esperar que ela se mudasse pra cá?! Eu recuso a ajuda que a Nati oferece, ela quer limpar minha mão, ela quer cuidar de mim. Estou cansado dessa merda também! Ela nunca vai entender que acabou! Ela nunca vai me deixar em paz!

Antes de voltar pra Laura, eu preciso arrumar a merda da minha vida. Nada disso aqui faz sentido sem ela. A porra dessa noite vai ser longa e infernal, só que

preciso cuidar dessa merda toda antes de poder abraçar minha mulher. Ela ainda deve estar uma fera comigo, mas eu vou fazer ela me perdoar.

*Brasília,
Aeroporto Internacional de Brasília*

It was.

It was raining.

It was raining when we first met.

Raining like crazy.

I was curious about him. I was curious about that man in front of me. His strange socks and shoes. I was intrigued by his look too. It was raining. It was raining when we first met. I was frozen in the crowd like a corpse, a dead person, deciding what to do next. Should I take another plane? Could they cancel the flight because of the weather? Then he came to me, asking if I was okay. He was wearing a suit, but he had strange colored socks and weird shoes on his feet. It was funny. Usava um crachá com seu nome, um dos três nomes estava destacado, indicando sua preferência. Ahmed Lavi White. Lavi era sua escolha, sua preferência, era como ele queria ser chamado. Eu estava curiosa sobre ele, sobre tudo nele. Seu sobrenome era White, mas ele era preto. Seu nome era Lavi, mas ele usava uma pulseira com crucifixo. Seu nome era Ahmed, mas ele era britânico, aparentemente. He was like a brand-new world to discover, a completely different language to understand. He asked my name. A chuva começava devagar, preguiçosa. Then it was like the world could end. Eu não tinha um guarda-chuva, tudo o que eu tinha eram algumas memórias, nas quais me afoguei.

“Laura are you really okay?”, he asks me again.

Eu estava submersa, mas sua pergunta me faz voltar à superfície. Mesmo assim, não sei o que responder. Provavelmente não, não estou nada bem, ainda estava confusa, sem saber o que fazer. O que eu vou fazer com elas agora? O que eu vou fazer com todas essas memórias? Eu me levantei, mas parece que ainda estou no chão. Como se recupera de algo assim? Por que eu deixei as coisas chegarem a esse ponto? Eu achei que sairia ilesa desse jogo, mas ele ganhou. Ele me venceu. Nenhuma derrota doeu tanto quanto esta. O que eu vou fazer agora? O que eu vou fazer com essa chuva que me lembra o dia em que nos conhecemos? O que eu vou fazer com esse medo? O que eu vou fazer?

“I think there’s something in your hair”, ele diz enquanto se aproxima, tocando meu cabelo, cuidadoso. E num instante, num gesto sutil que me surpreende, ele move minha cabeça em direção ao seu peito. Só aí percebo que estou chorando. Não havia nada no meu cabelo, eu tenho certeza, mas eu aceito esse abraço, estranho, peaceful, warm and quiet. Talvez ele seja algum especialista em psicologia ou psiquiatria, porque ele sabe exatamente o que fazer.

Eu quero descansar, eu quero dormir. Acho que passei a minha vida toda tentando ser o mais forte que eu pudesse ser, gastando todas as minhas energias nesse empreendimento, porém, agora eu quero descansar, só descansar, sem pagar um preço muito alto por isso. Seria possível? Será possível descansar sem pagar tão caro por isso? Eu quero um sono tranquilo, que não me assuste, eu quero uma morte tranquila. Será que ainda precisaria esperar muito tempo pelo meu descanso?

“You’ll be alright, Laura”, Lavi afirma, numa voz doce. “Don’t worry anymore, okay?”

Eu acredito nele, acredito que vou ficar bem, que tudo vai passar. Não sei onde consigo coragem para acreditar nisso de novo, mas eu acredito, mais uma vez. A minha viagem não foi planejada, eu simplesmente acordei na manhã seguinte ao desastre e parti, sem dar muitas explicações. Eu tinha muitas folgas para tirar, nem lembrava a última vez que havia tirado férias, então a administração pública me devia essa. Eu parti sem muito rumo, só precisava de um tempo sozinha, longe de tudo. Minhas memórias e emoções estavam descontroladas, eu não conseguia lidar com muita coisa. Eu já estava cansada de ficar murmurando para mim mesma o mesmo mantra de sempre, exigindo uma força que talvez nem precisasse ter, pelo menos não o tempo todo. Então eu desembarquei ali e fiquei fascinada por umas meias coloridas, dentro de um sapato também um pouco estranho, estava pensando se devia pegar qualquer outro voo para bem longe desse lugar. Estava pensando que lembraria dele agora toda vez que chovesse. Estava pensando que não queria pensar nele no tempo passado.

Quando me dou conta disso, eu me assusto, eu acordo, entendo que tem um estranho me abraçando. Eu o afasto de forma abrupta. Não é esse o homem que me faz dormir. Mas ele tem um sorriso muito gentil no rosto, e conseguiu me acalmar por momento, então eu vou lhe agradecer, antes de partir.

*Brasília,
DF*

Finalmente, estou em casa, depois de dias longe daqui, parece que falta alguma coisa, e eu sei bem o que é, mas não quero pensar nisso agora. Eu nem desfaço as malas, vou logo tomar meu vinho na sacada, admirando as luzes da cidade. É uma noite bonita, posso encontrar um pouco de paz nesse cenário. Em breve, tudo mudaria no trabalho, então eu escolhi o momento certo para tirar uns dias de folga. Minha viagem foi muito boa, eu consegui esquecer brevemente os meus problemas, mas foi só chegar que tudo recomeçou.

Uma chuva fina começa a cair de novo, eu quero chorar. Será que Bernardo me achava um monstro, assim como minha família? Será que algum dia vou conseguir superar a minha vontade de destruir animais asquerosos? Eu não estava arrependida do que fiz, como nunca estive antes, mas dessa vez eu me importava com o julgamento de alguém. Quando minha família me tratou como se eu fosse uma aberração, eu fiquei feliz, porque pensei que eles se livrariam mais rápido de mim, facilitando a minha emancipação tão sonhada. Desta vez, com Bernardo, eu estou insegura. Tivesse acontecido meses atrás, eu não me importaria nem um pouco, mas agora alguma coisa estava diferente. Eu detestava me sentir exposta e vulnerável diante dele, eu odiava esse turbilhão de emoções sem sentido que me confundiam e desorientavam tanto. Essa não sou eu, quantas vezes preciso repetir?

No dia seguinte, o meu telefone tocou sem parar, eu sabia que era Bernardo. Ele provavelmente estava na minha porta, mas eu já tinha partido há muito tempo. Eu não quis encontrá-lo até colocar minhas emoções no lugar, coisa que infelizmente não aconteceu. Eu mandei uma mensagem de texto para ele, explicando que precisava de um tempo sozinha, novamente, disse que ele podia me ligar se precisasse de mim para algum depoimento, mas se esse não fosse o caso, ele precisava parar de me ligar. Bernardo parou de me ligar, então eu pude ficar a sós com minhas recordações, dúvidas e emoções intensas.

Eu começo a chorar, assim como a chuva mais cedo, o meu choro começa devagar, mas logo se torna convulsivo. Estou fazendo o melhor que eu posso, mas eu cometi um erro, eu me enganei quando pensei que podia ganhar esse jogo. Eu não devia ter me envolvido, eu não devia ter sucumbido ao conforto dos braços dele, eu não devia ter aceitado seu carinho. E agora, o que eu vou fazer?

Ouço o barulho de uma chave girando na minha maçaneta, eu me assusto um pouco, mas entro na sala e agarro o meu vaso de flores, o primeiro objeto que encontro. Espero preparada para atacar, uma dúvida surge na minha cabeça, mas eu espero, preparada.

Confirmando minhas suspeitas, quem entra no meu apartamento é Bernardo. Ele me olha cansado, não se assusta com o que vê. Ele suspira, então caminha até mim devagar, joga suas chaves e carteira em cima da bancada da cozinha e retira o vaso da minha mão. Ele devolve o vaso ao seu lugar de origem, então me encara. Parece analisar cada centímetro do meu rosto.

Quando Bernardo avança um passo na minha direção, eu recuo outro. Ele se detém. Seu semblante parece cansado, provavelmente como o meu deve lhe parecer.

“Como sabia que eu estava aqui?”, questiono.

“Pedi ao seu porteiro pra me avisar quando você chegasse”, ele diz, sem tirar os olhos de mim.

“O meu porteiro não pode passar esse tipo de informação”, rebato, amarga.

“Acha mesmo que eu não poderia convencê-lo?”

Claro que ele podia, eu não tinha a menor dúvida disso. Nem quero saber o que combinaram, mas eu precisava ficar esperta nas próximas vezes.

“Laura, por que você está fugindo de mim?”, Bernardo pergunta, exausto.

“Eu não estou fugindo de você”, minto, sabendo que em vão.

Bernardo aproxima um passo, eu recuo outro novamente.

“Então o que você está fazendo agora, Laura?”

Eu tento disfarçar, perguntando num sussurro:

“Como você lidou com tudo?”

“Não importa, está resolvido”, ele responde, encerrando a questão.

“Eu não preciso que você lide com as minhas merdas, Bernardo”, minha voz sai ríspida.

Bernardo perde a paciência e me alcança. Num instante, estou sufocando no seu abraço. Eu não consigo respirar direito, mas não reclamo. Outra vez, as lágrimas começam a cair. Estou desesperada, tentando ser forte, mas não consigo evitar.

“Laura, você pode me perdoar?”, ele implora, acho que também segura o choro. “Por favor, me perdoa, meu amor! Eu não consegui perceber a merda que estava acontecendo! Eu deixei você sozinha com aquele filho da puta dos infernos! Eu sinto tanto, meu amor! Por favor, me perdoa! Você pode me perdoar?”

Eu não consigo responder, meu choro se intensifica. Então Bernardo me pega em seu colo e se senta comigo ali na sala. Eu não consigo nem olhar nos seus olhos, enterro meu rosto em seu ombro e choro como uma criança.

Ele solta alguns palavrões, não sei a quem são dirigidos, mas percebo que ele ainda controla o choro, deixa escapar apenas algumas lágrimas, que molham minhas costas.

Não tenho certeza por quanto tempo ficamos assim, mas aos poucos vamos nos acalmando. E com essa calma, vem o sono, pelo qual tanto esperei. Rapidamente, estou sonolenta em seu colo, então ele me ajeita no sofá e se deita ao meu lado, ainda me abraça. Bernardo cheira o meu cabelo e beija meu rosto inchado, fazendo com que eu queira dormir ainda mais profundamente para não precisar encarar seus olhos tão cedo.

Quando eu desperto, estou na minha cama, vestindo uma camisa muito larga que não me pertence. Procuro pelo cômodo, mas não encontro seu dono. Ouço barulho na cozinha, então tomo coragem para ir até lá. Enquanto reúno coragem, passo no banheiro para verificar a situação do meu rosto, não está nada boa, mas não há muito o que fazer.

Na cozinha, Bernardo finaliza alguma coisa que me parece omeletes. Eu entro no cômodo devagar, incerta, insegura. Quando me vê, ele me avalia por um instante, volta sua atenção para o que prepara e logo desliga o fogo. Então ele me olha de novo, sorri e me abraça mais uma vez.

“Eu estava morrendo de saudades de você, meu amor”, diz, então me solta. “Você está melhor?”

Eu balanço a cabeça, concordando.

Nesse momento, ele percebe que desvio o olhar, então ele toma meu rosto em suas mãos e me obriga a encará-lo.

“Fala comigo, meu amor”, implora, me desconcertando.

Eu não tenho mesmo como fugir, então inclino meus lábios em direção aos dele e lhe beijo. Bernardo parece perdido por um momento, mas logo entende o que estou fazendo. Eu pulo em sua cintura, cruzo minhas pernas ali. Ele caminha conosco e se senta novamente no sofá, me apertando contra seu membro enrijecido. Estou desesperada por ele, estou desesperada para que ele não me faça perguntas que não quero responder. Eu me movimento em seu colo, sabendo exatamente o que estou fazendo. Ele não se controla, então eu consigo o que eu quero, pelo menos por um tempo.

Bernardo beija minha testa, beija meu pescoço e beija meu ombro, então volta a me encarar. Estamos deitados no meu sofá novamente, completamente nus. No entanto, não é essa a nudez que me preocupa.

“E agora, nós já podemos conversar?”, ele brinca.

Eu tento sorrir.

“Laura, você está me assustando”, ele faz carinho no meu rosto.

“Bernardo, nós podemos falar disso noutra hora?”, eu tento.

Ele pensa um pouco, ainda me avalia com cuidado.

“Tenho a impressão de que se eu deixar você nunca vai me falar nada, Laura.”

Ele tinha razão, eu só esperava que ele pudesse cair nessa. Infelizmente, parece que não tem mais como eu fugir do assunto.

“O que você quer saber, Bernardo?”, questiono, tentando acertar o tom para não parecer ríspida de novo. “Quer saber por que eu agredi aquele porco?”

Bernardo me abraça, suspira em meu cabelo.

“Eu sei por que você fez aquilo, Laura”, diz, novamente evitando o choro. “Eu sei o que ele tentou fazer com você e eu sinto muito mesmo que você tenha passado por isso, meu amor.”

Eu limpo uma lágrima que me escapa.

“Não foi culpa sua, Bernardo”, finalmente confesso. “Eu não quis culpar você, eu só estava com muita raiva naquele momento.”

Ele balança a cabeça, dizendo que não, volta a me olhar.

“Você tinha razão sim, meu amor”, diz. “Eu devia ter pensado melhor naquela porra toda. Sei lá, eu estava tão animado por ter você ali comigo, eu não pensei que o filho da puta do Chico fosse fazer uma merda daquelas.”

“Eles são realmente seus amigos, Bernardo?”, questiono, com cuidado.

Ele toma um instante pensando na resposta.

“Tem os caras pra beber e os parceiros de verdade, meu amor”, finalmente responde. “Eu não devia ter chamado toda a galera, eu vacilei feio. Por favor, me perdoa. Foi você quem acabou pagando pelo meu deslize”, Bernardo beija minha testa. “O que eu tenho que fazer pra você me perdoar, Laura?”

Eu beijo seu queixo, consigo sorrir.

“Está tudo bem, Bernardo”, afirmo. “Só tome mais cuidado com o ambiente em que seu filho cresce.”

Ele enterra seu rosto no meu pescoço, eu sinto cócegas.

Quando ele interrompe seu ataque, volta a me olhar sério.

“Eu prometo que vou construir um lugar onde você vai poder se sentir segura, meu amor”, diz. “Prometo que não vai precisar se preocupar com você ou com o Joaquim de novo.”

Eu lhe abraço, é um agradecimento. Eu gostaria de ver o Joaquim num lugar seguro, mesmo se eu não estiver ao seu lado. E com esse pensamento, fico triste outra vez, tentando entender o que eu quero de verdade. Eu estava pronta para encerrar o meu acordo com Bernardo? Eu estava disposta a continuar me sentindo cada vez mais vulnerável ao seu lado? Se eu não tomasse uma decisão em breve, provavelmente correria o risco de não me decidir jamais, mas essa seria uma situação insustentável. Eu precisava fazer uma escolha em breve, só não seria nesta noite, porque eu ainda preciso do corpo dele para dormir.

“Laura, você ainda não se decidiu sobre morar comigo, não é?”, ele pergunta, como se adivinhasse meus pensamentos. “Se você quiser, nós podemos nos mudar para outro lugar.”

Eu o encaro novamente, surpresa.

“Bernardo, por favor...”

“Eu só quero ficar com você, meu amor, não importa onde”, ele me interrompe.

“Eu faço o que você quiser, Laura.”

Meu coração se parte, eu não sei o que dizer, então para sair do embaraço eu lhe lanço um sorriso e digo:

“Você vem tomar banho comigo?”

Bernardo leva um instante para se recuperar, mas quando entende o que estou dizendo, me devora com olhos e boca, depois me leva para o chuveiro.

*Brasília,
DF*

Quando vejo os olhos brilhantes da minha esposa, eu já sei qual é o sexo do nosso bebê. Ela esperava por isso há muito tempo, ela sempre quis uma menina. Às vezes, acredito que a gravidez não foi um acidente. Ela queria tanto que talvez tenha feito sua vontade acontecer. Ela poderia ter feito isso sim, sem me consultar. Ela sempre fazia o que bem entendia.

Mas ela não precisava se preocupar com o financiamento da casa, com as despesas do carro ou com o pagamento da escola dos meninos. Ela só precisava ficar em casa, cuidando da nossa família. Era eu quem passaria mais tempo no trabalho, tentando sobreviver com a renda das minhas horas extras. Era eu quem precisaria sair ainda mais tarde daquele inferno. Alguns dias, eu até agradecia por ter essa escolha, porque voltar para casa também era exaustivo, era muito barulhento. Nossos meninos ocupam todos os espaços, ela está sempre cansada, nunca tem tempo pra mim. Algumas vezes, ela me pedia para servir o jantar, guardar roupas, colocar os meninos para dormir, recolher as fezes do nosso cachorro, mesmo após um dia infernal. Outro dia, ela veio com uma ideia absurda: queria fazer bronzeamento artificial, coisa que só as mulheres da rua fazem, não as casadas. Discutimos, mas ela venceu, como sempre, e eu ainda tive que pagar pelo procedimento. Ela não podia me entender, não podia entender como era difícil trabalhar tanto, num lugar em que não somos valorizados, tudo para chegar em casa e não ter nem um pouquinho de paz.

“É uma menina, meu amor!”, ela diz emocionada, enquanto me abraça.

Sim, é claro que é uma menina. E agora? O que eu vou fazer? O que eu vou fazer com uma filha? Como ela vai sobreviver neste mundo de homens? E se alguém machucá-la? E quando ela for adolescente? E se ela não me obedecer? E se ela engravidar?

Então eu me lembrei de muitas outras mulheres minhas: bisavós, avós, mãe, sogra, madrasta, tias, primas. E me lembrei de outros nomes: Abigail, Gabriela, Laura. Elas invadiam meus pensamentos de forma desordenada, provocavam o medo, acusavam-me. Mas eu não tenho culpa! Que culpa tenho eu? Eu sempre respeitei as mulheres, por que diabos eu me sentiria culpado?

*Brasília,
Lago Sul*

Estão todos eles aqui, as minhas pessoas favoritas neste mundo inteiro: Beto, Rafa, Manu, Laura, Heitor, Bernardo e Joaquim. Tem outras pessoas espalhadas pela casa, amigos do Bernardo, mas é como se fosse um encontro só nosso, das pessoas que eu amo. Um dos estranhos toca violão, então sem querer sou lançada nas minhas memórias da adolescência, com Gabe. Mas hoje eu não vou chorar, quero só sorrir. Manu e Rafa cantam animadas ao meu lado, Laura e Bernardo estão abraçados na minha frente e Beto e Heitor sentam-se desconfortáveis perto do outro.

Não era difícil enxergar que havia algo entre os dois, mas Beto nunca disse nada, nem mesmo quando eu tentava abordar o assunto. As minhas perguntas eram rapidamente ignoradas, desviadas ou rechaçadas. Beto nunca falava sobre eles, então eu compreendi que ele não queria compartilhar nada, que era assunto só dele, que lidaria com isso da sua maneira. Eu fiz o melhor que pude para deixá-lo confortável, para me procurar e conversar comigo se realmente precisasse disso. Nesta noite, quando vejo ambos desconfortáveis um do lado do outro, percebo que alguma coisa não vai bem. Talvez, se eu tiver um pouco de coragem, vou tentar novamente falar com Beto. Eu, Rafa e Manu nos encontramos com Heitor algumas vezes, rimos juntos, falamos sobre coisas banais, mas seu relacionamento com Beto era sempre uma espécie de zona proibida e, conhecendo meu amigo como eu conhecia, eu sabia que isso vinha dele, não do Heitor. Outra vez, era preciso tentar entender, e confiar.

Laura e Bernardo parecem felizes, ela parece um pouco cansada, mas continua sorrindo como um sol. Por vê-los assim, felizes, eu ficava feliz também, embora me preocupasse com a ex-namorada dele, que vivia aparecendo na casa como se fizesse parte dela, usando o filho como desculpa para tudo. Eu não precisava ficar tão cismada, porque a Laura é uma mulher incrível, daquelas que pode lidar com qualquer coisa neste mundo. Nossa amizade foi surpreendente, mas eu já fazia planos para nunca mais me desgrudar dela, depois do abraço e do consolo de mãe que ela me ofereceu, talvez sem saber como foi importante para mim. Naquele dia eu estava me sentindo extremamente solitária e perdida, principalmente após visitar o local da morte de Caio e de encontrar o Bernardo, que me trouxe lembranças da viagem, lembranças da morte de Gabe. Era como se o meu mundo tivesse cedido outra vez, eu estava pronta para sucumbir, para ser soterrada pelo desmoronamento, mas aí a Laura apareceu num momento perfeito e me resgatou. Nós não temos uma diferença muito grande de idade, porém, seu abraço me lembrou o abraço quente da minha mãe. Laura é como uma força que atrai todos à sua volta, quando ela lança seu feitiço sobre nós, não há ser humano que possa resistir. Ela é um lugar quente e aconchegante, que nos faz implorar por repouso. Às vezes, eu tinha muita dificuldade de entender como alguém que passou por tanta coisa ruim ainda conseguia ser como um facho de luz que dissipa a escuridão.

Joaquim se remexe no meu colo, percebo que ele dormiu. Com um gesto meu, Bernardo logo aparece para levá-lo para a cama. Quando ele faz isso, Natália se levanta e os segue, como uma marionete. Eu detestei essa mulher desde o primeiro dia, mas se a Laura podia suportá-la, não havia nada que eu pudesse fazer. A namorada

de Natália, acho que é Júlia o seu nome, observa a cena com cuidado, mas não faz nada além disso. Eu não posso evitar o pensamento de que ainda somos como crianças, ou adolescentes, tentando entender nosso próprio coração. Em alguns momentos, parece que ainda estou diante daqueles estranhos nos luaus que fazíamos no interior de Minas Gerais, estou mais uma vez presenciando amores não correspondidos, expectativas frustradas, identidades em ruptura, feridas mal cicatrizadas sangrando, medo do passado e receio pelo futuro. Será que algum dia vamos crescer de verdade? Será que crescer é ser melhor do que isso? Melhor do que ser como uma criancinha assustada?

Rafa e Manu se aproximam, nos abraçamos, enquanto juntas cantamos como nos velhos tempos. Rafa troca olhares com o cara do violão, então imagino que ele terá muito trabalho pela frente quando terminar essa canção. Eu quero rir da minha amiga, que nunca perde tempo. Eu quero rir para esse quadro que se repete, como se vivêssemos num looping eterno. Como diz a música, mudaram as estações, mas nada mudou, está tudo diferente, mas nada vai conseguir mudar. Ainda somos os mesmos. Talvez tenha alguma beleza nisso tudo no fim das contas, talvez possamos permanecer para sempre como as crianças bobas que somos, donos dessas certezas furadas que evaporaram quando expostas ao calor, vivendo neste mundo que faz tudo rapidamente virar pó.

*Brasília,
Lago Sul*

Eu amo esse homem, pensei. Não estava esperando nada muito grandioso, só uma cerimônia simples, na capelinha da minha cidade. Família e amigos, os mais próximos. Só. Em alguns anos, filhos. Uma vida simples. Quando nos conhecemos, naquela viagem doida, eu achei que não era nada demais. Naquele dia, saíam faíscas de seus olhos, ele queria me vencer. Ele me venceu. Depois, combinamos outras viagens, só nós dois. Foi incrível. Eu me apaixonei muito rápido, sem ver. Viajamos, comemos, jogamos, maratonamos filmes e séries, dançamos, transamos, brigamos e fizemos amor. A vida passava num slow motion dahora.

Eu acreditei que seria para sempre, até as coisas ficarem realmente sérias entre nós. Eu queria falar para o mundo como nos sentíamos, estava preparado para dar esse passo, mesmo tão assustador. Eu estava pronto para a capelinha, para os ternos branco e creme, para as flores, para os filhos, para pedir a benção de nossas famílias, e aceitar todas as consequências. Mas aí, os sentimentos dele, que pensei que fossem simples, tornaram-se complexos demais. Ele me afastou. Eu tentei entender, pensei que pudesse ser sua família, seus amigos, seu trabalho, suas crenças, sua identidade, a sociedade, seus traumas, suas dúvidas, ou tudo isso junto. Eu esperei. Eu esperei. Eu entendi. Eu esperei. No fim, ele só conseguiu me convencer de que não era nada disso, o problema real eram os seus sentimentos por mim. E se ele não me amava, não tinha nada que pudéssemos fazer.

Antes de partir, tentarei entender mais uma vez e perdoar, porque amar é muito difícil, é a coisa mais difícil que nos pode ser pedida.

*Brasília,
Lago Sul*

As pessoas começam a ir embora, outras ocupam os quartos vagos da casa de Bernardo, então decido procurar por ele. Após os problemas com o Chico, o Bernardo está muito mais preocupado com as pessoas que mantém por perto, então entram na sua casa só aqueles que realmente caminharam ao seu lado. Eu conheci algumas dessas pessoas, muitas delas falaram comigo sobre o ocorrido e demonstraram apoio. Talvez elas me achassem uma aberração também, mas disfarçaram muito bem quando vinham tentar me dar um pouco de conforto. Estou cansada, quero dormir, quero dar um beijo de boa noite no Bernardo antes de subir para o quarto, sei que ele precisará acomodar o restante de seus convidados até poder ir se juntar a mim. Quando eu o encontro, na cozinha, preciso de um momento para me recuperar.

Natália, claramente muito bêbada, talvez nem seja só álcool, está tentando beijar o Bernardo. Ela investe sobre ele, implorando para que ele a perdoe, para que possam voltar a ficar juntos, para que ele não tire o Joaquim dela. Natália argumenta que o filho é de ambos, não é só dele, e que o Joaquim precisa ver os dois juntos para crescer de forma saudável. Natália é patética, eu sinto pena dela. Bernardo tenta segurar seus braços, tenta acalmá-la, está irritado. Eu fico ali parada, observando a cena, até ele me notar.

“Laura?”, ele fala assustado. “Laura, eu...”

“Bernardo, você dá conta de resolver isso, não dá?”, eu lhe interrompo, tentando manter a minha calma.

Confuso, ele balança a cabeça, concordando.

Natália me olha, se detém por um momento. Chego a acreditar que ela vai correr na minha direção e fazer um escândalo, mas ela não consegue sair do lugar. Acho que nem andar direito ela consegue no estado em que se encontra.

“Então eu vou dormir, Bernardo”, digo. “Você cuida desse problema.”

Lanço um olhar de compaixão na direção dele e parto.

Essa mulher não tem o poder de estragar a minha noite, é uma pena que pareça ter conseguido arruinar a de Bernardo. Enquanto eu tomo banho, visto meu pijama e me deito na cama de Bernardo, fico pensando no que me fazia ter tanta certeza de que ele não ficava tentado com Natália, nesses momentos em que ela aparecia do nada e tentava beijá-lo. Será que ele ainda se sentia atraído por ela? Ela era uma mulher muito bonita, parecia uma modelo da televisão, seria impossível não se sentir tentado, nem que fosse um pouquinho. Então, como eu podia ficar tão segura em relação aos dois, sozinhos, principalmente após ambos terem bebido tanto? Se Bernardo me traísse, como eu me sentiria?

No escuro quase total do quarto, ouço Bernardo entrar, sinto seu corpo se aproximar do meu, sinto seu calor nas minhas costas. Ele beija meu rosto e pergunta se estou dormindo. Balanço a cabeça, sinalizando que não, mas não quero abrir meus olhos, já que estou um pouco sonolenta.

“Laura, me desculpe”, sussurra. “Não aconteceu nada, eu prometo.”

“Eu sei”, digo baixinho, tentando não espantar o sono.

“Você está chateada?”, ele beija meu rosto novamente.

“Não estou chateada com você”, falo. “Você não fez nada.”

Não posso ver, mas sei que ele sorri.

“Eu estou chateada com ela, Bernardo”, continuo. “Ela disse que queria ser minha amiga.”

“Eu sinto muito, amor.”

“Não acho que posso perdoá-la outra vez”, digo, enquanto me viro para abraçá-lo. “Ela se esquece com muita frequência de que você é só meu.”

Bernardo ri, dificultando meu sono. Então ele me aperta daquela forma sufocante.

“Vamos lembrá-la disso, meu amor”, ele fala, contente. “Vamos lembrá-la que eu tenho dona e que minha mulher pode ser assustadora quando quer.”

“Ela precisa entender isso com urgência”, brinco, cada vez mais sonolenta.

“Laura, não acha que esse é mais um motivo pra você morar aqui?”, ele tenta, aproveitando a oportunidade porque é muito esperto.

Novamente, sei que tem um sorrisinho torto nos lábios dele.

“O que eu vou fazer com você, Bernardo?”, brinco.

Ele fica sério de repente, sei disso por causa do silêncio em que ele nos coloca.

“O que foi?”, quero saber.

“Eu prometo que não vou deixar essa passar, meu amor”, beija meu cabelo. “Não vou continuar ignorando as atitudes dela. Nem acredito mais que ela possa continuar cuidando do Joaquim. Acho que preciso fazer alguma coisa”, ele suspira, parece cansado. “Laura, o que acha de você e do Joaquim virem morar comigo, definitivamente?”

Eu beijo seu peito, a parte do corpo dele que está mais perto da minha boca.

“Se o Joaquim vier morar aqui, eu venho também”, brinco. “Será muito mais divertido com ele aqui.”

Mas então eu percebo a merda que acabo de fazer, Bernardo poderia entender minhas palavras como bem quisesse. Eu espero, tentando encontrar uma oportunidade para me retratar.

Bernardo fica outra vez em silêncio, então eu saio do meu estado de sonolência e ergo meu rosto para lhe encarar. Mesmo com pouca luz, posso ver seu rosto. Ele sorri. Ele sorri para mim, me assustando. Bernardo me beija, um arrepio percorre minha espinha, ele está me beijando de um jeito calmo, carinhoso, como fez poucas vezes, então eu fico com medo de novo. Ele me solta, me olha como se pudesse enxergar minha alma, eu preendo a respiração.

“Laura, eu te amo”, diz sorrindo. “Eu te amo pra caralho, meu amor.”

Silêncio.

Silêncio.

Eu volto a respirar.

Merda! Que diabos vou fazer agora?

*Brasília,
DF*

Estou dançando no ritmo dessa música insana. Parece que ela foi escrita só pra mim. Fecho meus olhos, só quero esquecer a droga da minha vida.

*Outro rap, outro beck, outro beijo
Outros lábios pra poder provar
Uma cama com bem mais desejo
Outro mundo pra poder sonhar*

Joaquim, Bernardo, Júlia. Joaquim, Bernardo, Júlia. A merda da minha família. Bernardo, Joaquim, Júlia. Joaquim, Bernardo. O que eu vou fazer? O que eu vou fazer?

*Mais uma vez
Vai chegar em casa de madrugada
Outra vez
Mesma cena da semana passada
E o cheiro de álcool, como é que tá?
A cama tá arrumada mas vai dormir no sofá*

Que eu vou fazer agora? Como vou sair desse lugar horrível onde me enfiei? Eu não consigo ser uma mãe decente, não consigo ser uma namorada decente, não consigo ser uma filha decente. Como tudo ficou tão ruim assim? E se eu correr disso tudo e ficar aqui, onde posso ser eu mesma, onde posso dançar assim, sem julgamento, sem expectativas, sem frustração?

Fui uma decepção na vida dos meus pais, nunca atendi a nenhuma de suas expectativas. Mãe médica, pai deputado, eles esperavam mais de mim. Mas eu queria ver o mundo, queria outro lugar. Daí na adolescência comecei a viver do jeito que queria, conheci as pessoas que eu queria conhecer, saí, curti, bebi e aproveitei a droga da minha própria vida. Mas por que eles não me deixavam em paz? Será que eu estragava os planos ambiciosos do meu pai? Que merda ele queria ser agora? Presidente dessa república de merda? Ele não podia cuidar nem da própria família! Que piada!

Na faculdade, eu já não aguentava mais, aí ele apareceu. Bernardo. Ele era perfeito pra mim. Por que a Laura não consegue ver como ele é perfeito? Eu faria qualquer coisa que ele me pedisse, tinha um novo vício, uma nova droga, e essa droga era o Bernardo. A vida longe dele fazia menos sentido ainda. Pensei que o Joaquim nos manteria unidos para sempre, mas agora ele quer tirar o Joaquim de mim, quer nosso filho só pra ele, pra não precisar lidar comigo mais. Que egoísta! Depois de tudo que me fez passar. Por que ele não conseguia ver que só eu podia amá-lo como ele realmente é? Só eu posso aceitar tudo nele, por que ele não entende de uma vez? Não vai demorar muito até ele querer outra mulher, então é adeus, Laura! By, by, Laura. Eles vão voltar a ser só meus, o Joaquim e o Bernardo! Seremos só nós três outra vez!

Hoje eu não vou voltar pra casa. Hoje eu não sou mãe, não sou namorada, não sou filha, não sou ex, não sou ninguém. Sou só eu, sou só Natália. Como nos velhos tempos. Essa noite é só minha!

*Brasília,
DF*

Eu e Maria estávamos na sacada do meu apartamento, tomando vinho. A última garrafa que abri já estava pela metade. Nós conversávamos há horas, eu lhe contei sobre os desdobramentos da noite em que nos reunimos na casa de Bernardo, falei sobre Natália, falei sobre o convite que ele me fez. No fim, Maria riu, ela riu do meu medo.

“Pensei que você me entenderia melhor do que ninguém, Maria”, falo, um pouco triste. “Você não acha assustador?”

“É claro que é assustador, Laura”, ela rebate. “É a primeira vez que você se apaixona e o seu par romântico não é nada fácil de lidar.”

Eu seguro o riso, ela tinha razão.

“Então você também acha que eu me apaixonei?”, pergunto, incerta, tímida.

Maria me desarma com aquele par de olhos brilhantes.

“Você tem outro nome para isso aí que está sentindo?”, ela me acerta.

Não sei o que responder.

“Laura, você pode imaginar a sua vida sem o Bernardo?”, questiona.

“Posso”, respondo, sinceramente.

Maria suspira.

“Agora eu já sinto pena é do Bernardo”, ela ri.

Eu espero.

“Então me deixa reformular a pergunta, Laura”, ela prossegue. “Você escolheria viver longe dele?”

Eu penso um pouco na sua pergunta.

“Acho que eu faria essa escolha se precisasse fazer, Maria.”

“Sim, mas você não precisa necessariamente fazer tal escolha, certo?”, ela instiga. “Vocês são livres e gostam um do outro, então não existe nenhuma força maior te impelindo para longe dele. Neste caso, num cenário assim favorável, o que você escolheria, Laura?”

As perguntas dela são difíceis de responder, e eu nem sei se comprehendo direito o que ela está dizendo.

Maria ri de mim quando continuo em silêncio tentando decifrar a sua charada.

“Laura, você pode viver sem o Bernardo, mas você quer viver sem ele?”, pergunta enfim, simplificando tudo.

“Eu estou com medo, Maria”, confesso. “Nada que amei permaneceu na minha vida por muito tempo, então por que vou deixar o Bernardo entrar no meu coração só para arrancá-lo de lá depois?”

Maria se entristece por mim.

“Você consegue confiar nele, Laura?”

“Não, eu não consigo confiar em alguém que me deixa tão vulnerável”, digo, com lágrimas nos olhos. “O nível de exposição ao qual o Bernardo me coloca é muito perigoso pra mim, Maria.”

Ela também está quase chorando.

“Então o que você vai fazer?”

“Eu não sei”, responde sinceramente.

Ficamos em silêncio, até Maria dizer:

“Eu nunca pensei que defenderia alguém como o Bernardo”, inicia. “Eu costumava ter horror ao tipo dele, mulherengo, beberrão, inacessível, sabe? Até eu perder o Gabe, até eu conhecer a verdade sobre ele. Então estou numa fase em que tento entender melhor os outros, Laura”, ela faz uma pausa, parece se lembrar de alguma coisa. “Eu reparo na forma como ele olha você, como ele cuida de você, Laura. Acho que são os pequenos gestos que contam, como servir a sua bebida antes da dele, como cortar o bife no seu prato, como separar algumas azeitonas e cerejas da própria refeição apenas porque você gosta delas, como perceber quando você não está bem e perguntar o que ele pode fazer para aliviar o seu mal-estar, como beijar a sua testa e não só a sua boca. E o Bernardo não abriu só as portas do carro, casa e cômodos para você, Laura, ele também escancarou as portas do coração dele. Então, ainda que você esteja apavorada, talvez valha a pena correr o risco, como um investimento de alto risco desses que você lida diariamente no ministério, sabe?”

Ela ri, enquanto nós duas choramos.

“Também sei que você faz um bem danado na vida dele, Laura, como faz na de todos à sua volta, ainda que os imbecis não percebam”, prossegue, após outra pausa. “Você estava me falando no outro dia sobre a sua vontade de encontrar um ser humano perfeito, um adulto modelo no qual pudesse se inspirar. Naquele dia, fiquei pensando: daqui de onde eu vejo o mundo, você é esse ser humano perfeito, Laura”, Maria ergue sua taça para mim. “Você é esse ser humano especial que tanto procura, Laura. E você não pode tirar isso de mim agora, por isso teremos que ser amigas para o resto da vida, entendeu?”

Ela ainda está chorando, assim como eu. Então me lembro de quando nós nos conhecemos, me lembro da forma como me senti perto dela, e percebo que eu tinha razão, a Maria era mesmo minha família.

*Brasília,
DF*

Eu não estava muito a fim de trocar de terapeuta, começar tudo de novo, ficar um tempão encarando um desconhecido até aprender um pouco sobre ele, até começar a entender o que significava suas microexpressões, seus gestos e entonação vocal. Eu não sabia se aguentaria tudo de novo, a sensação de estar exposta, nua. Mas era preciso encarar, pelo meu bem, porque eu queria tomar decisões diferentes de agora em diante. Eu precisava conseguir superar essa perda.

Quando entro em seu consultório, vou logo me deitar, porque não quero encarar seus olhos, pelos menos não imediatamente. Seguindo seus protocolos e receitas, ele inicia a sessão, então novamente minhas emoções começam a jorrar de dentro de mim. Eu me lembro da difícil decisão de terminar meu relacionamento pouco saudável com a Nati, me lembro da despedida dolorosa do Joaquim, me lembro de chegar sozinha em casa e recolher todos os objetos da nossa vida juntas. Fotos, ursinhos, presentes, calendários com datas marcadas, escovas de dentes, sabonetes, shampoos, roupas e pijamas. Eu precisava me livrar disso tudo, se quisesse ficar bem. Qualquer objeto, por mais insignificante que pudesse parecer, despertaria uma esperança que não devia existir. Dessa vez, não. Dessa vez, eu não vou aceitar tudo de novo. Eu não posso mais lidar com seus dramas familiares, com sua dificuldade em receber ajuda, com suas inseguranças em relação ao Joaquim, mas principalmente, eu não conseguia lidar mais com o seu amor doentio por Bernardo. Eu já entendi e aceitei demais, agora era preciso terminar de uma vez, era preciso seguir em frente.

O terapeuta diz qualquer coisa, então percebo que eu ainda não comecei a falar com ele. Estou falando comigo mesma, tudo está jorrando, mas só dentro de mim. Eu peço um instante, então adormeço. A terapia fica para outro dia.

*Brasília,
DF*

Estou quase terminando meu café quando Pablo entra na cozinha. Estamos só nós dois, então percebo que ele fica desconfortável. Eu continuo bebendo meu café, sem pressa, está quase terminando, logo poderei nos liberar da situação embaraçosa. Embora não tenhamos tido qualquer outro conflito como o de antes, e tenhamos seguido trabalhando com o respeito necessário, todas as vezes em que nos encontrávamos em ambientes como esse, era quase palpável o seu desconforto. Hoje, no entanto, ele não está só desconfortável, parece que quer me dizer algo. Ele tem o tempo que durar o restante do meu café.

“Laura, a minha esposa espera uma menina”, ele começa, quase me assustando. “Descobrimos o sexo meses atrás.”

Eu penso um pouco, tentando tomar cuidado com minhas palavras.

“Parabéns, Pablo”, digo. “Tomara que ela venha com muita saúde.”

Ele assente levemente.

“Eu fiquei perdido quando descobri que era uma menina”, continua. “Fiquei com medo de não conseguir cuidar dela direito.”

“Mas você já tem dois meninos, não tem?”, questiono, recebendo um olhar de surpresa, porque ele não esperava que eu soubesse muita coisa sobre a sua vida.

“Sim, eu tenho”, continua, quando se recupera. “Só que ser pai de menino é diferente, os pirralhos se criam meio que sozinhos, se você deixar eles no quintal com os cachorros, eles dão um jeito de se virar.”

Eu rio, ele me acompanha, ainda envergonhado.

“Então eu estive pensando que se a minha filha estiver um dia na mesma posição da Bibi, eu gostaria que ela tivesse alguém como você por perto, para defendê-la”, a voz dele falha um pouco, mas Pablo continua. “Laura, eu quero me desculpar com você por aquela vez. Sei que já devia ter feito isso há muito tempo, espero que não seja muito tarde.”

Eu analiso a sinceridade das suas palavras por alguns instantes e acabo escolhendo acreditar nelas.

“Pablo, você sabe a diferença entre igualdade e equidade, não sabe?”, questiono, num tom ameno.

Ele fica confuso com minha pergunta, mas acaba balançando a cabeça num gesto de afirmação.

“No futuro, se você for responsável por uma equipe, você será capaz de entender que nem todos possuem as mesmas condições?”, prossigo. “Você será capaz de frear um comportamento inaceitável como o que arrasou a Abigail na época, principalmente se ocorrer num ambiente pelo qual você precisa zelar?”

“Laura, eu não entendo”, diz confuso.

“Eu sei que você trabalhou mais do que todos aqui para assumir o meu cargo”, explico, vendo mais vergonha brotar de seu rosto. “Sei que você se sentiu injustiçado, mas também sei que você continuou trabalhando muito, mesmo depois de todos os nossos problemas.”

Ele concorda, ainda perdido, ainda envergonhado. Eu analiso suas reações por um momento.

“É por isso que estou indicando você ao meu cargo, Pablo”, continuo. “Como você já deve saber, o diretor da nossa unidade pediu exoneração, então eu fui nomeada para o seu cargo. Com isso, preciso indicar alguém para o meu, e minha indicação é você.”

Pablo começa a chorar incontrolavelmente. Eu aguardo um pouco, quando ele se recupera, eu prossigo:

“Você ainda vai precisar encarar algumas etapas chatas desse processo, mas tenho certeza de que o cargo é seu, se você quiser.”

Ele continua emocionado, não sabe o que dizer. Acho que ainda não consegue falar. Dessa forma, eu prossigo mais uma vez:

“Quanto à sua menina, tente ser o homem que ela gostaria de conhecer no futuro, essa balela freudiana faz sentido algumas vezes”, brinco. “Se ela tiver bons exemplos em casa, se ela for amada por sua família, ela deve reconhecer o amor quando chegar a hora, e talvez assim ela seja capaz de amar sem se machucar.”

Pablo volta a soluçar, eu espero um pouco. Quando ele se acalma, eu finalizo:

“Cuide da minha equipe, por favor, eles são muito bons no que fazem”, caminho em direção à porta. “Eu só não consigo deixar o Dudu, então ele vai comigo, entendido?”

Pablo ri, mas antes que eu possa cruzar a porta, ele consegue me chamar com sua voz embargada.

“Muito obrigado.”

Eu aceno com a cabeça, então parto. Ele ainda permanece na cozinha por alguns minutos, tentando se recuperar.

Eu continuava enfrentando o mesmo ambiente hostil, bastou minha nomeação para o cargo de diretora da unidade que começaram os mexericos outra vez, com os retoques e ajustes necessários. Andavam dizendo que eu só conseguia o cargo por causa do Bernardo, que eu só conseguia o cargo por causa da cor da minha pele, que eu só conseguia o cargo porque eles precisavam de uma mulher para melhorar a imagem a instituição. Inventavam as desculpas mais esdrúxulas, que podiam até ter um pouco de sentido, mas minha competência nunca era ressaltada. Mais uma vez, eu teria que esperar para fazê-los engolir o que falavam. Pelo menos, não estava com pressa, podia fazer isso devagar, saboreando cada momento. Enquanto o mundo em que as mulheres não precisam se provar sob tamanha pressão não chega, eu vou continuar fazendo tudo do jeito que bem entender. Eu ainda não tenho nada a perder, porque o status e o poder que vêm com o novo cargo não podem me dominar, porque aqueles que me amam, o fazem incondicionalmente, e porque se no futuro eu me encontrar novamente sozinha no chão, eu consigo me levantar. Eu posso confiar em mim mesma, essa é a única certeza que eu tenho.

Hoje é o último dia de Bernardo no ministério, ele está muito feliz, não via a hora de correr daqui para sempre. Ele finalmente vai tirar alguns dias para descansar, depois de trabalhar à exaustão. Nosso projeto segue para a fase de implementação, então outra unidade ficará responsável por verificar a destinação dos recursos. Mesmo assim, eu e Bernardo nos comprometemos a fiscalizar o processo, então não é como se o nosso trabalho estivesse de fato acabado.

Enquanto subo para seu escritório no piso superior, reexamo mentalmente a surpresa que preparei para ele no meu apartamento. Não é nada demais, só um jantar mais romântico. Espero que possamos conversar um pouco e que eu possa enfim explicar algumas coisas. Bernardo tem sido muito paciente comigo, eu precisava reconhecer isso. Eu ainda sentia medo, mas não quero mais ficar tão perdida, por isso decido caminhar com medo mesmo. Ainda que eu não possa confiar nas pessoas, confiarei em mim mesma, a única pessoa que conheço o suficiente.

Quando entro na sua sala vejo os rastros de uma despedida que deve ter acontecido há muito pouco tempo. Há garrafas de espumante abertas em cima da sua mesa, taças usadas espalhadas pelo caminho e serpentinas no chão. Ele tem um sorriso enorme, acho que mal pode esperar pelo fim do dia. Seguro o riso, enquanto sigo na sua direção para abraçá-lo.

“Essa merda acabou!”, ele grita, enquanto gira comigo em seus braços.

Quando ele me coloca no chão estou um pouco zonza, mas recupero meu equilíbrio.

“Deve ter sido horrível mesmo a experiência”, eu debocho.

Ele beija minha testa.

“A única coisa boa desse lugar é você, meu amor.”

Eu seguro suas mãos, beijo cada uma delas, então o encaro.

“Nós vamos comemorar sua liberdade na minha casa hoje à noite”, digo. “E você não tem a opção de declinar o meu convite.”

Bernardo me beija.

“Eu seria louco se recusasse um convite desses”, ele responde, logo depois. “Eu já disse um milhão de vezes, meu amor, mas vou repetir: você tem o que quiser de mim.”

Eu sabia que ele ainda estava esperando minha resposta, tanto para a sua ideia de morarmos juntos quanto para sua declaração. Eu pensei que ficaríamos num clima estranho depois daquela noite, porque eu não consegui dizer nada, porém, ele continuou paciente, me surpreendendo muito. Hoje, finalmente serei capaz de respondê-lo.

“Eu não me importo em ouvir outro milhão de vezes”, brinco.

Ele não se aguenta, então me beija de novo.

Hoje, vamos embora daqui juntos, sairemos de mãos dadas e recordaremos nossa história enquanto cruzamos cada ambiente. Elevador, cozinha, corredores, saguão, porta, rua. Tudo isso vai nos lembrar do caminho que percorremos até montarmos essa nossa coleção de instantes que eu não quero que acabem.

*São Paulo,
Zona Leste*

Escrevo minha última cena, salvo o arquivo. Está pronto. O meu texto está pronto. O nome do livro? Eu já sabia há muito tempo. Bergmann.

É para você, Gabe.

É para os nossos amigos.

É para a nossa geração azarada, população economicamente ativa, que sustenta a Previdência Social.

É para a geração seguinte, que quer liberdade.

É para o lugar que ocupamos entre elas, a depender da perspectiva.

É para aqueles que não deram certo, como acusa a sociedade.

É para aqueles que deram certo, se ainda assim encontrarem-se infelizes.

É para aqueles que lutam incansavelmente mas nem sempre conseguem ver resultados.

É para todo coração de pedra que no fundo só espera ser derretido.

É para aquelas que são para casar.

É para aquelas que não são para casar.

É para que essa crença se exploda, junto com todas as outras formas de crueldade.

É para que façamos uma prece pelo fim da perversidade.

É para qualquer pontinha de esperança que possa existir num mundo cruel, facho de luz que dissipá a escuridão.

É para o fim, que sempre nos alcança.